

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

Ana Paula Sehn

**A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE CULTURAL:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE LINHA
ANDRÉAS, EM VENÂNCIO AIRES, RS**

Porto Alegre

2013

Ana Paula Sehn

**A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE CULTURAL:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE LINHA
ANDRÉAS, EM VENÂNCIO AIRES, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi.

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe Substituto: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

Vice-Coordenadora: Profa. Me. Glória Isabel Sattamini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

S454m Sehn, Ana Paula

A Memória Social e a Identidade Cultural : um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS / Ana Paula Sehn. – Porto Alegre, 2013.

116 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi

1. Biblioteca comunitária 2. Memória Social 3. Identidade Cultural
I. Morigi, Valdir Jose. II. Título

CDU 316.6 (816.5)

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcellos, 2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS)

Telefone/fax: (51) 3308-5143 / (51) 3308-5435

E-mail: dci@ufrgs.br

Ana Paula Sehn

**A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE CULTURAL:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE LINHA
ANDRÉAS, EM VENÂNCIO AIRES, RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 4 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir Jose Morigi (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Hans Ulrich Gustav Kaup
Bibliotecário do Goethe Institut Porto Alegre, CRB 10/2000

Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico à minha família, por me nutrir com amor e sonhos.
À minha mãe, intelectual perseverante, que partiu de uma colônia alemã com recursos escassos, em busca do sonho de ser professora... eterno exemplo!
Ao meu namorado Emerson, pelo apoio e amor incondicionais.

AGRADECIMENTOS

À minha família que aconchegantemente me acolheu durante a elaboração deste trabalho. À minha irmã Gabriela pelo apoio e conversas, ao meu irmão “Binho” pelas caronas, ao meu pai Paulo, *in memmorian*, pelo seu amor e à minha mãe, Adelina Puhl Sehn, por sempre acreditar em mim e torcer por meu melhor.

Ao meu namorado Émerson Zanoni por insistir na feitura do vestibular que ocasionou meu ingresso no curso de Biblioteconomia, por me acompanhar ao longo dos quatro anos de curso, pelo seu amor e compreensão.

Aos meus queridos amigos do Centro Budista Caminho do Diamante, de Porto Alegre, pela convivência e aprendizados constantes.

Ao Grupo de Danças Tradicionais Gaúchas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (TCHÊ UFRGS), pelas noites e dias divertidos de ensaios, viagens, conversas, risadas e aprendizado das nossas danças, coordenado pela querida e criativa professora Malu Oliveira, que de coração instiga a interação do grupo, o conhecimento e a prática do tradicionalismo, tornando tudo apaixonante! Essa convivência propiciou momentos importantes de descontração e alegria.

Ao professor Valdir Jose Morigi que me aceitou como sua bolsista de Iniciação Científica no projeto Porto Alegre Imaginada em 2010 e me acolheu na orientação deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sempre tão compreensivo e motivado. Eu sou sua fã!

Aos professores do curso, por seus ensinamentos e atenção.

Aos doutorandos Patrícia Mallmann, Joel Felipe Guindani e ao já doutor Cristóvão Almeida, por seus acompanhamentos e conselhos em diversos momentos. Guardo-os no meu coração.

Aos queridos colegas e amigos de curso, Geise Ribeiro da Silva, Luciano Tavares, Adaiane Oliveira, Luciana Monteiro, parceiros de troca de ideias, de eventos culturais e almoços, além dos trabalhos acadêmicos.

Às bibliotecárias dos locais de estágio, sempre muito atenciosas. Estas experiências consolidaram o aprendizado e a segurança necessária para o exercício da futura profissão. À bibliotecária e ex-colega de curso, Cyntia Wesffl, pelos conselhos.

À Bibliotecária Rosária Costa, da Biblioteca Pública Municipal de Venâncio Aires, pela recepção e acolhimento na biblioteca quando da busca de fontes de

informação sobre o município, pelo empréstimo pessoal de livros, pelas horas de conversa sobre a temática do trabalho, pelos esclarecimentos e pela amizade.

À Cleiva Heck, por ter sido a primeira pessoa a me apresentar aos membros da Sociedade de Linha Andréas, por ajudar na inserção na comunidade e à Loni Posselt Pohl, por ter articulado os primeiros contatos com os entrevistados.

À comunidade e aos membros da Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, pela acolhida e confiança à minha pessoa, abrindo as portas de suas casas, da Sociedade e da biblioteca comunitária, sem hesitação, em especial ao presidente Anilo e sua esposa Lovani Serafini.

A todos os “caroneiros”: Cleiva Heck, pelas primeiras caronas à Localidade, ao meu irmão Fábio Roberto Sehn que se prontificou a me levar de Venâncio Aires à Linha Andréas pela manhã e me buscar à noite; à Neuci, de Vila Deodoro, pela carona até Linha Andréas, morro abaixo pela estradinha sinuosa de chão batido em dia de chuva e à Iolandi Schimidt, pelo caminho inverso e acolhida.

À Eara Henckes e família, de Linha Andréas, pelos pernoites, almoços, conversas e apoio para a execução do trabalho.

Às pessoas que fizeram a tradução dos títulos de livros da língua alemã: Adelina Puhl Sehn, Émerson Zanoni, Sidônia Gollman e Silecia Gollman. Um agradecimento especial ao Senhor Edmundo Dattein, que traduziu parte da ata de fundação da Sociedade - *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio* - de 1892. A colaboração de cada um facilitou o entendimento temático dos livros, que os alemães liam e quais os seus registros. Esse apoio amenizou essa árdua tarefa. Muito grata!

À historiadora Hilda Agnes Hübner Flores, pelas trocas de ideias, pelo fornecimento de capítulos do *Zum 50 Jährigen Jubiläum*, traduzido e pelas prontas respostas às dúvidas da língua alemã.

À banca, Lizete Dias de Oliveira e Uli Kaup, por aceitar de forma acolhedora o convite para avaliação deste trabalho.

Danke schön!

Boa leitura!

"[...] toda a leitura faz parte dos meus lazeres:
faz parte, por conseguinte, do que me liberta de mim mesmo,
do que me permite passear pelas ciências e pelas almas alheias
[...]

Permitirei eu que um pensamento estranho suba secretamente pelas paredes?
- E isso é que é ler...

Aos tempos de trabalho e de fecundidade segue-se o tempo da recreação:
vinde a mim, livros agradáveis, espirituosos, reverenciados!
- Haverá livros alemães assim?..."

Friedrich Nietzsche
(Ecce homo, 1888, p. 30)

RESUMO

Investiga a biblioteca comunitária na construção da memória social e no fortalecimento da identidade cultural. Objetiva compreender como a Biblioteca Comunitária da Associação de Leitura, Canto e Jovialidade (A.L.C.J) de Linha Andréas, em Venâncio Aires, Rio Grande do Sul (RS) auxilia na construção da memória social e fortalece a identidade cultural da comunidade. Trata de um estudo de caso como delineamento de pesquisa. Utiliza como instrumento de coleta de dados: entrevista por pautas, pesquisa documental e observação participante. Analisa os dados por meio de análise de conteúdo. Reflete sobre as bibliotecas comunitárias, memória social, identidade cultural e leitura. Apresenta o caso da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, RS, contextualizando e caracterizando a imigração alemã na Localidade, a Associação e a Biblioteca. Conclui que a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas fica relegada a seu espaço dentro da sede que, por último, a acolheu, esquecida pelo hábito da leitura, mas presente como patrimônio cultural, mantendo viva a lembrança de um passado de outras terras, da língua, da cultura e da leitura, reforçando laços identitários por meio do seu acervo de língua alemã. Alguns sócios gostariam que os livros fossem embora, pois ali estão “mortos”, mas outros não permitem, pois o acervo faz parte de sua história, pertence a eles e ao lugar, um lugar de memória.

Palavras-chave: Biblioteca Comunitária. Memória Social. Identidade Cultural.

ZUSAMMENFASSUNG

Die Nachbarschaftsbibliothek wird untersucht im Hinblick auf ihre Rolle bei der Bildung eines sozialen Gedächtnisses und der Stärkung der kulturellen Identität. Ziel ist es zu verstehen wie die Nachbarschaftsbibliothek des Vereins Lesen, Gesang und gesellschaftliche Zusammenkünfte der Linie Andreas in Venancio Aires, Rio Grande do Sul zur Bildung des sozialen Gedächtnisses und der kulturellen Identität der Gemeinde beiträgt. Es ist eine Fallstudie als Entwurf einer Untersuchung. Zur Datensammlung wird benutzt: thematische Interviews, Erforschung der Dokumente und teilnehmende Beobachtung. Eine Analyse des Inhalts wird vorgenommen. Nachgedacht wird über Nachbarschaftsbibliotheken, soziales Gedächtnis, kulturelle Identität und Lesen. Dargestellt anhand der Nachbarschaftsbibliothek Linha Andreas, RS, im Kontext und charakterisiert durch die deutsche Einwanderung am Ort, des Vereins und der Bibliothek. Ich habe festgestellt, die Nachbarschaftsbibliothek Linie Andreas wurde vergessen an ihrer letzten Heimstätte, auch wegen des Wandels der Lesegewohnheiten, bleibt aber gegenwärtig als kulturelles Erbe, die Erinnerung bewahrend an eine Vergangenheit in einem anderen Land, einer anderen Sprache und Kultur. Damit werden Bindungen an eine Identität gestärkt mittels des Bestandes in deutscher Sprache. Einige Vereinsmitglieder würden die Bücher gern entfernen, das "tote Holz", aber andere möchten den Bestand erhalten als Ausdruck der Geschichte, der lokalen Bedeutung und des kulturellen und sozialen Gedächtnisses

Schlüsselwörter: Nachbarschaftsbibliothek. Soziales Gedächtnis. Kulturelle Identität.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio</i>	50
Figura 2 – Livro de protocolo	54
Figura 3 – Sede da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade, inaugurada em 1933	55
Figura 4 – <i>Tagebucher aus Vier Weltteilen</i> , de 1926. Comprado por meio da Livraria Hermann	56
Figura 5 – Estatuto Social, de 2005	58
Figura 6 – Atual sede da A.L.C.J., de Linha Andréas, RS	59
Figura 7 – Reforma da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.	60
Figura 8 – Acervo da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J	60
Figura 9 – <i>Deutscher Adel</i> , na língua alemão gótica	61
Figura 10 – 19 <i>Grablieder für Männerchor</i>	63
Figura 11 – Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J	64
Figura 12 – Registros do Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J	66
Figura 13 – Carimbos da Sociedade	67
Figura 14 – Registros de livros na língua alemã, no catálogo	68
Figura 15 – Capa, falsa folha de rosto e folha de rosto do <i>Schlossers Weltgeschichte</i>	69
Figura 16 – <i>Orientalische Vörlker</i>	71
Figura 17 – <i>Vorwort und alle Rechte vorbehalten</i>	72
Figura 18 – <i>Die Grossmächte: das Deutsche Reich</i>	73
Figura 19 – <i>Layout Weltgeschichte</i>	73
Figura 20 – Catálogo: descartada coluna do número do volume	74
Figura 21 – Catálogo: descartada coluna do número de obra	75
Figura 22 – <i>Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens</i> , de 1901	75
Figura 23 – Localização <i>Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens</i>	78
Figura 24 – Capa original <i>Bibliothek der Unterhaltung...</i>	78
Figura 25 – Registro <i>Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens</i>	79
Figura 26 – Registros do título <i>Fritz Reuters Heistimuke</i>	80
Figura 27 – Parte avulsa do Catálogo	81
Figura 28 – Outra parte avulsa do Catálogo	82

Figura 29 – O Caçador de Gorilas	82
Figura 30 – <i>Aus meinem Leben</i> , de 1914	84
Figura 31 – <i>Die Dirne und Ihr Anhang</i> , de 1912	85
Figura 32 – <i>Der Floh und der Geiger</i> , de 1923	85
Figura 33 – Arundel, de 1955	86
Figura 34 – <i>Compagnie der Königs</i> , de 1890	86
Figura 35 – Encadernação de H. L. Stange e Otto Waclawosky	87
Figura 36 – <i>Diagnosen</i> , de 1981, livro mais recente encontrado	87
Figura 37 – <i>Den Christlichen Staat</i> , de 1875, livro mais antigo encontrado	88
Figura 38 – O Tesouro do Arroio do Conde, de 1933	88

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS	18
2.1	ABORDAGEM DA PESQUISA	18
2.2	TIPO DE PESQUISA	19
2.3	DELINEAMENTO DA PESQUISA	20
2.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA E REGISTRO DE DADOS	20
2.4.1	Entrevista	20
<u>2.4.1.1</u>	<u>Sujeitos da pesquisa</u>	<u>21</u>
<u>2.4.1.2</u>	<u>Entrevista por pautas</u>	<u>22</u>
2.4.2	Pesquisa documental	24
2.4.3	Observação participante	26
2.4.4	Registro e orientação do Caso: auxiliares à memória do pesquisador	27
<u>2.4.4.1</u>	<u>Diário de campo</u>	<u>27</u>
<u>2.4.4.2</u>	<u>Protocolo</u>	<u>29</u>
2.5	ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	30
2.6	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	31
3	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE CULTURAL	33
3.1	BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS	33
3.1.1	Delimitações conceituais e de origem: um outro tipo de biblioteca?	33
3.1.2	Objetivos: a comunidade em foco	38
3.1.3	A biblioteca comunitária como elemento social e lugar de memória	41
3.2	MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE CULTURAL	42
3.3	LEITURA	44
4	A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE CULTURAL:	

	O CASO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE LINHA ANDRÉAS, EM VENÂNCIO AIRES, RS	46
4.1	A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM LINHA ANDRÉAS	46
4.2	A ORIGEM: COMUNIDADE, SOCIEDADE E BIBLIOTECA	49
4.3	A BIBLIOTECA: ESPAÇO, ACERVO E IMPORTÂNCIA	59
4.3.1	O espaço	59
4.3.2	O acervo	61
<u>4.3.2.1</u>	<u>Os livros: o que existe na biblioteca</u>	<u>62</u>
<u>4.3.2.2</u>	<u>O catálogo: análise de composição</u>	<u>64</u>
<u>4.3.2.3</u>	<u>Livros e catálogo: evidências</u>	<u>83</u>
4.3.3	A importância para a comunidade	89
4.4	AS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA	92
4.5	A IMPORTÂNCIA DO ACERVO E DA LEITURA	98
4.6	AS MOTIVAÇÕES EM MANTER A BIBLIOTECA	103
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	111
	APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido	115
	APÊNDICE B – Roteiro de entrevista por pautas	116

1 INTRODUÇÃO

Venâncio Aires é um município distante 130 quilômetros (km) da Capital Porto Alegre e com uma situação peculiar. Situa-se no aspecto físico-cultural, na Bacia Hidrográfica do rio Taquari-Antas e no aspecto econômico e político-administrativo, na região do Vale do Rio Pardo. Dessa maneira, pode estar inserido em um ou outro conjunto espacial. O município apresenta seus limites traçados ao leste pelos municípios de Mato Leitão, Cruzeiro do Sul e Bom Retiro do Sul; ao oeste com Santa Cruz do Sul; ao norte, com os municípios de Boqueirão do Leão, Santa Cruz do Sul e Sério; ao sul com General Câmara, Taquari, Passo do Sobrado e Vale Verde. Totaliza 728,45 Km e mais de 60.000 habitantes. (VOGT; GELLER, 2004). Venâncio Aires é integrado por nove distritos, sendo o primeiro, a sede, seguidos de Mariante, Deodoro, Santa Emília, Centro Linha Brasil, Palanque, Linha Arlindo, Vale do Sampaio e Estância Nova.

O município de Venâncio Aires localiza-se na transição entre duas macrounidades do relevo do Rio Grande do Sul (RS): a Depressão Central Gaúcha e o Planalto Arenito Basáltico. A depressão caracteriza a região como uma superfície rebaixada e aplanada por prolongados processos erosivos, posicionada entre os terrenos pouco mais elevados dos planaltos, com formas aplanadas de relevo e colinas baixas. Os planaltos se constituem em superfícies topográficas irregulares, com altitude superior a 300 metros (m), caracterizados por formas residuais decorrentes de prolongados processos erosivos. Dentre as belezas naturais existentes, destaca-se o *Zuckerhut* (Chapéu de Açúcar), que é um dos morros mais altos do município, localizado no 6º Regimento, Distrito de Vila Deodoro. O *Zuckerhut*, além de proporcionar a visão dos vales colonizados por imigrantes alemães e seus descendentes, proporciona acompanhar o curso do arroio Sampaio, (VOGT; GELLER, 2004), nascente próxima ao Vale do Sampaio, que integra a localidade de Linha Andréas, espaço geográfico onde se realizou este estudo.

A atual Capital Nacional do Chimarrão, Venâncio Aires, teve seu povoamento por volta do ano de 1800 por açorianos. Por volta de 1853, chegaram os imigrantes alemães provenientes de outras colônias e da Europa. A partir desta data, alguns donos de sesmarias passaram a lotear as terras, transformando-as em colônias exploradas por imigrantes e descendentes de alemães. Estabelecidos

preferencialmente no Vale do Sampaio, os alemães de dedicaram à agricultura e foram os responsáveis pela criação de sociedades que existem ainda hoje como espaço de integração, entretenimento, cultura e lazer nas colônias. (PREFEITURA..., 2012).

O imigrante alemão desde o início demonstrou forte tendência a resolver em comum suas dificuldades, como estava habituado na Europa. O desejo de conviver com outros após uma semana de trabalho, a necessidade de encontrar meios adequados para legar cultura e espiritualidade germânica a seus descendentes, o estabelecimento de medidas previdenciárias, levou o imigrante a desenvolver seu espírito associativo de maneira genuína e intensa. Venâncio Aires, juntamente com Santa Cruz do Sul, constituem os municípios que maior número de sociedades possuía em 1924, ano do Centenário da imigração Alemã. As 48 sociedades existentes em Venâncio Aires, em 1924, estavam distribuídas entre a sede e 20 localidades interioranas, constituindo sociedades de leitura, canto, defesa, música, bolão, damas, entre outras. (FLORES, 1983). Algumas destas sociedades sobreviveram, como é o caso da atual Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas (A.L.C.J.), em Venâncio Aires, RS, chamada por seus sócios de Sociedade,¹ devido às origens do próprio nome, o que está explicitado no capítulo correspondente.

A Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, com sede própria construída em 1933, abriga uma biblioteca comunitária formada pelos imigrantes alemães e seus descendentes, com raros livros escritos em alemão e alemão gótico, encomendados e trazidos da Alemanha pelos próprios imigrantes que formaram a comunidade no século XIX. Pela peculiaridade da origem da Biblioteca de Linha Andréas e de seu acervo, resolveu-se estudá-la. Além disso, trata-se da primeira e única biblioteca conhecida na região do Vale do Rio Pardo com essas características. Não há registros recentes sobre o papel e importância da sua manutenção para comunidade. Um significativo estudo foi realizado na Sociedade pela historiadora Hilda Agnes Hübner Flores, sobre a formação e desenvolvimento sócio-cultural de uma comunidade teuta, resultado na sua dissertação do curso Mestrado em História da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do SUL (PUCRS). O livro *Canção dos Imigrantes* (FLORES,

¹ A Associação de Leitura e Canto Jovialidade é referenciada como Sociedade ao longo do trabalho, já que esta denominação prevalece entre os sócios, a comunidade da localidade e do município.

1983) constitui-se em um estudo dentro da temática imigratória com enfoque especial à canção, fator de identidade étnica do qual se utilizou o imigrante alemão como instrumento de controle social e de elevação sócio-cultural. Em sua obra, Hilda Flores dedica duas páginas à leitura.

Tomei conhecimento da existência da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, na ocasião da realização do 23º Fórum Gaúcho pela Melhoria das Bibliotecas Escolares, realizado no município de Venâncio Aires, na data de 1 de julho de 2011. Dias antes, recebi uma ligação de minha mãe que mencionou a descoberta de uma biblioteca no interior do município, com acervo em alemão gótico, o que me despertou curiosidade e grande interesse. Propus-me a ir ao município, pois além do interesse no Fórum e do almejo em conhecer a biblioteca, minha família reside na cidade, sendo assim, uma oportunidade de reencontrá-la. No término do Fórum, representantes de entidades presentes no evento, Conselho Regional de Biblioteconomia da 10ª Região (CRB/10) e Goethe Institut, de Porto Alegre, foram convidados a conhecer a biblioteca, convite que me foi estendido por estes representantes.

Conduzidos ao local, nos deparamos com um antigo salão de madeira e adentro uma mesa grande com livros expostos. Entre folhear livros e conversas, surgiu o vislumbre de um tema para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Biblioteconomia - o estudo da formação da biblioteca com acervo em alemão gótico e sua importância para a comunidade local. Essa ideia inicial me despertou interesse, devido à peculiaridade do acervo, o relato da formação da biblioteca pelos imigrantes alemães, a proximidade com a residência de minha família e a afinidade cultural, pois sou descendente de alemães e identifiquei, no meu histórico familiar, os encontros de leitura e de canto, a preservação das raízes e da tradição da cultura germânica. Desde então, tenho estabelecido contatos com as pessoas da comunidade, conhecendo e viabilizando meios para a pesquisa.

As bibliotecas comunitárias configuram-se um tema pouco abordado nas produções científicas em âmbito nacional, bem como nos trabalhos de conclusão de curso de Biblioteconomia da UFRGS. Constitui um assunto que necessita ser pesquisado na área de Ciência da Informação e afins. Portanto, o papel da Biblioteca da Associação de Leitura, Canto e Jovialidade de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, para a construção da memória e fortalecimento da identidade cultural da comunidade, mostra-se como uma investigação significativa pela

contribuição à literatura acadêmica sobre bibliotecas comunitárias, sua formação e interação com a comunidade. Corrobora também para a vida profissional dos bibliotecários e estudantes de Biblioteconomia que se interessam pelo assunto. Além do mais, a comunidade de Linha Andréas, que por tantos anos mantém o acervo em alemão gótico, demonstra interesse em divulgar sua história. Para tanto, propôs-se estudar a biblioteca comunitária, objetivando responder a questão problema: como a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, auxilia na construção da memória social e fortalecimento da identidade cultural?

Atendendo ao problema da pesquisa, o objetivo geral deste trabalho consiste em compreender como a Biblioteca Comunitária da Associação de Leitura, Canto e Jovialidade de Linha Andréas em Venâncio Aires, RS, auxilia na construção da memória social e fortalece a identidade cultural da comunidade. Para tanto os objetivos específicos consistem em: caracterizar o processo de imigração alemã na região e na localidade de Linha Andréas; constatar como se formou a comunidade, a Sociedade e a Biblioteca de Linha Andréas; caracterizar a biblioteca a partir da sua origem, espaço, acervo e a importância para a comunidade; identificar as atividades realizadas por meio da biblioteca e o seu papel junto à comunidade; identificar a importância do acervo e da leitura para os habitantes da comunidade; identificar quais as motivações da comunidade em manter a biblioteca aberta.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta seção destina-se aos tópicos relativos à metodologia que foi aplicada na execução desta pesquisa, a fim de responder o problema e atingir os objetivos propostos. Gil (2008, p. 8) define método como o “[...] caminho necessário para se chegar a determinado fim.” Portanto, apresentam-se a seguir: a abordagem, o tipo e o delineamento da pesquisa, os procedimentos de coleta e registro de dados, a análise e apresentação dos dados e as limitações do estudo.

2.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A pesquisa social é definida por Gil (2008) como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite novos conhecimentos no campo da realidade social. Segundo a natureza, a pesquisa desenvolvida caracteriza-se por ser aplicada, pois se volta à aquisição de conhecimentos para aplicação numa situação específica (GIL, 2010).

Conforme a forma de abordagem do problema proposto, a pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa. Essa abordagem se direciona a forma para entender a natureza de um fenômeno social, não empregando um instrumental estatístico no processo de análise de um problema (RICHARDSON, 2010). Denzin e Lincoln (2006) explicitam que a pesquisa qualitativa é em si mesma, um campo de investigação. É uma atividade que localiza o observador no mundo, consistindo em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Ao transformar o mundo em uma série de representações, por meio de entrevistas, conversas, notas de campo, fotografias, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista e interpretativa para o mundo. Nesse sentido, o pesquisador estuda as coisas em seus cenários naturais, com vistas a entender os fenômenos conforme os significados atribuídos a eles pelas pessoas. Complementado esta colocação, Gibbs (2009, p. 8) pontua que a pesquisa qualitativa “[...] têm em comum o fato de buscarem esmiuçar a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta, o que estão fazendo (ou fizeram) [...]” O que se pretendeu no estudo realizado foi justamente descobrir como, qualitativamente, em seu cenário natural e pelos significados atribuídos pelas pessoas, a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas

auxilia na construção da memória social, além de desvendar qual o seu papel nesse processo e como fortalece a identidade cultural dos habitantes da comunidade.

O significado atribuído pelas pessoas revela-se por meio de questionamentos, que por sua vez evocam lembranças, reminiscências, como diz Félix (2004, p. 33-34):

Se a pergunta pelo sentido da condição humana e de sua trajetória esta na base da explicação para o fazer história como investigação-testemunho, a memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade.

Neste estudo, um dos materiais empíricos coletados se deu por meio de entrevistas com as pessoas mais idosas da comunidade, com vivência na biblioteca de antes e agora, a fim de obter os mais significativos relatos à importância da mesma na constituição da memória da comunidade, quais os laços identitários.

2.2 TIPO DE PESQUISA

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se por ser do tipo exploratório, pois Richardson (2010) indica que esta tipologia é utilizada quando não se tem informação sobre determinado tema e se deseja conhecê-lo. Gil (2008, p. 27) complementa esta pontuação colocando que as pesquisas exploratórias “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” O autor ainda coloca que este tipo de pesquisa é especialmente realizado quando o tema escolhido é pouco explorado, tornando-se difícil formar hipóteses precisas sobre o mesmo. Assim sendo, Gil (2008, p. 27) explicita que:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não-padroneizadas e estudos de caso.

Visto que a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas constitui um tema não explorado, justifica-se a pesquisa de cunho exploratório.

2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo desde a diagramação à análise e interpretação dos dados, considerando entre outros, o ambiente em que são coletados os dados. O delineamento de pesquisa empregado neste trabalho consiste no estudo de caso, definido por Gil (2008, p. 57-58) como “[...] estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.” Yin (2010, p. 39) conceitua o estudo de caso como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e contexto não são claramente evidentes.” O estudo da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas trata-se de um caso único, pesquisado em seu contexto natural e em profundidade.

2.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E REGISTRO DE DADOS

O estudo de caso requer a utilização de múltiplas técnicas de coleta de dados para garantir a profundidade necessária, para conferir maior credibilidade aos resultados e a inserção do caso no seu contexto. O estudo de caso executado com rigor requer a utilização de fontes documentais, entrevistas e observações (GIL, 2010). A seguir são especificadas as técnicas de coleta de dados: entrevista por pautas, pesquisa documental e observação participante.

2.4.1 Entrevista

A entrevista constitui uma técnica de pesquisa para a coleta de dados que objetiva entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações. Em um estudo de caso, um clima de amistosidade deverá ser mantido pelo pesquisador, possibilitando perguntas a respondentes-chave, indicações de outros membros que poderão ser entrevistados, opiniões sobre determinados fatos e sugestões de fontes alternativas para corroborar evidências obtidas de outras fontes, possibilitando então, o encadeamento de evidências, o que aumenta a confiabilidade do estudo (MARTINS, 2008). Atendendo a estes requisitos,

apresenta-se a seguir os sujeitos da pesquisa e o tipo de entrevista realizada, a entrevista por pautas.

2.4.1.1 Sujeitos da pesquisa

Para fins desta investigação, utilizou-se como instrumento fundamental de coleta de dados as entrevistas por pautas realizadas com os sujeitos da pesquisa. A seleção das pessoas fonte não foi probabilística, mas sim por tipicidade ou intencional, tendo por respaldo a afirmativa de Gil (2008, p. 94) quanto a este tipo de amostragem “[...] consiste em selecionar um subgrupo da população que, com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo de toda a população.” Gil (2009, p. 66) coloca que: “É necessário selecionar pessoas que estejam articuladas cultural ou sensitivamente com o grupo ou organização.” Com base nesses princípios foram selecionados previamente entre a população da comunidade de Linha Andréas, pessoas residentes da localidade, identificados como respondentes significativos às pautas propostas, segundo os critérios:

- a) contato com a biblioteca, quando do seu funcionamento e/ou até os dias atuais;
- b) maior idade, ou seja, pessoas mais antigas com contato com biblioteca/comunidade;
- c) conhecimento da história local

Com base nos critérios expostos acima, como a autora deste trabalho vem desde 2011 se inserindo na comunidade (ver subseção 2.4.4.1- Diário de campo), com a finalidade de conhecer pessoas que representem a mesma, no sentido histórico e usual da biblioteca comunitária, ou seja, quanto à relevância das informações que poderiam ser prestadas para este estudo, foram selecionadas seis pessoas:

- a) dois respondentes idosos com conhecimento da língua alemã e vivência na biblioteca quando do seu funcionamento – Evaldo Richter, 83 anos,² Edmundo Dattein, 87 anos;

² Devido às características de estudo sociocultural, para manter exposição coerente de fatos, os nomes dos sujeitos estão revelados, conforme Termo de consentimento livre e esclarecido constante no Apêndice A.

- b) um respondente com vivência na biblioteca e conhecimento local, “ex-bibliotecário”³ - Carlos Schubert Filho, 66 anos;
- c) um respondente ex-presidente da Sociedade – Alcido Pohl, 53 anos;
- d) dois respondentes intitulados “bibliotecários”, o anterior e a atual – Jones Richter, 31 anos e Iolandi Schmidt, 60 anos.

Algumas entrevistas foram marcadas por meio de uma pessoa da comunidade, que por contato telefônico, dispôs-se em avisar os demais respondentes nomeados. Outras entrevistas foram marcadas por meio de contato telefônico, com data, local e horários definidos. Observa-se aqui, que alguns destes sujeitos foram indicados pelos próprios membros da comunidade, como potenciais contribuintes na investigação, situação que Martins (2008) relata possível de acontecer. No término das entrevistas, foi questionado algum outro nome que pudesse atender ao propósito do estudo e todos os entrevistados confirmaram que este “*corpus humano*” significava o mais representativo. Foi entregue aos sujeitos da pesquisa um Termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A) no ato da entrevista.

2.4.1.2 Entrevista por pautas

Um dos instrumentos de coleta de dados utilizado no trabalho consistiu em entrevista por pautas (Apêndice B). As entrevistas por pautas, segundo Gil (2008) constitui em uma tipologia mais flexível de entrevista, cuja utilização pode ser preferida devido às atitudes culturais dos respondentes, pela própria natureza do tema investigado, ou por outras razões. Gil (2008, p. 112) define que:

A entrevista por pautas apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que se refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo.

³ Os “bibliotecários” são pessoas da Sociedade que assumiram por determinado período, os cuidados e operações da biblioteca comunitária, não possuindo graduação específica para exercer tal atividade. Entre alguns nomes conhecidos e constantes nas atas da Sociedade constam Otto Wazlawovsky, Otto Albrecht, Rudiberto Pohl, Carlos Schubert Filho, Jones Richter.

Gil (2009) pontua que como os estudos de caso são guiados por questões de pesquisa e as entrevistas têm algum direcionamento, a entrevista por pautas reconhecida por muito pesquisadores como a mais adequada para este tipo de delineamento. O autor adverte que as pautas sejam em número reduzido, para que a entrevista não assuma as características de questionário e que possuam poucas questões que direcionem a entrevista.

Martins (2008, p. 15) coloca que: “Particularmente no Estudo de Caso, raramente se formulam questões de pesquisa que não sejam modificadas ao longo do processo de investigação devido à dinâmica própria desta estratégia de pesquisa.” Esta afirmativa corrobora com a locação de Gil (2008) quanto à flexibilidade das entrevistas com pautas.

O quadro 1 relaciona as questões propostas no roteiro de entrevista por pautas (Apêndice B), com os objetivos específicos do trabalho:

Quadro 1 – Objetivos específicos x questões

Objetivos específicos	Questões
a) caracterizar o processo de imigração alemã na região e na localidade de Linha Andréas;	1
b) constatar como se formou a comunidade, a Sociedade e a Biblioteca de Linha Andréas;	2, 3
c) caracterizar a biblioteca a partir do seu espaço, seu acervo e a importância para a comunidade;	4, 5,
d) identificar as atividades realizadas por meio da biblioteca e o seu papel junto à comunidade;	6
e) identificar a importância do acervo e da leitura para os habitantes da comunidade;	7, 8, 9, 10
f) identificar quais as motivações da comunidade em manter a biblioteca aberta	11, 12, 13

Fonte: Dados da autora

As entrevistas foram gravadas com a utilização de um gravador de voz da marca Sony modelo IDC-PX312, com o consentimento dos entrevistados, assim como, a tomada de notas, pois como indicado por Dencker (2002, p. 158) as entrevistas devem sempre “[...] gravadas e anotadas pelo pesquisador.” As

entrevistas foram realizadas nas dependências da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, exceto o senhor Edmundo Dattein de 87 anos, que pela idade, locomoção e condições climáticas (temporal), procedeu-se a entrevista em sua residência, em uma comunidade vizinha. As entrevistas seguiram a sequência composta por informações de data, tempo de duração, nomes e idade dos sujeitos:

- a) 30 de maio – 00:39':17" – Carlos Schubert Filho, 66 anos;
- b) 30 de maio – 00:33':11" – Evaldo Richter, 83 anos;
- c) 30 de maio – 00:20:05" – Alcido Pohl, 53 anos;
- d) 1 de junho – 01:25':04" – Edmundo Dattein, 87 anos;
- e) 1 de junho – 00:52':39" – Iolandi Schmidt, 60 anos;
- f) 2 de junho – 01:15':05" – Jones Richter, 31 anos.

As entrevistas foram transcritas e foram disponibilizados neste trabalho somente os trechos correspondentes às propostas.

2.4.2 Pesquisa documental

A segunda técnica de coleta de dados utilizada para este trabalho foi a pesquisa documental que é, ao entender de Gil (2009), imprescindível em qualquer estudo de caso. A documentação pode ser importante para complementar as informações obtidas mediante outros procedimentos de coleta de dados. Sua maior importância consiste no fortalecimento de informações específicas com vistas a corroborar resultados obtidos por outros procedimentos. Martins (2008) concorda com Gil (2009) em relação à pesquisa documental ao afirmar que a sua realização é "[...] necessária para o melhor entendimento do caso e também para corroborar evidências coletadas por outros instrumentos e outras fontes, possibilitando a confiabilidade de achados através de triangulações de dados e de resultados."

Nesse sentido, foi realizada pesquisa documental com o objetivo de obter mais respostas à proposta do estudo, bem como fortalecer os resultados que foram obtidos por outros procedimentos, como a entrevista. Primeiramente, foram averiguados quais documentos existentes na Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, seriam relevantes para o estudo. Posteriormente foi realizada uma leitura flutuante dos documentos pré-selecionados e em seguida, entre estes, identificou-se os documentos que seriam submetidos à análise, formando o *corpus*, segundo a pertinência, enquanto fonte de informação

correspondente ao objetivo da pesquisa, constituindo assim a pré-análise. O *corpus* de análise está expresso no Quadro 2, de acordo com os objetivos específicos da pesquisa:

Quadro 2 – Objetivos específicos x tipos de documentos

Objetivos específicos	Documentos
a) caracterizar o processo de imigração alemã na região e na localidade de Linha Andréas;	Conhecendo Linha Andréas, ⁴ Memórias de um Imigrante Boêmio ⁵
b) constatar como se formou a comunidade, a Sociedade e a Biblioteca de Linha Andréas;	Conhecendo Linha Andréas, Memórias de um Imigrante Boêmio <i>Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio</i> , Livros de atas, Estatutos da Sociedade.
c) caracterizar a biblioteca a partir do seu espaço, seu acervo e a importância para a comunidade;	Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J., livros do acervo.
d) identificar as atividades realizadas por meio da biblioteca e o seu papel junto à comunidade;	Livro de atas
e) identificar a importância do acervo e da leitura para os habitantes da comunidade;	Memórias de um Imigrante Boêmio
f) identificar quais as motivações da comunidade em manter a biblioteca aberta	_____

Fonte: Dados da autora.

⁴ Trabalho depositado na Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS. Fruto de pesquisas de campo exaustivas realizadas pelo professor Jones Richter, morador de Linha Andréas, em busca da genealogia do sobrenome Richter e conhecimento histórico da comunidade. Entrevistou pessoas de mais avançada idade em resposta às suas indagações.

⁵ Por meio de contato telefônico, conversas por e-mail e visita pessoal, a historiadora Hilda Hübner Flores, que realizou um estudo sobre as canções dos imigrantes na Sociedade de Linha Andréas, que resultou sua dissertação publicada no livro “Canção dos Imigrantes”, indicou o livro “Memórias de um Imigrante Boêmio” – autobiografia de um imigrante alemão descoberta na biblioteca comunitária pela Sra. Hilda e traduzido pela mesma – como fonte de informação ao trabalho. Sra. Hilda também indicou o Álbum do Cinquentenário de Sampaio, constituído por narrativas dos colonizadores da região, já traduzido por ela disponibilizou alguns capítulos do mesmo.

A leitura e a análise dos documentos foram realizadas, em sua maioria, no ambiente da biblioteca, em dias pré-determinados e agendados com os responsáveis pelo salão da A.L.C.J de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, pois estes são responsáveis pela abertura da mesma. Salienta-se a dificuldade da leitura de alguns documentos, visto que são antigos manuscritos e alguns escritos na língua alemã, incluindo manuscrito alemão gótico e *currier*. Para a tradução do livro *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio*, de 1892, documento que registra a fundação da Sociedade, contou-se com a colaboração do entrevistado Edmundo Dattein, morador de uma vila vizinha, que perfeitamente lê e escreve em alemão. O referido livro foi entregue ao senhor Edmundo Dattein previamente, para uma pré-leitura a fim de identificar os trechos relevantes para a pesquisa. Em um dia pré-agendado, a autora deste trabalho reuniu-se com o senhor Edmundo Dattein em sua residência, para a tradução e gravação do manuscrito alemão.

Quanto à caracterização do acervo da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, contou-se com a leitura de alguns títulos de livros por alguns sócios com conhecimento da língua alemã, com também se obteve este conhecimento por meio da leitura dos títulos das obras registradas no catálogo da biblioteca, também manuscrito.

2.4.3 Observação participante

Como complemento às técnicas de coleta de dados – entrevistas por pautas e pesquisa documental – procedeu-se à observação participante, uma técnica oriunda da pesquisa etnográfica. A etnografia, conforme Martins (2008, p. 52) é uma “[...] disciplina do tronco sociológico/antropológico e tem por objeto os modos de vida de grupos sociais.” e “[...] consiste na inserção do pesquisador no ambiente, no dia-a-dia do grupo investigado – Estudo de Caso.” Martins (2008) salienta que o pesquisador pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode participar dos eventos que estão sendo estudados. Os dados são coletados no campo, por meio de observação participante e entrevistas. O autor coloca a importância de o investigador conseguir aceitação e confiança dos membros do grupo social onde realiza o trabalho de campo, sendo que o êxito da pesquisa depende da capacidade do investigador em, harmoniosamente, integrar-se ao grupo.

Pelo supracitado, justifica-se a realização desta técnica de coleta de dados, visto que a autora deste trabalho vem desde 2011 conhecendo e inserindo-se na comunidade, participando de eventos e procedendo ao registro de observações em diários de campo, como expresso na seção abaixo. Foram observados, de acordo com Gil (2009), os seguintes pontos:

- a) desenrolar cronológico do evento ou relacionamento;
- b) esquema dos locais onde se desenrolaram;
- c) o que foi visto ou ouvido;
- d) o que mais impressionou, agradou ou chocou.

2.4.4 Registro e orientação do Caso: auxiliares à memória do pesquisador

Para manter o registro e orientação quando realizada a coleta de dados, fez-se uso dos instrumentos diário de campo e protocolo, explicitados a seguir.

2.4.4.1 Diário de campo

Como o estudo de caso envolve mais de uma técnica de coleta de dados, convém, segundo Martins (2008), que a análise dos achados esteja presente ao longo dos vários estágios da pesquisa. É recomendada então a sistematização e organização de rascunhos, notas de observações, comentários e outros, compondo o diário de campo, para que as informações provenientes de diversificadas fontes não se percam, servindo também, para que posterior ao término da pesquisa, o pesquisador ou outras pessoas, possam recuperar as informações integralmente.

Com base nesta premissa, procedeu-se ao registro das visitas à comunidade de Linha Andréas em diários de campo, com anotações manuscritas ou em meio eletrônico, desde a descoberta da existência da biblioteca (possível objeto de pesquisa) até a pesquisa de campo para coleta de dados. Expõem-se os princípios tópicos dos diários de campo, exceto as observações decorrentes, para breve contextualização da trajetória do estudo:

- a) descoberta do caso, 1º de julho de 2011: visita à Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, após a realização do 23º Fórum Gaúcho pela Melhoria das Bibliotecas Escolares. Conhecimento sobre a existência da biblioteca comunitária e um breve relato oral do seu

surgimento. Primeiro contato com o acervo e com os membros da comunidade – ideia de um possível trabalho. Articulação da próxima visita para aproximação com os sócios e acervo;

- b) aproximação com o caso, 19 de julho de 2011: junto à uma equipe da Secretaria de Cultura de Venâncio Aires que estava providenciando a revitalização do espaço da biblioteca comunitária⁶, visitou-se a mesma. Primeiro manuseio dos livros, auxílio na higienização dos mesmos com pinceis e posterior reposição na sala da biblioteca. Apresentação ao presidente da sede da Sociedade para possível trabalho e outras pessoas articuladoras de contatos;
- c) inserção no caso, 30 de julho de 2011: participação na 34ª Festa Municipal do Colono, com o objetivo de conhecer pessoas da comunidade e observar como é utilizado o espaço da Sociedade e da biblioteca. reinauguração da biblioteca comunitária, após ação de revitalização realizada pela Secretaria de Cultura. Apresentação à comunidade em geral, no ato da reinauguração da biblioteca, como “pesquisadora” a desenvolver algum trabalho histórico ou de organização da biblioteca. Conversa individual com pessoas da comunidade, sobre contatos. Indicação de nomes de pessoas com conhecimento local, entre elas, a historiadora Hilda Flores;
- d) planejamento do caso, 20 de julho de 2012: saída de campo à Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, agendada previamente, com a finalidade de estabelecer contatos com possíveis respondentes-chave à pesquisa, bem como a averiguação de materiais documentais possíveis de serem utilizados. Indicação, por um possível entrevistado, de outros membros da Sociedade ou moradores locais, que poderiam contribuir para o estudo. Primeiro contato com documentos administrativos da Sociedade e da biblioteca. Conhecimento de campo para a elaboração do projeto de pesquisa;

⁶ Devido a curiosidade de uma integrante do Conselho de Cultura em saber quantas Sociedades existem no interior de Venâncio Aires, a biblioteca comunitária de Linha Andréas veio à tona. Como se encontrava em precário estado de conservação, com goteiras e mau acondicionamento do acervo, iniciou-se um projeto de revitalização do espaço da biblioteca, com uma nova pintura para o local, confecção de novos armários para os livros. Uma parceria entre a secretaria de Cultura e Conselho Municipal, de Venâncio Aires.

- e) execução do caso, 30 de maio, 1, 2, 6 de junho de 2013: pesquisa de campo na Biblioteca Comunitária de Linha Andréas e em Vila Deodoro para coleta de materiais – entrevistas, pesquisa documental e observação participante;
- f) finalização empírica do caso, 11 e 12 de junho de 2013: visita de campo na Sociedade de Linha Andréas para observação do coral da Sociedade no seu ensaio mensal. Últimas constatações do caso, despedida.

2.4.4.2 Protocolo

A fim de orientar esta pesquisa, elaborou-se um protocolo do estudo de caso, documento não formal e norteador dos procedimentos tomados ao longo da pesquisa. Gil (2009) esclarece que nos estudos de caso, mesmo após a definição dos objetivos e procedimentos de coleta de dados, o pesquisador precisa tomar muitas decisões até o final da pesquisa e o protocolo constitui elemento essencial para garantir que estas decisões atendam aos propósitos do estudo. Deve conter os instrumentos de coleta e análise de dados e informações detalhadas relativas à sua aplicação, além de esclarecimentos acerca da sua vinculação com as questões de pesquisa, constituindo então, uma guia para a condução da pesquisa, auxiliar na memória do pesquisador. “Não pode, portanto, ser entendido como um documento formal, mas como um documento orientador das atividades do pesquisador.” (GIL, 2009, p. 57).

Martins (2008) complementa o conceito referente ao protocolo ao apontar que o mesmo possui como ponto central um conjunto de questões que refletem a investigação real, feitas ao próprio pesquisador, para que este se lembre de todas as ações para a conclusão do trabalho. O autor ainda coloca que cada questão deve estar acompanhada de uma lista das prováveis fontes de evidências e do instrumento de coleta que poderá ser utilizado.

Na pesquisa de campo realizada, fez-se uso de um protocolo elaborado pela autora deste trabalho, utilizado como instrumento norteador durante a coleta de dados por entrevistas, pesquisa documental e observação participante, levado à campo conjuntamente com o diário de campo, para registro e orientação das informações principais e periféricas da pesquisa. Como norteador do trabalho e “lembrete à memória”, constou no protocolo: o problema e objetivos da pesquisa;

critérios dos entrevistados, bem como seus nomes; Quadro 1 – Objetivos específicos x questões; Quadro 2 – Objetivos específicos x tipos de documentos; pontos a observar na observação participante e por fim, perguntas feitas à própria pesquisadora como lembretes de informações faltantes ou a investigar.

2.5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Gil (2009) coloca que a análise e interpretação dos dados nos estudos de caso constitui uma atividade complexa pela falta de consenso sobre os procedimentos a serem adotados. Geralmente, nesta abordagem, a análise e a interpretação é um processo que se dá simultaneamente à sua coleta. A análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação e a primeira leitura de um documento. Martins (2008, p. 10) também aborda esta ideia ao afirmar que:

Contrariamente ao modelo tradicional de pesquisa, em que se tem uma etapa bem delimitada para a análise dos resultados, no Estudo de Caso, análises e reflexões estão presentes durante os vários estágios da pesquisa, particularmente quando do levantamento das informações, em situações em que os resultados parciais sugerem alterações, correções de rumo, bem como exigem consultas adicionais a outras obras de referências bibliográficas.

A análise dos materiais coletados por meio das três técnicas de coleta de dados – entrevista por pautas, pesquisa documental e observação participante – foi realizada sob o prisma da análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011, p. 37, grifo do autor): “[...] é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações*.” Uma definição correntemente citada na literatura, considerada célebre por Bardin (2011), é dita por Berelson⁷ (1952 *apud* BARDIN, 2011, p. 24; GIL, 2009, p. 98) ao afirmar que a análise de conteúdo “[...] é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.” Gil (2009, p. 98) coloca que: “Trata-se, portanto de um procedimento analítico aplicável a qualquer comunicação escrita.” O autor complementa esta afirmação exemplificando sua utilização em material publicado em jornais, revistas, discursos, poemas, cartas, materiais disponíveis em *sítes*, entrevistas e depoimentos, sendo valorosa nos vários campos do social. Henry e Moscovici (1968) complementam estas colocações ao explicitar que a análise de conteúdo é

⁷ BERELSON, Bernard. **Content analysis in communication research**. Glence: Free Press, 1952.

uma técnica usada para tratar materiais linguísticos, que podem ser coletados por meio de enquetes ou entrevistas, artigos de jornal, histórias, testemunhos, obras literárias, entre outros, compilando a ideia que: “Tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo.” (HENRY; MOSCOVICI, 1968, p. 36, tradução nossa).

A análise foi categorial, a mais antiga e utilizada, segundo Bardin (2011). Primeiramente, conforme Gil (2009) os dados foram codificados, onde foi atribuída uma designação aos conceitos relevantes encontrados nos textos dos documentos, na transcrição das entrevistas e nos registros das observações, o que em seguida possibilitou a categorização. Foram posteriormente estabelecidas categorias analíticas, onde foram atribuídos conceitos que expressaram padrões que emergiram dos dados e foram utilizados com o propósito de agrupá-los de acordo com a similitude que apresentam. A apresentação dos dados neste trabalho consiste, na forma tradicional dos estudos de caso, na identificação de alguns tópicos-chave, seguido de texto discursivo com trechos das entrevistas e fotos, quando conveniente.

2.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Nesta subseção um breve tocante às principais limitações do estudo – a barreira linguística e de distância. O acervo da biblioteca, quase na sua totalidade, é escrito na língua alemã e alguns livros, na língua alemã gótica, o que inicialmente dificultou a caracterização do acervo, pois a autora deste trabalho possui conhecimento mínimo na língua. O livro de fundação da Sociedade - *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio* - de 1892, foi escrito em manuscrito alemão gótico e *currier*, o que dificultou sobremaneira a leitura. Nesta condição de limitação à língua, foi necessário o auxílio de tradutores dos documentos. Cordialmente, o senhor Edmundo Dattein, propôs-se a ler o manuscrito gótico de 1892 para a autora deste trabalho. Salienta-se que não houve a tradução de todas as atas, pois a letra manuscrita dificultou o entendimento, tornando-se indecifrável em diversos trechos, como informou o senhor Dattein. Também se salienta que a leitura e tradução deste livro se deu até o protocolo n. 46, pois do n. 47 em diante, que configurava-se já o ano de 1919, os protocolos, que eram o que hoje chamam-se atas, já se encontraram traduzidos em outro livro, na língua

portuguesa. A leitura de títulos do acervo contou com a colaboração de: Adelina Puhl Sehn, Émerson Zanoni, Sidônia Gollman e Silecia Gollman e Hilda Flores de familiar e de pessoas da comunidade.

Outra principal limitação se referiu à distância do campo de estudo. Linha Andréas pertence ao 8º Distrito do município de Venâncio Aires, distanciando-se deste cerca de 25 km. Venâncio Aires distancia-se aproximadamente 140 Km de Porto Alegre, cidade de residência da autora. Foi necessária a locomoção ao município, para posteriormente dirigir-se à localidade. O transporte público de Venâncio Aires à Linha Andréas é escasso em quantidade e horários e também disponibilizada “fluxo contrário” – pela manhã, da localidade à cidade e no final da tarde, da cidade à localidade, em função dos trabalhadores da localidade que precisam passar o dia na cidade. Como o transporte particular nem sempre estava disponível, foi necessário se locomover primeiramente a uma vila vizinha de Linha Andréas e posteriormente adquirir carona até a localidade, distante 5 km.

A última limitação referiu-se às condições físicas da autora, que acidentalmente quebrou o pé, o que atrasou a coleta de dados, devido à dificuldade de locomoção.

Salienta-se que todas as limitações foram contornadas da melhor maneira possível, possibilitando a realização deste trabalho.

3 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE CULTURAL

As subseções seguintes compõe a fundamentação teórica do trabalho: bibliotecas comunitárias; memória social e identidade cultural; leitura.

3.1 BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

A seguir, explicitam-se os principais tópicos condizentes às bibliotecas comunitárias que embasam este trabalho, a partir das delimitações conceituais e de origem das bibliotecas comunitárias, seus objetivos e por fim a biblioteca comunitária com elemento social e lugar e memória.

3.1.1 Delimitações conceituais e de origem: um outro tipo de biblioteca?

As bibliotecas comunitárias configuram-se tema pouco abordado na literatura acadêmico-científica, o que acarreta inexistência de histórico e conceitos unanimemente reconhecidos sobre as mesmas, bem como certa divergência entre os autores sobre a distinção conceitual e/ou funcional entre bibliotecas comunitárias, públicas e populares.

A literatura, conforme Almeida Júnior (1997) pontua em sua obra “Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas”, não se preocupou em relatar, até a publicação do seu livro, um histórico das bibliotecas comunitárias. Wessfl (2011) relata em seu trabalho baseado em uma pesquisa bibliográfica que inter-relaciona bibliotecas comunitárias e cidadania, que por falta de aprofundamento teórico e preocupação com a temática em torno das bibliotecas comunitárias em âmbito nacional ou internacional, não foi possível localizar um histórico completo sobre a criação e/ou desenvolvimento das mesmas. Wessfl (2011) trabalha com a ideia de que as bibliotecas comunitárias não possuem mais 200 anos, já que os autores⁸ consultados para fundamentar seu trabalho nesse tocante, indicam indiretamente que as bibliotecas comunitárias teriam surgido no século XX.

⁸ Almeida Júnior, 1997; Machado, 2008; Bastos, 2010.

As divergências conceituais e/ou funcionais entre bibliotecas comunitárias, públicas e populares englobam também, diga-se até inicialmente, o emprego do termo “biblioteca comunitária”. Machado (2009) discorre sobre essa temática no seu artigo “Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária”, onde salienta a dificuldade na definição do termo, pois este vem sendo empregado, tanto pela sociedade quanto pelo contexto acadêmico, como sinônimo de biblioteca pública e biblioteca popular, o que é estendido à literatura estrangeira desde um tempo não recente.

Na literatura nacional específica da área, o termo “biblioteca comunitária” foi citado pela primeira vez em 1978, no artigo de Carminda Nogueira de Castro Ferreira, intitulado “Biblioteca pública é biblioteca escolar?”. Neste artigo, Ferreira (1978), apresenta considerações sobre os objetivos e a diversidade do “dever ser” das bibliotecas públicas e escolares, abordando em seguida o novo “dever ser”, a nova biblioteca constituída da fusão destas duas – a biblioteca conjunta comunitária - já que organismos com “dever ser” diferentes estavam substituindo-se uns aos outros. Ferreira (1978) pontua que, com as adaptações propostas no trabalho apresentado por Etelvina Lima em 1959 no II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,⁹ “[...] a biblioteca pública passaria a ter outro ‘dever ser’ e outros objetivos. Não mais seria biblioteca pública – seria biblioteca escolar ou, muito mais, *biblioteca conjunta comunitária*.” (FERREIRA, 1978, p. 13, grifo do autor). Esta proposta de biblioteca foi posta em prática nos Estados Unidos no começo do século XX, resultando em insucessos.

Almeida Júnior (1997) defende que o termo biblioteca comunitária teve sua origem na proposta de integração entre biblioteca pública e biblioteca escolar, utilizado como forma de amenizar as ideias que acompanhavam a proposta de bibliotecas populares, “[...] tornando-as mais compatíveis, adequadas e assimiláveis pela classe dominante. Seu objetivo era modificar a atuação da biblioteca pública, mantendo, no entanto, suas concepções básicas.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 93). Essas bibliotecas correspondiam aos segmentos mais pobres das grandes cidades, em bairros periféricos preferencialmente e que pouco se diferenciavam das bibliotecas públicas tradicionais.

⁹ LIMA, Etelvina. Atendimento de escolares em bibliotecas públicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 1959, Salvador. Citado por FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, 1978.

Machado (2008) na sua tese “Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil”, corrobora com Almeida Júnior (1997) quanto ao surgimento das bibliotecas comunitárias em regiões periféricas, se referindo aos novos espaços de leitura onde a população tem maior dificuldade de acesso à informação, cultura, educação de qualidade e serviços públicos em geral. Machado (2008, p. 16) complementa a questão desse novo espaço formado “[...] a partir de ações locais coletivas, baseadas em atitudes criativas e solidárias e lideradas por grupos que tomam para si o desafio de solucionar a carência da leitura e do acesso à informação, numa luta contra a crescente exclusão social.” Para a autora as bibliotecas comunitárias surgem “[...] como práticas espontâneas, idealizadas e implementadas por agentes individuais ou coletivos; cidadãos comuns, com ou sem instrução formal, com ou sem apoio institucional.” (MACHADO, 2009, p. 49).

Quanto à origem tipológica das bibliotecas comunitárias, Almeida Júnior (1997), com base na literatura publicada na área biblioteconômica e demais manifestações, discorre sobre as causas do surgimento de propostas diferenciadas das bibliotecas públicas, referindo-se às bibliotecas comunitárias, populares, centro de documentação popular, entre outras denominações, como extensão desse tipo de biblioteca; ou seja, formas alternativas e diferenciadas de atuação das bibliotecas públicas, já que estas estão “[...] presas a um conceito tradicional, retrógrado e ultrapassado, dissociadas da realidade e dos interesses das comunidades a quem devem servir.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 19).

Portanto, Almeida Júnior (1997, p. 107), estabelece que as bibliotecas comunitárias “[...] não representam um tipo específico de biblioteca, diferente das bibliotecas públicas, pois não possuem características específicas que as constituam em algo novo.” Como possuem os mesmos objetivos e normalmente os mesmos serviços que as bibliotecas públicas, o autor afirma que as bibliotecas comunitárias apenas representam uma proposta de atuação destas, sendo que o adjetivo comunitária estaria sendo empregado como destaque a essa proposta, de forma a torná-la mais atraente e transparecer à sociedade uma instituição diferente da biblioteca pública estereotipada. Dessa forma, a biblioteca comunitária, vista como uma nova entidade pela sociedade, não carregaria conceitos e ideias pré-concebidas que prejudicariam sua atuação, o que não tem significado, pois segundo o autor, o estereótipo existente na sociedade se estende às bibliotecas de modo geral.

Apesar de considerar as bibliotecas comunitárias extensão das bibliotecas públicas, Almeida Júnior (1997), aborda o que talvez pudesse ser a principal diferença entre as duas - a participação da comunidade - no que diz respeito ao gerenciamento da biblioteca e na determinação de políticas e de objetivos que norteiam e direcionam sua atuação, salientando assim um sentido social à biblioteca. O autor prossegue com uma resumida discussão dessa diferença, ora enfocando autores que acreditam somente na participação da comunidade como usuária de informação e ora referindo-se a um número mínimo de autores que incluem a participação gestora da comunidade. Almeida Júnior (1997, p. 106) conclui que: “A participação da comunidade na gestão da biblioteca: [...], é entendida de maneira a simplesmente buscar o conhecimento do que cada comunidade necessitaria e gostaria de obter nos espaços ocupados pelas bibliotecas.”

No tocante à participação da comunidade, Machado (2008) exemplifica o desenvolvimento de uma biblioteca pública e comunitária,¹⁰ a primeira legalmente criada pelo governo municipal e que ao longo dos anos foi perdendo usuários; e a segunda criada por membros de uma cooperativa de catadores de lixo que teve sua continuação ampliada, dando margem à percepção do surgimento da biblioteca comunitária como um “[...] poder subversivo de um coletivo, uma forma de resistência contra-hegemônica, de quase enfrentamento social, numa nova realidade, que escapa das medidas e das categorias descritivas existentes [...]” (MACHADO, 2008, p. 51).

Machado (2008) identifica mais particularidades que distinguem bibliotecas comunitárias de públicas: são criadas efetivamente pela comunidade e não para a comunidade, provenientes de uma ação cultural; possuem perspectiva comum do grupo ao combate à exclusão informacional, pela luta pela igualdade e justiça social; localizam-se em regiões periféricas; não são instituições governamentais e não possuem vinculação direta com Municípios, Estados ou Federação.

Para complementar suas colocações, Machado (2008) elaborou um quadro para melhor visualização das diferenças entre bibliotecas públicas e comunitárias, que está abaixo explicitado:

¹⁰ Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima e Biblioteca Comunitária Ler é Preciso da Coopamare, ambas localizadas no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo.

Quadro 3 - Quadro comparativo entre Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Comunitárias

Características	Bibliotecas Públicas	Bibliotecas Comunitárias
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados.
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima - Flexível
Equipe Interna – Constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade.
Equipe interna - Postura	Dependência	Autonomia

Fonte: Machado (2009)

Dessa forma, Machado (2008), contraria Almeida Júnior (1997), definindo as bibliotecas comunitárias como um novo tipo de biblioteca:

[...] consideramos que a biblioteca comunitária, como se apresenta hoje na sociedade brasileira, pode ser considerada um outro tipo de biblioteca, pois vem sendo criada seguindo os princípios da autonomia, da flexibilidade e da articulação local, o que amplia as possibilidades de atuação e de inserção na sociedade. Outro fator que nos leva a considerá-la diferente é pela forma de atuação estar muito mais ligada à ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação. Esses princípios podem ser considerados qualidades essenciais destas bibliotecas, os quais as diferenciam das demais, tornando-as únicas. Se retirados, destroem sua essência (MACHADO, 2008, p. 61).

Outra colocação válida para a diferenciação entre bibliotecas comunitárias e públicas, assim indo ao encontro à ideia de Machado (2008), é dado por Stumpf (1988, p. 21) ao estipular que: “[...] as bibliotecas públicas são mantidas pelo governo e servem a uma população maior, como uma cidade ou estado. Já as comunitárias podem ou não ser subordinadas ao governo, mas atendem a populações menores como bairros e vilas.” A questão das bibliotecas comunitárias estarem ou não subordinadas ao governo, discorda da ideia de Machado (2008) quando o mesmo afirma que as bibliotecas comunitárias não são instituições governamentais e não possuem vinculação direta à órgãos públicos, somente

parceiras ou apoio. Já o fato de limitar-se a uma população e determinada área geográfica, faz com que a biblioteca comunitária estabeleça “[...] um sentido de maior vínculo entre a biblioteca e seu público, levando a crer que ela é parte integrante da comunidade.” (STUMPF, 1988, p. 21).

Cavalcante e Feitosa (2011) diferenciam as bibliotecas comunitárias das públicas envolvendo aspectos referentes à gestão participativa, ao acervo e mobiliário:

As bibliotecas comunitárias diferem das públicas – referindo-se aqui ao conceito de público relativo à esfera da ação governamental – em alguns pontos. Por exemplo, são frutos da ação coletiva ou individual, legitimadas pelos moradores a partir do diálogo, observações, necessidades e negociações entre os sujeitos envolvidos. A gestão ocorre de modo participativo e dinâmico, mediante trabalho voluntário e ação participativa, na maioria das vezes. Seus acervos são constituídos de doações, assim como o mobiliário, o espaço e os recursos para a realização das atividades ou pela elaboração de projetos encaminhados a órgãos financiadores privados ou públicos. (CAVALCANTE; FEITOSA, 2011, p 123-124).

Pelo exposto, entendemos que as bibliotecas comunitárias configuram-se não um novo tipo de biblioteca, porque existem de longa data, mas sim outro tipo de biblioteca, elegendo a definição de bibliotecas comunitárias apresentada por Machado (2009) como a mais adequada a ser utilizada neste trabalho, já que a autora se refere às bibliotecas comunitárias como projetos vinculados a um grupo particular de pessoas com os mesmos problemas, os mesmos interesses e sua própria cultura, que visa atender a esse grupo, seja um grupo de especialistas, imigrantes ou outros. A biblioteca comunitária é então definida como:

Um projeto social que tem por objetivo, estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura o ao livro, com vistas à sua emancipação social. (MACHADO, 2009, p. 91).

A partir da definição do que é biblioteca comunitária e do seu “dever ser”, partiremos para os objetivos deste tipo de biblioteca, que serão explicitados na subseção seguinte.

3.1.2 Objetivos: a comunidade em foco

Os objetivos das bibliotecas comunitárias consistem, assim como a temática, em um assunto pouco abordado na literatura. Sarti, Guiraldeli e Vicentini (1984) no artigo “Pimple: projetos de implantação de pontos de leitura” apresentam critérios para a planificação de espaços e serviços em bibliotecas instaladas em áreas periféricas e carentes socioeconomicamente, bibliotecas que seriam pontos de leitura. Nesse prisma, Sarti; Guiraldeli e Vicentini (1984, p. 16), apontam os objetivos referentes às bibliotecas comunitárias:

- atender a uma comunidade específica;
- desenvolver o hábito da leitura;
- conscientizar a população na participação comunitária na preservação de um bem público;
- tornar a biblioteca um fator integrante da comunidade.

Atender a uma comunidade específica e desenvolver o hábito da leitura pode ser entendido como objetivos primeiros das bibliotecas comunitárias, já que estas surgem com o fim de atender tais finalidades. Conscientizar a população quanto à importância da participação comunitária e preservação de um bem público, bem como o objetivo de tornar a biblioteca integrante da comunidade, são direcionados à questão social, à relevância da biblioteca como elemento social inserida na comunidade e ao sentido de pertencimento desta com relação à biblioteca.

Como complemento ao supracitado, pode-se inferir o que Laipelt et al. (2005) pontua em relação às bibliotecas comunitárias como célula ativa e transformadora na comunidade, disponibilizado acesso livre e gratuito à informação, o acesso à leitura. Nesse sentido, Laipelt et al. (2005) estabelece os seguintes objetivos para tais acontecimentos, que podem ao nosso ver, significar objetivos das bibliotecas comunitárias:

- a) almejar desafios de transformação social, tais como democratizar o acesso ao conhecimento, enriquecer a cultura geral, promover a coesão comunitária, possibilitar maior interação social entre seus membros, criar uma identidade cultural;
- b) oferecer serviços aos membros da comunidade, como oficinas de artes manuais, aulas de música, teatro, cursos de línguas, hora do conto;
- c) firmar parcerias com instituições públicas e privadas;
- d) obter doações e incentivos culturais;
- e) incentivar o voluntariado na participação.

Os objetivos traçados elegem a biblioteca comunitária como elemento central transformador na comunidade que está inserida, possível de promover o acesso à leitura induzindo ao “hábito” da mesma, o aprendizado e a prática de atividades culturais diversificadas, o maior diálogo entre os membros da comunidade, a criação de uma identidade cultural, a coesão comunitária, assim mostrando que a biblioteca é fator integrante da comunidade, comprovando a necessidade de sua preservação por meio do voluntariado.

Fortemente ligada à comunidade, como Bastos (2010, p. 73) coloca, as bibliotecas comunitárias “[...] desejam apresentarem-se como espaços que representem suas comunidades, organizados de acordo com os interesses dela.” Nesse sentido, Almeida Júnior (1997) concorda com Bastos (2010), ao enfatizar aspectos voltados à necessidade de uma maior participação da comunidade nas decisões da biblioteca, de modo que os serviços e trabalhos prestados por esta sejam adequados e atendam o modo de vida da comunidade. Estas colocações atendem aos objetivos das bibliotecas comunitárias citados anteriormente, bem como vão ao encontro do que Machado (2008) conceitua como comunidade:

[...] uma comunidade é basicamente formada por um pequeno número de indivíduos, os quais estão situados num local comum, onde se percebem vinculados por suas histórias passadas, por suas expectativas futuras e por seus conhecimentos compartilhados. Entendemos, também, que em uma comunidade os seus membros são pessoas livres, porém engajadas, ou melhor, comprometidas com um objetivo comum, e que têm responsabilidades sobre suas decisões. Estão participando de ações na esfera pública, cultivando a sociabilidade e praticando o exercício constante da negociação. As relações e os laços humanos e sociais são determinantes, ou seja, é importante pertencer a uma família, a uma vizinhança ou a uma instituição, seja ela a escola, a igreja, a empresa ou qualquer outra instituição. (MACHADO, 2008, p. 32).

Stumpf (1988, p. 19) complementa o conceito de comunidade no sentido de que “[...] não é apenas o aglomeramento urbano ou a produção que caracteriza uma comunidade e sim uma certa consciência do viver em comum, sendo necessário para isso um lastro cultural capaz de fixar objetivos sociais, ordenar os sistemas das relações humanas e dinamizar a vida dos grupos e das instituições.”

O viver em comum fundamentado em um lastro cultural permeado por histórias passadas e expectativas futuras, possível de fixar objetivos sociais, pode ser entendido como fator impulsionador e determinante para o estabelecimento de vínculos culturais a serem sedimentados em espaços de convivência, em lugares

comuns. A comunidade então, conforme Machado (2008) se estabelece como grupo formado por moradores de um mesmo local que se unem por afinidades e objetivos comuns e elegem um espaço para se encontrar, construindo histórias e criando novos caminhos.

Os espaços eleitos para construir histórias e criar novos caminhos então se configuram como território de práticas identitárias, onde se concentram as energias e forças sociais da comunidade, promovendo a coesão social, o “[...] local da memória, da língua, da cultura [...]” (GOHN, 2005, p. 18). Desta forma, encaminha-se a biblioteca comunitária como elemento social e lugar de memória.

3.1.3 A biblioteca comunitária como elemento social e lugar de memória

Verri (1996), em sua obra “Templários da ausência em bibliotecas populares”, lança a ideia que as bibliotecas resistem, não morrem jamais. Essa resistência insinua a capacidade heroica de manter viva a memória do passado, o presente e o futuro. Percebida através da história, a biblioteca organiza-se, permitindo a reconstituição de sua presença na sociedade. Verri (1996, p. 29), relata que “[...] é do desejo de agir, registrar, lembrar e da necessidade de divulgar ou ampliar ideias e lutas que as bibliotecas se formam. E se ordenam e se articulam para acumular, produzir, reproduzir e difundir o resultado da atividade criadora do homem.”

Verri (1996, p. 31), pontua que: “Na verdade, apesar do seu caráter discreto, a biblioteca vem existindo e resistindo às transformações das estruturas sociais e servindo à coletividade como um elemento social. Assim, ocupa espaços e opera segundo necessidades individuais ou grupais [...]”. A biblioteca constitui-se e serve a diferentes interesses, atravessando as classes sociais e tornando-se campo onde se acumulam tradições, inovações, afirmações, negações, contradições, oposições, configurando-se como uma instituição que, por meio dos registros, se relaciona e é impulsionada pelo desenvolvimento e movimento histórico do homem (VERRI, 1996).

Como elemento social, a biblioteca comunitária caracteriza-se também como lugar de memória. Thiesen (2009) afirma que nas últimas décadas, passou-se a denominar arquivos, bibliotecas e museus como lugares de memória, segundo teorias cunhadas por autores franceses. Thiesen (2009, p. 65) pontua que “[...] lugares de memória são portadores de identidades dos povos que eles representam,

formadores e reprodutores da memória coletiva de grupos e nações.” A autora estabelece que:

Se a memória é presentificação do passado e, se a sua materialidade, ou seja, o documento se perde ou está fora do lugar instituído para abrigá-lo, então não há como suscitar a presença do passado, nem pela via da memória, nem pela mão da história. Contudo, como a memória é sempre ‘negociada’, os grupos sociais investem em ações que, em breve, podem restituir a memória recente do país aos seus cidadãos. E com isso os lugares de memória refletirão uma memória enquadrada que terá quebrado o silêncio. Uma memória que será plural, mas contraditória, inacabada, sempre sujeita a flutuações (THIESEN, 2009, p. 78).

Os lugares de memória, de acordo com Nora (1993), são lugares material, simbólico e funcional, simultaneamente e somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Um lugar funcional, como um manual de aula, por exemplo, só é tido nessa categoria se for objeto de um ritual. Um minuto de silêncio, significação simbólica, é ao mesmo tempo um recorte material de uma unidade temporal, que serve para uma chamada concentrada da lembrança. Então, esses três aspectos dos lugares de memória - material, simbólico e funcional – coexistem sempre e o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca.

Como diz Nora (1993, p. 15): “O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar.” A próxima seção aborda a memória social e identidade cultural, conjunto formado em parte com fundamento na biblioteca comunitária como elemento social e lugar de memória. Veremos e que é de fato, a memória social.

3.2 MEMÓRIA SOCIAL E IDENTIDADE CULTURAL

Como diz Pomian (2000, p. 507): “Toda memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada.” Os vestígios do passado podem ser transmitidos sob a forma de criações exteriores ao próprio organismo, capazes de uma existência autônoma em relação a

este, como os relatos que passam de narrador em narrador conservando a sua identidade e também o caso dos escritos, entre outros (POMIAN, 2000).

A memória é o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado. Essa volta ao passado é sempre indireta, pois entre este e o presente, interpõe-se sinais e vestígios mediante os quais se podem compreender o passado, como as relíquias, recordações, imagens. É também imperfeita, porque o passado não pode ser simplesmente restituído na íntegra, além do que toda a reconstrução é sempre marcada pela dúvida, como as recordações pessoais, um misto de impressões vívidas e fantasia e também quando a reconstrução do passado se funda em vestígios, imagens ou relíquias, os suportes da memória coletiva. Indireta, imperfeita, incerta. (POMIAN, 2000).

Os monumentos, considerados bem comum, continuam a fornecer uma imagem social da eternidade e da transcendência da história. E essa função patrimonial implica uma lógica da conservação com suas formas e seus ideais. O reconhecimento de uma herança cultural e sua transmissão não se relacionam somente com preocupações políticas, ele supõe a continuidade de uma representação da história, tanto das ideias quanto dos acontecimentos. Assim, a própria ideia de patrimônio, ainda que nem sempre de modo consciente, perdura desde a Revolução Francesa como modo de reprodução das mentalidades coletivas.” (JEUDY, 1990, p. 5).

A reconstituição sistemática dos modos de vida de uma época anterior, através dos objetos, dos espaços e dos tipos de trocas sociais, transforma o campo da memória em teatro de um conhecimento objetivo. (JEUDY, 1990, p. 4). Jeudy (1990, p. 5) também coloca que: “Por trás das representações da memória coletiva estabelece-se a vontade de reviver realmente modalidades de troca que foram destruídas.”

O que seria do homem sem seus registros, suas histórias e suas memórias presentificadas em algo que todos pudessem ver, pudessem ler. Desde tempos remotos, o homem vem tentando preservar os acontecimentos marcantes da comunidade a que pertence, registrando-os nos mais variados tipos de suporte, inicialmente na aspereza das paredes das pedras de profundas cavernas, preservando-se assim, do esquecimento, segmentos de seu imaginário e de suas experiências cotidianas, até chegar ao papel como conhecido hoje. (BERND, 1994).

Os mais variados tipos de materiais, desde a antiguidade, significaram suportes para acolher o desejo latente da humanidade de não ser esquecida. “Dotado de memória, o homem organiza suas lembranças e, ao fixá-las, através da escrita, constrói paulativamente sua identidade.” (BERND, 1994, p. 19). Bernd (1994) coloca que nas sociedades sem escrita, os “homens-memória” eram os responsáveis pela memória da coletividade, por guardar as genealogias, códices, provérbios, feitos da aldeia, assim garantindo a coesão do grupo. Na transição da memória oral à escrita, constitui-se a história, que representou a conquista definitiva pelo homem, de seu passado coletivo.

A autora complementa esta questão ao pontuar que história e memória confundem-se e tem o papel como pivô, pois é a partir da memória coletiva que se constrói e se consolida a identidade de um grupo. Por meio do papel que a humanidade conta a sua história, registra suas memórias, as diferentes formas de cultura.

Como diz Trevisan (1994, p. 53): “Só existe cultura onde existe comunicação. A memória do papel enaltece o papel da memória. Através desta, os povos chegam a sua identidade e, com alguma sorte, aos seus dias felizes.”

A noção de pertencimento tem a ver com enraizamento, com a herança e a produção de um acervo cultural em comum. Sabe-se que a cultura proporciona referenciais que são acessados pelos sujeitos possibilitando-os imprimir suas marcas no mundo, ao mesmo tempo em que concede ao mundo o direito de torná-lo como seu pertence. Essa é uma noção de identidade inserida nos parâmetros da cultura (BARRETO, 2006, p. 65). Barreto ressalta que a formação da identidade institui-se a partir de condições históricas e culturais que estão em constante movimento.

Quando as configurações sociais se alteram, parece uma nova forma de interação, sujeito/sociedade, que vai influenciar no modo do sujeito se constituir, de estruturar sua identidade, já que a identidade é tida como o processo individual construído por meio do ir e vir entre sujeito e o mundo social, mas que surge a partir do pertencimento a algum grupo (BARRETO, 2006).

3.3 LEITURA

A biblioteca comunitária, para Machado (2008, p. 62) é identificada quanto a “[...] empreendimentos sociais que surgem do desejo e da necessidade de um determinado grupo de pessoas em ter acesso ao livro, à informação e à prática da leitura.” A leitura é um importante instrumento para libertação do povo e para o processo de reconstrução da sociedade. Como mecanismo específico de conscientização, a leitura se constitui numa forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, cujo resultado é um situar-se constante entre os dados dessa realidade, expressos e interpretados por meio da linguagem (SILVA, 1986).

A leitura, segundo Barreto (2006), singulariza o sujeito, pois exige dele a manifestação de seus interesses, exige sua escolha e mostra o seu mundo particular, tornando-se então, elemento próprio da sua significação. Ao mesmo tempo, a leitura também pluraliza o sujeito, pois é feita em um quadro social e cultural que aproxima o leitor dos demais leitores. Ler, então, confere troca de experiências com o outro, permitindo o estabelecimento de relações das mais variadas naturezas entre as pessoas. “Ler é um ato relacional que permite que o leitor saia de uma condição de isolamento para uma condição de participação fundamentada na comunicação.” (BARRETO, 2006, p. 64).

Essa libertação ao mundo pode se dar por meio da leitura constante nos acervos de bibliotecas comunitárias, já que podem ser tidos como empreendimentos sociais emergentes do desejo e da necessidade de um determinado grupo de pessoas quanto a ter acesso ao livro, à informação e à prática da leitura.

Morais (1995) indica que a leitura em geral é um meio precioso para enriquecer o vocabulário, é um meio extraordinário de transmissões de informações e conhecimentos, que não pode ser comparada com meios de comunicação como a televisão e o rádio, porque não transmitem uma informação tão aprofundada e detalhada como os livros e as revistas.

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para refletir, para compreender, para nossa emoção, para nossa perturbação, pela beleza da linguagem. Lemos para compartilhar, para sonhar e aprender a sonhar e a melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros. A leitura assim conceituada, pode muitas vezes ser comparada à alimentação, pois um texto, conforme nossa fome e disposição momentânea é saboreado, mastigado e deglutido. Moraes (1995).

4 A MEMÓRIA SOCIAL E A IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DA BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE LINHA ANDRÉAS, EM VENÂNCIO AIRES, RS

Esta seção destina-se a apresentar os resultados da pesquisa de acordo com os objetivos específicos do estudo. Apresenta uma breve contextualização da imigração alemã em Linha Andréas, a formação da comunidade, da Sociedade e da biblioteca comunitária; caracteriza a biblioteca a partir do seu espaço, acervo e a importância para a comunidade; discorre as atividades realizadas por meio da biblioteca, a importância do seu acervo e da leitura para os habitantes da comunidade e identifica quais as motivações da comunidade em manter a biblioteca aberta.

4.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM LINHA ANDRÉAS

A imigração germânica em Venâncio Aires, cujo apogeu foi entre 1860 a 1880, processou-se via direta da Alemanha e por afluência de outras colônias. A partir de 1853 alguns sesmeiros lotearam terras de sua propriedade, transformando-as em colônias particulares exploradas por imigrantes alemães, pois colonizar, na época, era sinônimo de bom investimento, ocupando vazios demográficos e prometendo retorno econômico compensador, em médio prazo. Linha Brasil, Linha Isabel e Santa Emília foram colonizadas a partir de 1860, seguidas por Linha Cecília, Maria Madalena, Sampaio, Alto Sampaio e outras. Várias colônias teutas de Venâncio Aires receberam contingente populacional de boêmios procedentes da região montanhosa do rio Iser, antiga Tchecoslováquia, coberta de neve em grande parte do ano e com escassa sobra de terra agriculturável, canalizando seus moradores para as atividades artesanais como a tecelagem e a lapidação de vidro. (FLORES, 1983)

No ano de 1876, manifestou-se uma série crise na indústria de vidro na Boêmia-Áustria, o que ocasionou falta de emprego, por razão dos preparativos bélicos nos países balcânicos para guerra de 1877 entre a Boêmia e os Balcãs. A estagnação do trabalho levou muitas famílias a se decidirem pela imigração. Chegando ao Brasil, buscaram o Rio grande do Sul para seu estabelecimento, chegando primeiramente em São Sebastião do Caí e mais tarde vieram colonizar as localidades de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. (RICHTER, 1998). Em Venâncio

Aires, em 1876 procedeu-se a imigração boêmia em Linha Santana¹¹ e Linha Andréas.

Os 25 lotes de Linha Andréas foram povoados em 1876 por um grupo de 26 famílias¹² um total de 101 pessoas aproximadamente. Em 1923 havia se desdobrado a ocupação dos lotes rurais por 42 famílias, um total de 250 pessoas. Os imigrantes que se estabeleceram em Linha Andréas, proximamente às margens do arroio Sampaio, tiveram muitas dificuldades de adaptação, pois eram lapidadores de profissão, ao artesanato do cristal e com saúde abalada por insalubridade de profissão nas fábricas de vidro. Os boêmios imigrantes, na sua chegada, derrubaram as primeiras árvores para construir suas moradas, denominadas choupanas e transformar a selva em lavouras. (FLORES, 1983; RICHTER, 1998).

Para exemplificar a situação do imigrante descrita acima, é de suma importância a obra Memórias de um Imigrante Boêmio,¹³ uma autobiografia de Josef Umann publicada em 1923 e traduzida por Hilda Agnes Hübner Flores para a língua portuguesa em 1981 e 1997. Umann radicou-se em Linha Cecília liderou a fundação da sociedade local, bem como Alto Sampaio. Umann (1997) esclarece quão difíceis foram os primeiros tempos na nova pátria e a desilusão que acometia os imigrantes, pois a escura floresta virgem e a vegetação rasteira exigia dos imigrantes um serviço árduo que não estavam habituados. O labor de serrar tábuas, fazer cercas, lascar ripas, construir choupanas e galpões, bem como a agricultura configuraram-se novos aprendizados aos operários de fábricas, além de perda de tempo e dinheiro.

Com o tempo, a região cresceu e desenvolveram-se as comunidades. Abriram estradas e construíram escolas, capelas e fundaram sociedades porque sentiram a necessidade de socialização. Com este espírito começou a luta pela primeira sociedade da localidade de Linha Andréas. (RICHTER, 1998).

Alguns depoimentos dos entrevistados quanto às origens imigratórias:

[...] meu avô Schubert e o Pohl, são ambos da Alemanha, os dois né, só que quando a gente tinha 10, 12 anos né, a gente não se interessava muito por isso aqui, mas quando a gente ficou sabendo que eles veio de um lugar

¹¹ Linha Santana teve seus 15 lotes de terra colonizados em 1876 por 15 famílias boêmias.

¹² Distribuição por lote, nome do proprietário, moradores por lote, em 1923, constante em: ESTATÍSTICA comparativa de picada Terezinha in Ober Sampaio. In: **SAMPAIO, zum 50 Jährigen Jubiläum, 1873-1923**. Tradução: Hilda Agnes Hübner Flores. [S.l.:s.n.], 1923. No prelo.

¹³ UMANN, Josef. **Lebenslauf von Josef Umann und zugleich Entwicklungsgeschichte der Linha Cecilia mun. Venancio Ayres**. Santa Cruz: Lamberts e Rield, [1923]. Tradução do título: Biografia de Josef Umann e um pouco da história de Linha Cecília, município Venâncio Aires.

tão longe assim né e começaram a trabalhar aqui né, a gente começou a se interessar sobre isso [imigração] mas assim, a gente não sabe muita coisa. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Eu to morando aqui desde que eu nasci aqui no Sampaio Linha Andreias 83 anos, [...] eu tinha uns vizinhos da família Schubert que eram alemão e ele se deu muito com meu pai e meu avo Francisco .Richter ele também foi da Alemanha e... também ajudou construir uma comunidade grupo e aí organizaram um grupo e no fim da conta começaram a fazer uma sociedade aqui. (EVALDO RICHTER, 83 anos).

[...] eles tinham, passaram muitas dificuldades porque lá na Alemanha eles eram profissionais porque lá a terra era pouco, o país era pequeno então e aqui só podia passar a vida na lavoura e eles não tinha conhecimento daquele tempo então eles passaram muitas dificuldades e o brasileiro não tinha muita experiência, porque o brasileiro só criava gado e não plantavam né e eles tinham muitas dificuldades no começo, mas depois foi melhor organizado aí eles passaram uma vida tranquila e porque quando eles vieram [imigrantes], eles vieram acostumados... escolas igrejas, em primeiro lugar igreja né..e eles tinham que construir só pela própria mão né, ninguém os ajudava, mas em primeiro lugar eram igrejas, escolas e sociedades, muitas sociedades, em toda a localidades tinham algumas sociedades, de dama e em geral, sociedade de cantores. O canto era em primeiro lugar e assistia enterros e essas coisas e algum esporte também, jogo de bolão e alguns esportes assim. (EDMUNDO DATTEIN, 87 anos)

Na verdade os imigrantes daqui eles são boêmios, a maioria dos imigrantes são da antiga Boêmia que pertencia ao império austro-húngaro, hoje essa região pertence a República Checa então eles vieram pra cá e trouxeram muita cultura junto, muitos deles não se estabeleceram logo aqui, muitos deles passaram antes de vir pra cá pela região do São Sebastião do Caí [...] e depois eles acabaram vindo para essa região mais montanhosa. Os imigrantes boêmios começaram a vir para o interior de Venâncio Aires a partir de 1873, aqui para Linha Andreas a partir de 1876, essa região aqui foi colonizada um pouco mais tarde, a primeira região foi da vila Teresinha, Linha Isabel, e depois eles acabaram vindo pra cá, pelo que eu leio em Venâncio o primeiro grande proprietário de terras foi o senhor Felisberto Fagundes que na verdade era Faxinal dos Fagundes aí depois ali se estabeleceram outros imigrantes mas portugueses. Tenho conhecimento que Venâncio Aires primeiro se chamava Faxinal dos Fagundes aí depois Faxinal dos Tamancos, Freguesia de São Sebastião Mártir e por fim Venâncio Aires em homenagem ao jornalista e republicano Venâncio de Oliveira Aires. Muita coisa eu descobri porque andei pesquisando um pouco sobre a nossa família os nossos antecedentes os Richter.. eles são daquela região da antiga Boemia da onde vieram os demais imigrantes, então isso era aldeias, lá na antiga boemia e pelo que eu descobri lá hoje naquela região não existe mais alemães, aquela região da antiga Boemia teve grande propaganda para que aqueles alemães que moravam lá fossem para outros países então havia propaganda de terras baratas e até teve aqueles que iam do Brasil pra lá fazer propaganda pra trazer eles pra cá então eles saíram de lá e depois a partir da segunda guerra mundial, isso não posso te dizer com precisão, os tchecos invadiram aquele território da Boemia e cada vez mais os alemães foram sendo excluídos de lá até que a Tchecoslováquia virou um país e acabou sendo dividida em dois países em República Tcheca e Eslováquia, mas o território da Boemia hoje pertence a República Tcheca mas assim pelo eu vejo os boêmios trouxeram muita cultura de lá que nem o kerbe, muito pratos que nem a cuca tradições eles trouxeram de lá os boêmios eram muitos festivos era um povo alegre eles gostavam de se reunir para confraternizar então eles se reuniam para cantar, ler então eles tinham que achar um meio para se descontraírem para

ter um lazer então por isso eles criaram tantaas sociedades, aqui se destaca a sociedade de canto, de leitura, em outros lugares eles fundaram outras sociedades eles tinham que ter alguma forma para se descontrair por que eles não podiam só ficar trabalhando, trabalhando porque era bastante complicado chegaram aqui só tinha mata né, eles tinham que começar do ponto zero derrubando matas para construir suas primeiras choupanas e começaram a vida deles aos poucos. (JONES RICHTER, 31 anos)

4.2 A ORIGEM: COMUNIDADE, SOCIEDADE E BIBLIOTECA

Linha Andréas é uma das localidades que integra o 8º Distrito do município de Venâncio Aires, denominado Vale do Sampaio, com sede em Vila Terezinha, como também integra em parte o 3º Distrito denominado Deodoro, com sede em Vila Deodoro. (VENÂNCIO AIRES, 2006). Possui área de 11,5 Km. Limita-se com as localidades de Linha Sant'Ana, Linha Sexto Regimento, Vila Deodoro, Linha Santos Filho, Linha Sipó, Linha Alto Sampaio (em Venâncio Aires), Linha Alto Sampaio (em Sérgio) e Linha Sampaio (Sério). Localiza-se entre duas escarpas íngremes do Planalto Meridional e é cortada por três arroios: das Pedras, Santos Filho e Sipó, afluentes do Arroio Sampaio. A economia de Linha Andréas é baseada na agricultura de minifúndio de fumo, milho e culturas de subsistência, pois o aproveitamento da sua terra é reduzido pelas escarpas e arroios, possuindo assim pouca terra arável. A indústria resume-se ao artesanato local. (RICHTER, 1998).

Antes de receber esta denominação, Linha Andréas formava com Linha Santana, a Linha Alto Sampaio ou Sampaio Alto, porque ocupavam toda a região alta do vale. (RICHTER *et al.*, 2007). Alto Sampaio então era constituído de duas picadas distintas, que na prática formavam uma só comunidade, dado a sua configuração geográfica: Linha Andréas, inserida no vale entre duas íngremes encostas e Linha Santana, ao sopé do morro, com vale mais espreado. (FLORES, 1983).

Alto Sampaio é hoje uma pequena parte do Distrito de Deodoro, localizada na parte mais alta das encostas escarpadas da Serra Geral. Uma parte de Linha Andréas também pertence ao Distrito de Deodoro e outra ao Vale do Sampaio, bem como a identidade histórica. (RICHTER *et al.*, 2007). Há a necessidade de esclarecer estas denominações devido aos documentos encontrados na Biblioteca Comunitária da A.L.C.J de Linha Andréas, bem como, a posse da Associação,

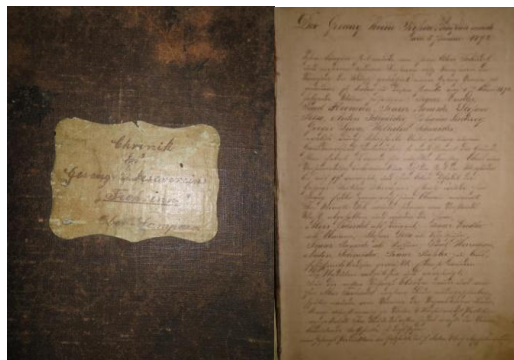
conhecida como Sociedade, devido o nome de origem. Estas situações estão explicitadas ao longo do texto, conforme as ocorrências das formações.

Quanto ao espírito associativo do colono alemão, Flores (1983, p. 148), destaca quatro atividades básicas que os caracterizam: “[...] o trabalho comum nas estradas, a construção de escolas, a solução para o problemas religioso e a criação de associações capazes de preencher lacunas de natureza gregária, defensiva, recreativa e cultural.” Conforme Verband Deutscher Vereine ¹⁴ (1924, p. 279 *apud* FLORES, 1983, p. 148): “O alemão trouxe para sua nova pátria as qualidades espirituais que herdou de seus avós e as honrou e cultuou, para proveito e utilidade de nosso Estado. Isto vale para a imprensa, vida associativa, arte e ciência, escola e religião.”

A formação da Sociedade de “Linha Andréas” remete-nos ao ano de 1892. Apenas 16 anos após o povoamento das Linhas Santana e Andréas, no vale do Alto do Sampaio, os imigrantes boêmios criaram, em 1892, a Sociedade de Canto *Frohsinn* (Jovialidade).

Conforme consta no livro de fundação da Sociedade (Figura 1¹⁵), *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio* (Fundação da Sociedade de Canto e Leitura Jovialidade de Alto Sampaio) no dia 1 de janeiro de 1892 reuniram-se em Sampaio Alto algumas pessoas com o desejo de fundar uma Sociedade de Leitura e Canto, por iniciativa de Alois Tschiedel. Eram os seguintes nomes: Franz Endler, Paul Herman, Franz Bennesch, Stefan Feix, Anton Scheider, Johann Ludwig, Gregor Lang, Wilhelm Schneider. (*GESANG...*, 1892, tradução nossa).

Figura 1 - *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio*



Fonte: Biblioteca Comunitária

¹⁴ VERBAND DEUTSCHER VEREINE. **Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul, 1824-1924**. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1924.

¹⁵ Convencionou-se utilizar a denominação “Figura” para todas as ilustrações expostas neste trabalho.

Fruto desta reunião, no dia **3 de janeiro de 1892, foi fundada a Sociedade de Canto Frohsinn**,¹⁶ *Frohsinn* que significa jovialidade e que “[...] traduz o estado de ânimo e a maneira de ser do imigrante alemão, apreciador de festas, nas quais se alegrava bebendo *bier* e cantando ‘Lieder’ no folclore de seus ancestrais, cultivando assim as tradições que lhes legaram.” (FLORES, 1983, p. 183). Flores (1983) ainda explica que o termo jovialidade já era, uma nomenclatura usada na Boêmia, repetidas em diversas sociedades similares de colônias alemãs no Estado.

Schmidt (1923) coloca que “[...] Alois Tschiedel, que desejava fundar uma Sociedade de Canto na picada que desabrochava na selva por obra dos pioneiros, cuja vida austera seria tornada mais amena através do canto.”

Flores (1983) menciona em sua obra *Canção dos Imigrantes*, vários relatos orais de sócios da Sociedade que hoje são falecidos, relatos estes fruto das entrevistas realizadas quando da coleta de dados para sua dissertação, como também da convivência. Um desses relatos, Otto Albrecht teria falado que Sociedade de Canto Frohsinn: ‘Nasceu porque as pessoas gostavam de cantar’¹⁷ Flores (1983, p. 180) e ainda:

Albrecht expressa fielmente o gosto peculiar do povo boêmio pela música, cultivada desde a Europa, em convivência secular com o alegre povo tcheco: ‘um povo que ria e cantava até na adversidade como lenitivo para seus males insolúveis, segundo Ulmann’. Se o trabalho insalubre encurtava a vida, o jeito era aproveitá-la ao máximo, enquanto durava. O canto expressava um sentimento de alegria imediatista; somado à bebida, ajudava a viver o momento presente. (FLORES 1983, p. 180).

E assim foi fundada a Sociedade desejada. Para adquirir os hinos necessários era encarregado o Sr. Alois Tschiedel e ao mesmo tempo ele foi escolhido para dirigir os ensaios do mesmo, mas sem algum instrumento. Os ensaios realizavam-se em casas de famílias, porque a Sociedade de Canto não possuía sede própria. (*GESANG...*, 1892, tradução nossa). As assembleias da Sociedade realizavam-se anualmente e em cada reunião, o secretário escrevia uma ata e havia eleição de uma nova diretoria. Festas também foram realizadas, mas no salão de Anton Frank Filho. Na assembleia de 10 de novembro de 1898, foi

¹⁶ Foram utilizados destaques gráficos para nos nomes da Sociedade, para melhor entendimento.

¹⁷ Informação oral

resolvido adquirir uma nova bandeira com as cores preta, vermelha e amarela, adquirida em Porto Alegre. (PROTOKOLL, 1898, tradução nossa).¹⁸

Alois Tschiedel, dirigente do coral, inicialmente copiava as canções para os ensaios, sendo adquirido mais tarde o *Regensburger Liederkrantz*. Ao final do primeiro ano de existência havia 37\$00 (reis) em caixa. Tschiedel trabalhava com bastante afinco para elevar a Sociedade de Canto, até que em 1903, se mudou. Sem regente, a Sociedade de Canto ficou em recesso por um ano. (SCHMIDT, 1923).

A par do canto, diversos moradores de Alto Sampaio sentiam falta de um aprimoramento cultural, para melhorar os costumes. Desejavam fundar uma Sociedade de Leitura, como houvera na pátria de origem, mas desconheciam a forma e o tipo de acervo a ser adquirido. Chamaram auxílio do Sr. Josef Umann e Gustav Nührich, da picada vizinha de Santa Cecília. (FLORES, 1983).

Josef Umann e Gustav Nührich posicionaram-se à frente na obtenção do bem comum da comunidade. Quando em uma reunião, ambos apontaram os objetivos a serem seguidos, alguns presentes decidiram lançar as raízes da **Sociedade de Leitura, fundada no ano de 1900**, pelos seguintes: Hermann Albrecht, Alois Tschiedel, Johann Rössler, Franz Hansel, Otto Wazlawovsky, Ernest Possel, Henrich Lang, Franz Pohl, José Kaulfuss e Franz Richter. (SCHMIDT 1923).

Consta na obra Memórias de um Imigrante Boêmio, que: “Por iniciativa particular de Josef Umann, a Sociedade foi dotada de uma biblioteca [...] procurava ele elevar o padrão espiritual e prover o progresso cultural da comunidade através da aquisição de bons livros [...] 400 volumes ainda da época da fundação.” (UMANN, 1997, p. 94).

A primeira diretoria da Sociedade de Leitura ficou assim constituída: presidente Hermann Albrecht, vice-presidente Franz Pohl, tesoureiro Johann Rössler, secretário Henrich Lang, assistentes Josef Richter, Henrich Liebstein e Wilibaldo Pilz e por fim, como bibliotecário, Otto Wazlawovsky. (SCHMIDT, 1923).

No decorrer do ano de 1900 adquiriu-se os primeiros 28 livros, no valor de 63\$200 (reis) provenientes das mensalidades e o número de sócios subiu de 10 para 24. (FLORES, 1983). “O povo espiritualmente sedento, em breve viu satisfeitos

¹⁸ Convencionou-se utilizar Protokoll (protocolo), ou Ata quando assim denominado nos livros de atas, em substituição ao nome do evento, entende-se reunião ou assembleia, registradas nos livros de atas. Decisão devida à ilegibilidade da escrita ou inexistência dos nomes das Assembleias em alguns registros.

seus anseios, ao ter à disposição leitura variada, com livros encomendados através de catálogos do mercado livreiro alemão.” (SCHMIDT, 1923).

Flores (1983, p. 183) explicita que a Sociedade que atendeu ao povo espiritualmente sedento, como Schmidt (1923) coloca, foi “[...] por meio da leitura buscava refrigério para a alma enquanto o corpo descansava da pesada faina na selva: ao meio dia, nas longas noites hibernais, e principalmente nos domingos e dias santificados.”

A leitura colocava o imigrante em contato com os valores éticos e étnicos de seus ancestrais, e serviu para dar prosseguimento a lastro “Deutschtum”, isto é, de cultivo da cultura germânica existente nas colônias. Todavia, a leitura não proporcionava convívio social efetivo, capaz de extravasar sentimentos de sociabilidade que o colono acalentava em sua alma. (FLORES, 1983, p. 183)

Schmidt (1923) explica que surgiu então o desejo de colocar algo social na Sociedade de Leitura. Logo veio a ideia de anexarem a Sociedade de Canto, inativa há um ano por falta de dirigente, já que Alois Tschiedel abandonou a mesma em 1903. Em assembleia no dia **27 de agosto de 1904**, decidiram os membros fundir as duas instituições, salvando a Sociedade de Canto e formando então a **Sociedade de Canto e Leitura Frohsinn (Jovialidade)**. Richter (1998) coloca que em virtude da crise que a Sociedade de Canto atravessava, o nome Leitura antecedeu o de canto. Denominou-se então **Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade de Alto Sampaio**.

Conforme Flores (1983, p. 179), a fundação da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade “[...] situa-se dentro de dois princípios básicos que nortearam a vida gregária do imigrante alemão: sua experiência anterior de vida associativa, na pátria de origem e seu grande isolamento social, na pátria eletiva.”

Jones (1998, p. 4) coloca que: “Como a sociedade ainda não possuía sede própria, a biblioteca era ambulante e gozava de grande zelo dos sócios, sendo que as festas e reuniões eram realizadas nos salões Franck e Foltz.”

Em 1909 a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade contou já com 52 associados e 475 exemplares de livros. (PROTOKOLL , 1909, tradução nossa). Em 9 de janeiro de 1910, a mesma Sociedade contou com 60 sócios e 530 exemplares de livros. Também foi comprado um violino para melhorar o coro de canto. Foi encarregado o Sr. Henrich Röhler para dirigente do coral (ficou neste cargo por 54

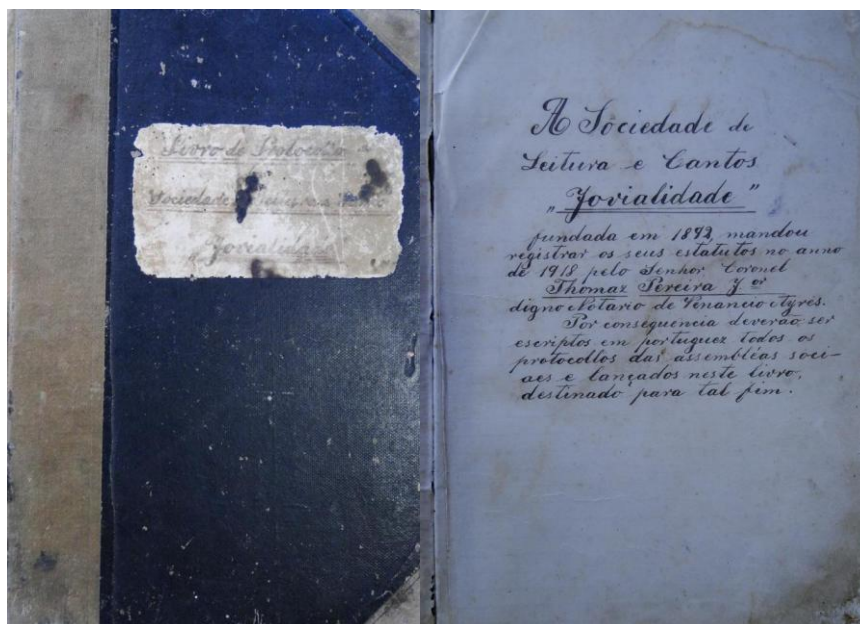
anos) e a partir desta data, o coral masculino funcionava em quatro vozes. (PROTOKOLL , 1910, tradução nossa).

No dia 17 de janeiro de 1917 foi inaugurada uma segunda bandeira com cores diferentes (a primeira foi em 1898 da Sociedade de Canto) um lado da bandeira com o nome e data da Sociedade e do outro lado com a cor da bandeira nacional Brasileira. (PROTOKOLL, 1917, tradução nossa). É a primeira bandeira da unificação das Sociedades de Leitura e Canto, a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade.

Em 1911, a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade apresentou seus estatutos na língua alemã e em 1957, na língua portuguesa, este que existe até hoje na Sociedade.

O mesmo livro de fundação, a partir de 1918, foi traduzido para a língua portuguesa, a partir do protocolo número 47, como consta no termo de abertura (Figura 2).

Figura 2 – Livro de protocolo



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J

A partir de então, todos os livros de atas e documentos oficiais da S.L.C.J foram escritos na língua portuguesa.

Em 1923, a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade contava com 2.000 volumes de livros. (SCHMIDT 1923).

Conforme Richter (1998), sentindo necessidade de possuir uma sede própria, os moradores de Linha Andréas resolveram em 1933, construir sua sede (Figura 3)

Figura 3 – Sede da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade, inaugurada em 1933



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J

Quanto à construção da sede da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade, Carlos Schubert Filho, 66 anos narra:

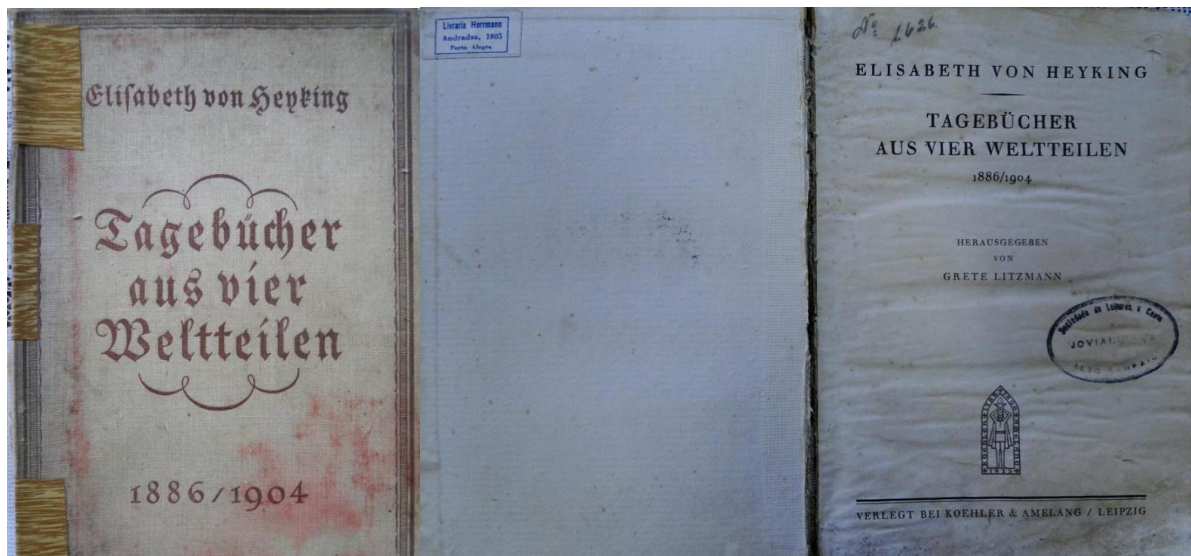
Naquela época em 1883... 1893 a sociedade foi construída, mas a biblioteca e o coral funcionavam em outra casa lá adiante, que hoje não existe mais né, então em 1893 foi construída a sociedade tinha 13 associados, eu tenho uma foto... então aquela vez quando eles construíram [a sede de 1933], eles trouxeram o material puxado a boi lá de Boqueirão e começaram... fizeram aquela parte, esta parte aqui não [da biblioteca] só a parte do meio [...] e foi aumentado tinha épocas que tinha bastante sócios 300, 400 associados e agora muitos sócios saíram fora e muitos faleceram e a juventude hoje não se interessa mais por isso, nem a leitura nem o coral [...] (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos).

Nesta sede, a biblioteca comunitária encontrava-se, segundo os entrevistados, em outro local, que não a atual sala. Porém, ninguém soube falar o local exato em que eram guardados os livros dentro da sede.

Quanto à origem do acervo da biblioteca comunitária, alguns livros foram comprados pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, outros doados pelos imigrantes

e outros trazidos da Alemanha. Localizou-se no acervo a indicação de compra também pela livraria Hermann, da mesma cidade, conforme a etiqueta constante na segunda capa do livro *Tagebucher aus Vier Weltteilen* (O diário das quatro partes do mundo), publicado em 1926, Figura 4.

Figura 4 – *Tagebucher aus Vier Weltteilen*, de 1926. Comprado por meio da Livraria Hermann



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J

No catálogo da biblioteca, registro de obra 1.626, consta o título do livro acima ilustrado seguido pelo valor de compra – Cr\$ 40,00 (quarenta Cruzeiros), moeda existente no Brasil de 1942 a 1967, 1970 a 1986 e de 1990 a 1993. Os anos impressos na capa e folha de rosto – 1886 e 1904 – representa o período que trata a temática do livro. A acervo da Biblioteca Comunitária da Sociedade e o catálogo, estão melhor explicados na subseção seguinte.

Quanto ao montante de livros, Flores e Richter (1983 e 1998) explicitam que chegou a 4.000 volumes. Como nos anos em que deflagrou a II Guerra Mundial, todos os que falavam em língua alemã eram perseguidos, também a Sociedade não foi poupada da perseguição e por isso foi fechada a um porão do judiciário de Venâncio Aires, onde muitos livros desapareceram e não voltaram às prateleiras da Sociedade. (RICHTER, 1998). Aproximadamente a metade dos livros foram devolvidos pela polícia, ou buscados pelos sócios. O único registro encontrado nesse tocante consta na Ata de 21 de dezembro de 1948, denominado como **Marco Escuro**:

Marco escuro

Em 1942 foram retirados os livros da biblioteca da sociedade de leitura e canto Jovialidade, pelo Sr. Guilherme Mariante, delegado de polícia naquela época em Venâncio Aires, e restituídos em 1945 pelo delegado de polícia naquele tempo, Armando Velhinho, com grande prejuízo da sociedade. Grande número de livros foram danificados por falta de zelo e outros volumes não voltaram mais, entre as quais para não mencionar todos: 2 dicionários Brockhaus, volumes caríssimos, os sócios da sociedade Jovialidade lamentam muito este fato. (ATA, 1948).

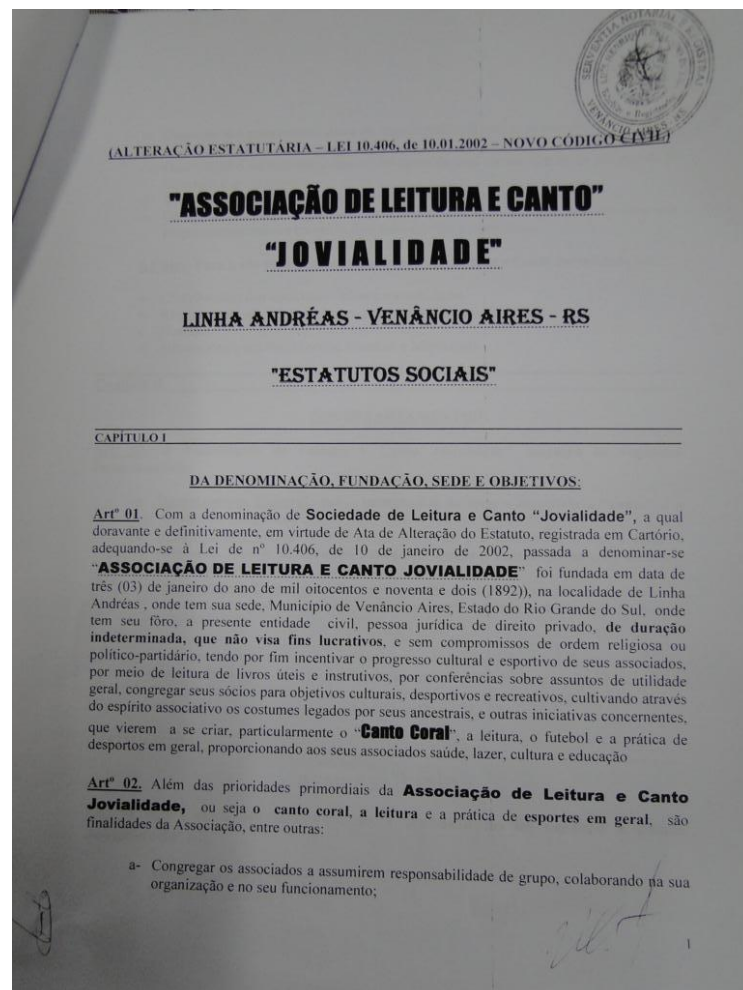
Vários documentos encontrados na Biblioteca Comunitária da Sociedade consta como sua sede em Linha Santana, mas todas as pessoas da comunidade e outras cidades a conhecem como pertencente à Linha Andréas. Como o livro de fundação era de Alto Sampaio, que era constituído pela picada Santana e Andréas, poderia ter havido alguma confusão. Verificou-se nas atas da Sociedade que a partir da Ata 1 de 1990, do dia 7 de janeiro de 1990, todas as atas começaram a ser assinadas como Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas. Parece que na verdade, houve desentendimentos entre os moradores das duas picadas, quanto à posse da sede, pois territorialmente, a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade pertence à Linha Santana, mas a comunidade de Linha Andréas apropriou-se por identidade cultural, por ter ali construído o seu ninho, conforme depoimento de Jones Richter, 31 anos:

[...] essa sociedade aqui fica em Linha Santana, as duas localidades faziam parte da colônia de Santa Emília [...] então a localidade de Linha Santana ela vem até aqui na escola [Avaí], só que cada localidade tem o seu ninho que por proximidade de escola, igreja, cemitério, sociedade e algum povoado maior [...] a localidade de Linha Andreas começou a ter o seu ninho próximo a residência do seu [...] [depois das igrejas, há uns 2 km da Sociedade] ali havia um cemitério, escola, ali começou a se formar o que seria futuramente o ninho de Linha Andreas e aqui também tinha uma escola, só que eu não sei por qual motivo quando eles resolveram construir a Sociedade, isso nem mesmo os idosos, que eu entrevistei, sabiam me dizer o que eu pude perceber é que houve muito atrito entre eles [comunidade de Santana e Andréas] quando eles queriam construir a sede da sociedade eles brigaram eles queriam que fosse cada localidade tipo Linha Santana queria que fosse da Linha Santana, Linha Andreas queria que fosse Linha Andreas e quando foi construída, já existia essa escola aqui e aquela escola lá em cima [do ninho inicial de Andréas] já estava desativada, alguns até falaram que foi feito um sorteio mas na verdade essa Sociedade aqui foi construída territorialmente em Linha Santana, mas por apropriação do povo [pertence à Linha Andréas] esse aqui é o último lote de Linha Santana, hoje não existe mais essa divisão de uma localidade e outra de forma correta o que se cuida muito é a divisa de um município com outro, mas as localidades não, ninguém sabe direito onde termina Linha Santana e começa Linha Andreas, naquela época aqui foi último lote de Linha Santana isso consta nos primeiros registros, as pessoas queriam que tudo passasse a pertencer a Linha Andreas e o ninho de Linha Santana acabou se formando mais para baixo a uns 4 km aqui pra baixo [da Sociedade], as

peças de Linha Santana acabaram não se importando muito e formaram a sua Sociedade que é bem mais recente [...] (JONES RICHTER, 31 anos).

O atual mapa dos distritos do município (PREFEITURA... 2011) marca a divisa entre as Linhas Andréas e Santana, na Escola Avaí, como Richter explicitou acima, sendo a Sociedade, demarcada no mapa como pavilhão comunitário, localizada na área de Linha Santana. Por apropriação, a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade tem sua sede em Linha Andréas, o que é corroborado por alguns documentos oficiais da prefeitura do município. As atas da Sociedade desde 1990 são assinadas como Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas. O nome Sociedade perdura proferido pelos sócios, porque em 2005, foi “publicado” um novo estatuto social, por meio do qual a Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas, passou a chamar **Associação de Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas (A.L.C.J)**, conforme a Figura 5:

Figura 5 – Estatuto Social de 2005



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

4.3 A BIBLIOTECA: ESPAÇO, ACERVO E IMPORTÂNCIA

Os tópicos seguintes caracterizam a Biblioteca Comunitária da A.L.C.J abordando aspectos referentes ao espaço, ao acervo e a importância para a comunidade.

4.3.1 O espaço

Atualmente, a sede da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS, conserva sua fachada original, com exceção do telhado para proteção dos carros e os anexos, os quais à direita, em alvenaria, se abriga a atual sala da biblioteca (Figura 6):

Figura 6 – Atual sede da A.L.C.J., de Linha Andréas, RS

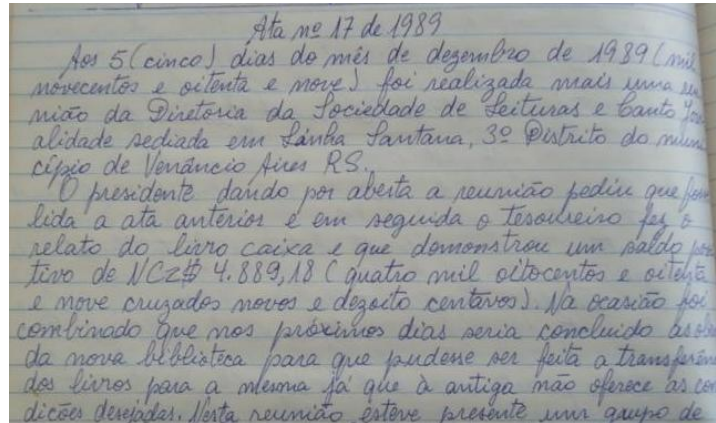


Fonte: dados da autora

A Biblioteca Comunitária da A.L.C.J de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, localiza-se em uma sala construída à direita da entrada da sede. Os entrevistados não souberam falar quando foi feita esta reforma, mas foi localizado no Livro-Ata de 1986 à 1992, na ata 5 de dezembro de 1989 (ATA, 1989), que nos

próximos dias ao citado da ata, seriam concluídas as obras da nova biblioteca para que pudesse ser feita a transferência dos livros para mesma, já que a antiga não oferece as condições desejadas, Figura 7:

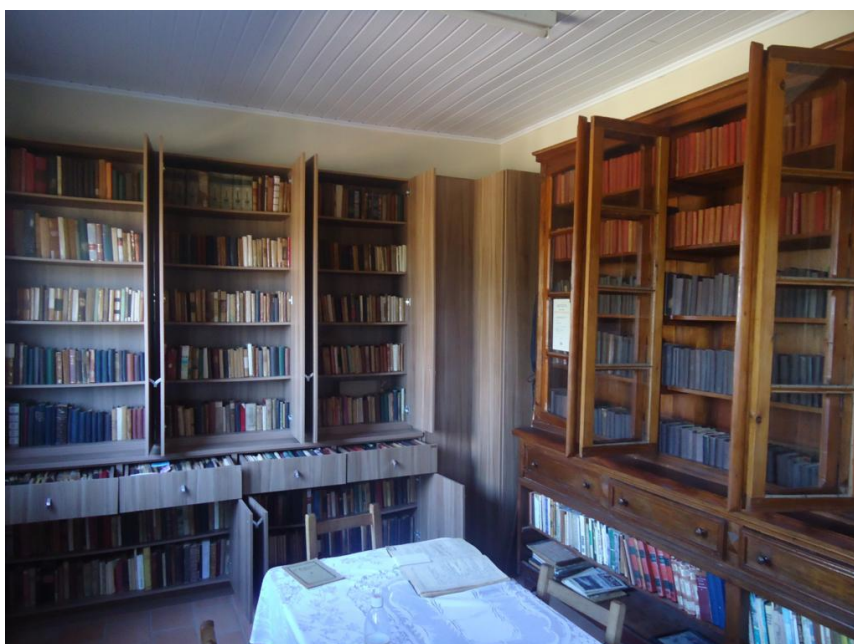
Figura 7 – Reforma da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.



Fonte: dados da autora

Em 2011, a sala atual novamente sofreu uma intervenção, pela Secretaria Cultura de Venâncio Aires, que estava providenciando a revitalização do espaço da biblioteca comunitária, com nova pintura, revitalização do armário antigo e confecção de outro armário para melhor acomodar os livros. Atualmente, o acervo encontra-se guardado nestes armários, conforme a Figura 8 abaixo:

Figura 8 – Acervo da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J



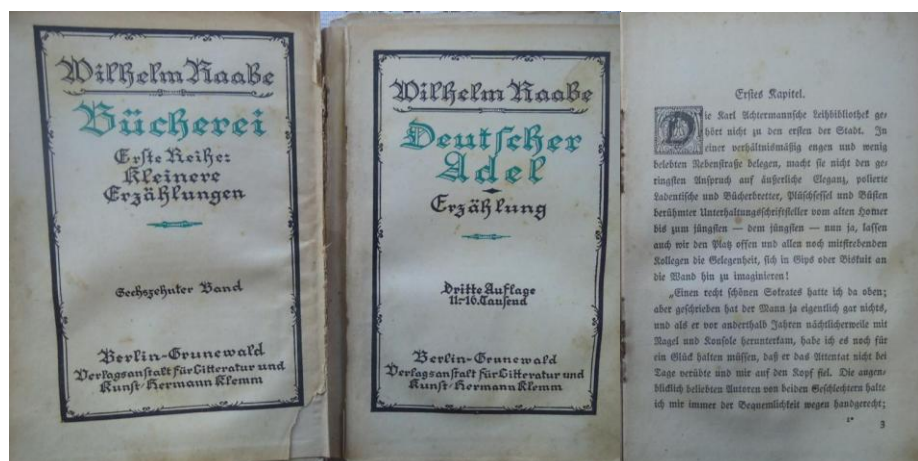
Fonte: dados da autora

Ainda nos primórdios da fundação da sede, a biblioteca localizava-se em uma outra sala, cuja não foi possível identificar o local, e o acervo era alocado em estantes abertas ou em caixas. Com o tempo, sofreu as intempéries deste acondicionamento.

4.3.2 O acervo

O acervo da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS, caracteriza-se por ser composto quase na sua totalidade, por livros na língua alemã, a maioria na língua alemã gótica e minoritariamente, livros na língua portuguesa e alguns exemplares em latim. A escrita em latim foi muito utilizada por volta de 1941 e a escrita gótica, a partir desta data, foi desaparecendo. A escrita gótica, conforme Ferreira (1986, p. 1.024), é o tipo de letra “[...] angulosa e de linhas quebradas, formada entre os séculos XII e XIII, mediante progressivo fraturamento dos traços da letra carolina.” Segundo Loyon (1990) em alguns países da Europa a escrita gótica sobreviveu até o século XVIII e na Alemanha, até 1945. A utilização deste estilo caligráfico e tipográfico na Alemanha ainda no século XX, justifica o montante de livros encontrados na Biblioteca da A.L.C.J, adquiridos pelos imigrantes a partir de 1876. A Figura 9 ilustra um livro escrito em alemão gótico – *Deutscher Adel* (Nobreza Alemã) – pertencente à biblioteca e que não possui data de publicação, o que pode ser um indício que alguns livros podem não possuir este dado de identificação:

Figura 9 – *Deutscher Adel*, na língua alemão gótica



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

O número de obras componentes do acervo é uma incógnita. Pelo pouco tempo para realização deste estudo e pela dificuldade de acesso ao local, não foi possível efetuar a contagem das obras, menos ainda, inventário, o que seria interessante para a caracterização do acervo. Há apontamentos, desde a origem da biblioteca até o que seria sua completude literária, que existiam na Biblioteca Comunitária da S.L.C.J. de Linha Andréas, RS, cerca de 4.000 livros (FLORES, 1983). Com o advento da Segunda Guerra Mundial, em que os livros foram confiscados e submetidos à enchente de 1941 em Venâncio Aires, vários livros foram eliminados, se deterioraram se perderam, não foram devolvidos e assim, a biblioteca possuiria atualmente cerca de 2.000 a 2.500. (FLORES, 1983). No catálogo da biblioteca, de 1944, constam 2.669 registros, ou seja, 2.669 livros, porém, como há indícios de não se tratar único catálogo, este número total de exemplares registrados não é válido, suposição reforçada pelo número maior de obras existentes anteriores à Segunda Guerra, conforme relatos da comunidade e estudiosos.

Devido à atual inexistência de organização sistemática do acervo, enquanto parte física, não foi possível efetuar análise minuciosa dos assuntos das obras, fato dificultado também pela barreira linguística, pois estas estão alocadas nos armários sem algum tratamento da informação. Os livros foram alocados por cores, atividade que foi auxiliada por esta autora em 2011, quando da revitalização da biblioteca comunitária. Salienta-se que desta ação, algumas coleções, identificadas pelo *layout*, foram reunidas no acervo e assim encontradas quando realizada a pesquisa por esta autora. O catálogo da biblioteca apresenta as obras em registros sequenciais com assuntos aleatórios, ou seja, não estão reunidos por assunto. As subseções seguintes especificam peculiaridades dos livros e do catálogo, além de análise compilada de livros e catálogo, como temática e métodos de registro, para melhor entendimento de sua caracterização.

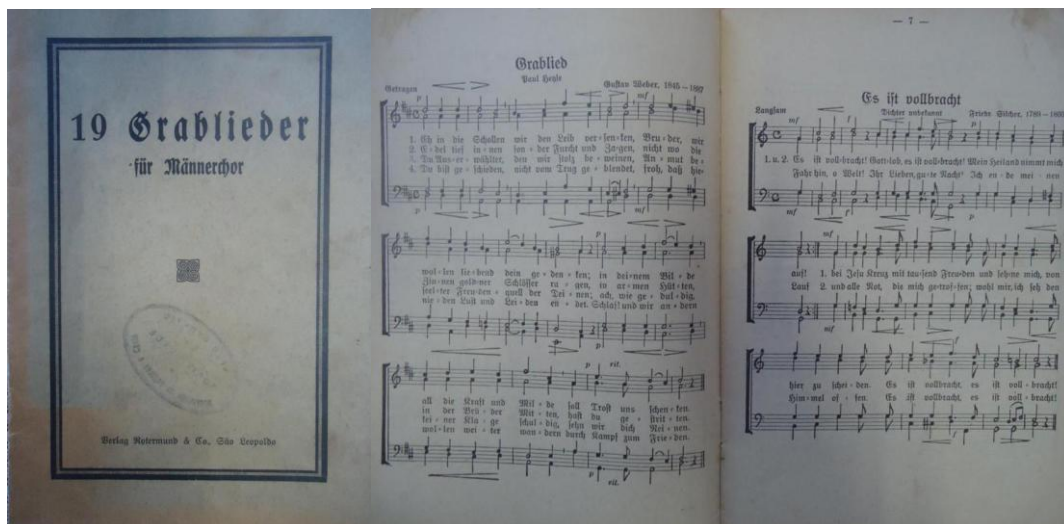
4.3.2.1 Os livros: o que existe na biblioteca

Os livros da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS, em sua maioria, caracterizam-se por serem escritos na tipografia alemã gótica, conforme avaliação realizada nos títulos do acervo. Constatou-se, por meio de análise temática de alguns livros e do catálogo da biblioteca, que as obras referem-se à

literatura de entretenimento e história, sobressaindo o gênero literário narrativo, tratando-se de histórias, romances, romances policiais, contos, novelas, sexo, histórias infantis, expedições e histórias de outras terras e países, incluindo a Alemanha. Os livros em português, na sua maioria, também se caracterizam por literatura de entretenimento, porém existem vários exemplares sobre a história e geografia do Brasil e Rio Grande do Sul, desconsiderando livros didáticos.

O acervo conta também com dicionários, vários exemplares da revista Seleções, revistas RDA (Revista da Embaixada da República Democrática Alemã na República Federativa do Brasil), revista *Skt. Paulusblatt* (revista em língua alemã, fundada em 1912, editada em Nova Petrópolis, RS) e 19 *Grablieder für Männerchor* (livros de canções fúnebres para coral masculino), Figura 10:

Figura 10 – 19 *Grablieder für Männerchor*



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

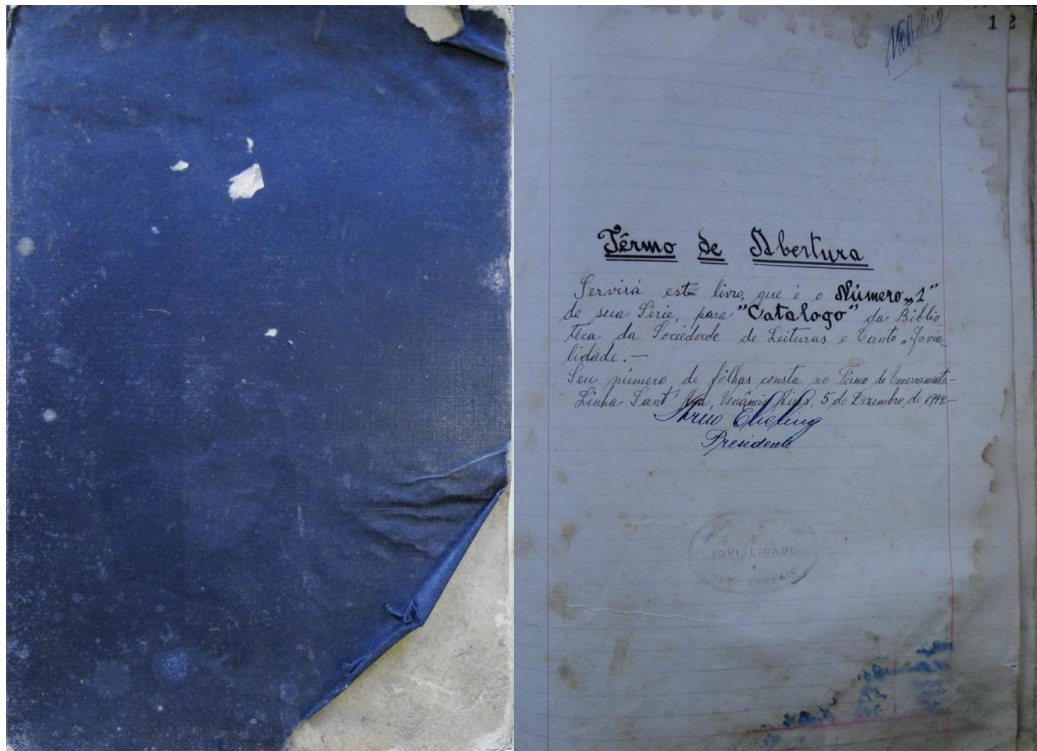
A biblioteca também se configura como depositária e guardiã dos livros e documentos administrativos da A.L.C.J, entre: livros de atas dos anos de 1892 à 1942, 1919 à 1952 (tradução do anterior), 1953 à 1974, 1975 à 1986, 1986 à 1992 e 1992 à 2005; livro de atas do Grêmio Esportivo Avante; Estatutos da Sociedade; Livro de Inspeção do Trabalho; Registros de Saída (compra de materiais); Controle de Recebidos; Livro Caixa; Livro de Presença dos Sócios, fotografias da fachada original da Sociedade e dos regentes do coral, entre outros, o que denota sentido de organização dos membros da Sociedade, desde a origem desta e competência na

administração da mesma, além da significância na salvaguarda dos registros se em algum momento fosse necessário recorrer a estes para qualquer importância.

4.3.2.2 O catálogo: análise de composição

Entre os documentos administrativos existentes na biblioteca comunitária, há o Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J, que consiste no catálogo dos livros do acervo, tanto na língua alemã, como na língua portuguesa. Constituiu-se em um livro no formato de ata, atualmente em estado deteriorado, com a costura aberta, páginas amareladas e manchadas, ilustrado na Figura 11:

Figura 11 – Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Consta no termo de abertura do catálogo da biblioteca, ilustrado acima, que: “Servirá este livro que é o **Número 1**’ de sua Série, para **‘Catálogo**’ da Biblioteca da Sociedade de Leituras e Canto Jovialidade. Seu número de folhas consta no Termo de Encerramento. Linha Sant’Ana, Venâncio Aires, 5 de dezembro de 1944.” A primeira dúvida que surgiu na análise do termo de abertura, especificamente na frase “**Número 1**’ de sua Série” consistiu justamente na unicidade e/ou sequência do

catálogo, já que o mesmo foi o único catálogo encontrado na biblioteca quando realizada a pesquisa documental. Os membros da Sociedade consultados, não souberam responder sobre a existência de algum outro catálogo, salientando que as pessoas que poderiam vir a fornecer tal informação são falecidas. Alguns questionamentos foram feitos pela autora do trabalho à mesma, registrados no protocolo do caso.¹⁹ Primeiramente, onde está o termo de encerramento indicado no termo de abertura? Se há relatos que a biblioteca possuía em torno de 4.000 livros, porque foram registrados neste catálogo somente 2.669? Poderia haver ou ter havido outro catálogo? Se a Sociedade de Leitura formou-se no ano de 1900, já com certo número de livros, então o registro dos mesmos foi feito somente a partir de 1944?

Para responder estas indagações e proceder à caracterização do catálogo e acervo da biblioteca, uma análise mais minuciosa do catálogo e dos livros foi realizada, quanto à estrutura do primeiro e as temáticas do segundo, no sentido catálogo-livro, ou seja, registros de livros que chamaram a atenção no catálogo foram buscados os objetos – livros – no acervo da biblioteca, quando possível identificá-los, já que, como em outro momento explicitado, os livros não obedecem a organizações sistemáticas no acervo. Durante este processo, procedeu-se à gravação da análise com o gravador de voz Sony Px312, registrou-se fotos do catálogo e dos livros e foram realizadas anotações codificadas no diário de campo com indicações para as gravações e fotos, instrumentos e procedimentos necessários para garantir a confiabilidade e recuperação dos dados identificados e a correta análise, já que o local é de difícil acesso e o tempo escasso.

Primeiramente, constatou-se a inexistência do termo de encerramento, que deveria constar na última folha do catálogo, não deixando claro o número total de folhas do mesmo.

Procedeu-se à verificação da estrutura do catálogo e identificou-se que o mesmo apresenta colunas respectivas ao número das obras, número dos volumes, título do livro, nome do autor, casa editora, preço e observações, sendo que a primeira coluna não possui indicativo de título. A rubrica que aparece no canto

¹⁹ Conforme seção 2.4.4.2 Protocolo, este se constitui em um documento não formal elaborado pelo e para o pesquisador orientar-se na realização da coleta de dados, podendo conter as técnicas de coleta, as fontes consultadas e perguntas feitas ao próprio pesquisador como lembrete das ações a serem tomadas, auxiliar na memória.

superior direito de cada folha é a assinatura do presidente que assinou o termo de abertura Figura 12:

Figura 12 – Registros do Catálogo da Biblioteca da A.L.C.J

Número da Obra	Número de Volumes	Título do Livro	Nome do Autor	Casa Editora	Preço	Observações
1	1	"Nigua e Lomba"	Renato Maurist	Livraria do Globo	4,00	Coletânea "Arte"
2	2	"O Sacarô de Sorilas"	S. de B. Freitas	"	4,00	" Universo
3	3	"O Saramo do Morro do Condô"	Luiz de Brito	"	4,00	"
4	4	"O Casu Fito Maluco"	João Van Offel	Companhia Editora Nacional	6,00	Série Negra
5	5	"Memórias de José Garibaldi"	Alfonso de Almeida	Securarius & C ^{ia}	6,00	"
6	6	"Koune"	Rene Angot	Livraria do Globo	4,00	Coletânea das Indústrias
7	7	"O Testamento de Luca"	Karl May	"	4,00	" Universo
8	8	"Mor e Fakir"	John St. Edmund	"	4,00	"
9	7	"Nos Desfiladeros dos Balkans"	Karl May	"	6,00	Coletânea Universo
10	10	"O Casu de Bragança"	S.S. van Dine	Comp. Editora Nacional	4,00	Série Negra
11	11	"Joana D'Arq."	Alexandre Dumas	Comp. Editora Nacional	4,00	"
12	12	"Tálios do Alcaz"	W. H. G. Kingston	Comp. Editora Nacional	6,00	Coletânea Summaeae
13	13	"Os Casos dos Homens Justos"	Edgar Wallace	Livraria do Globo	6,00	" Enigma do"
14	14	"O Talar de Tarlino"	Absten Jumbaland	Comp. Editora Nacional	4,00	Série Negra
15	15	"O Enigma de Bagdott"	Oscar Gray	"	4,00	"
16	16	"Um Rio semita e o nome"	Thoma. Adberg	Livraria do Globo	8,00	"
17	17	"A Região dos Bandoleiros"	Karl May	"	6,00	Coletânea universo
18	18	"O Pequeno Gesar"	W. B. Ruinett	Comp. Editora Nacional	4,00	Série Negra
19	19	"Enigma do Mare"	Sydney Kayser	Livraria do Globo	6,00	Coletânea amada
20	20	"O Caso do Delator"	Edgar Wallace	"	6,00	"
21	21	"O Roubo dos cem milhões de dolares"	St. de Harroy	Editora. empresa Brasileira	6,00	"
22	22	"O Crime do Escaravolho"	S. J. van Dine	Comp. Editora Nacional	4,00	Série Negra
23	23	"O Torro Desemhociado"	Agulme de Azeis	"	5,00	"
24	24	"A Serra do Abade"	Karl May	Livraria do Globo	8,00	Coletânea universo
25	25	"R. S. P. ou A. data Natal"	St. de Harroy	Comp. Editora Nacional	4,00	Série Negra
26	26	"O Homem do Forno de Arroz"	Ernst Koster	"	4,00	"
27	27	"O Juar Assassino"	Karl Schulz	Livraria do Globo	6,00	Coletânea amada
28	28	"A Legião dos Homens Perdidos"	William de la Motte	"	8,50	"
29	29	"O Segredo do Sacerdote"	Gustave Le Rouge	Comp. Edi. Brasileira	2,00	"
30	30	"O Livro dos Partidos Políticos"	Julius Barata	Edi. Livraria Victor	1,50	"
Total de Obras, Volumes e Preços						139,50

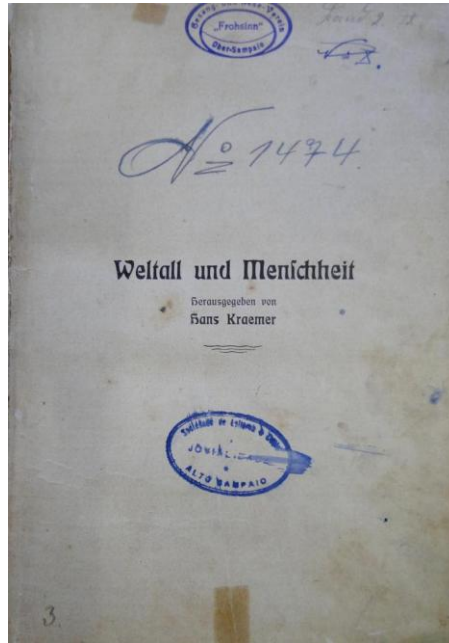
Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Estas disposições indicam que os "bibliotecários" da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS, nenhum com formação acadêmica em Biblioteconomia, possuíam sentido de organização metódica dos registros efetuados, pois este catálogo assemelha-se com o antigo livro tomo utilizado nas bibliotecas quando a inexistência de sistemas informatizados. Nota-se que dados importantes poderiam ter sido registrados, a data de aquisição e a data de publicação dos livros, o que facilitaria particularmente este trabalho e o arranjo, identificação ou apresentação dos livros pelos membros da Sociedade aos turistas que visitam a mesma, além de proporcionar maior conhecimento do acervo. Nota-se que no catálogo, Figura 12, que os números registrados nas colunas de número das obras e número dos volumes permanecem os mesmos, de maneira sequencial.

Os números das obras constantes no catálogo correspondem aos números registrados à caneta esferográfica na folha de rosto dos livros. Todos os livros são identificados com o carimbo da Sociedade Figura 13 - que por vezes, aparecem

dois: *Gesang und Lese-Verein Frohsinn Ober-Sampaio*; Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade Alto Sampaio. Em alguns livros, estas marcações constam também em outras folhas.

Figura 13 – Carimbos da Sociedade



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Para contextualizar estes registros realizados pelos “bibliotecários” da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS, cita-se Prado (2000, p. 30):

Todo livro, ao entrar na biblioteca, deve ser primeiramente tombado, isto é, deve receber um número de acordo com sua entrada, que é chamado número de aquisição, de registro ou de tombo. Este número é colocado na página de rosto do livro e em outro lugar determinado, para maior garantia. [...]. Em seguida registramos todas as informações a ele referentes em ficha ou em livro de tombo, também chamado livro de inventário.

Como visto os registros dos livros do acervo da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J. de Linha Andréas, RS estão de acordo com as diretrizes básicas da Biblioteconomia quanto à identificação básica do livro, por meio do carimbo, do tombamento e registro de entrada, desde 1944, o que infere senso contínuo de organização e preocupação com o patrimônio cultural, reforçando a memória da comunidade.

Nota-se ainda na Figura 12, que os primeiros livros registrados são na língua portuguesa e por constar a coluna preço preenchida, indica que foram comprados, cuja sigla Cr\$ corresponde à moeda Cruzeiro, existente no Brasil com intervalos entre os anos de 1942 a 1993, ano inicial que se relaciona à data de fundação do catálogo.

Na coluna observações, há indicações de coleções - Coleção Amarela, Espionagem, Universo; série – Negra, Viagens, entre outras. Na coluna casa editora, constam as editoras (*verlag* em alemão): Vocacional, Moderna Paulistana, Livraria do Globo, Empresa Editora Brasileira, Unitas, *Verlag bei Henius Ber., Dr. Herlet Berlin, Krahe e Cia., Bertelsmann, Verlag Leipzig*, entre outras. Observou-se que todas as colunas, até a folha n. 3 do catálogo, estão preenchidas.

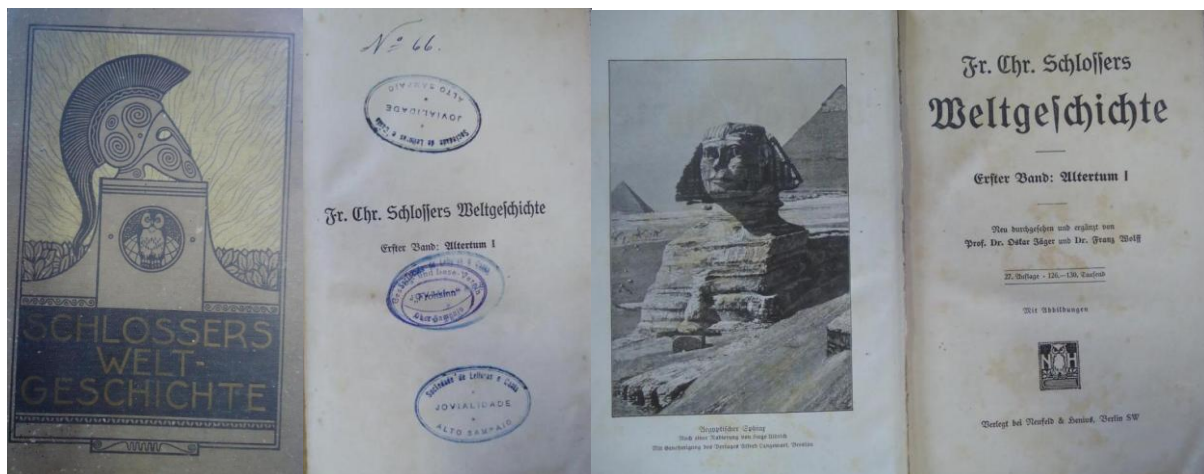
Os livros com números de obra 55 e 56, constam como perdidos na coluna em branco, o que Prado (2000) considera importante registrar, ou seja, qualquer dado relevante com relação ao volume, como data em que foi perdido ou descartado. Os livros em português estendem-se até o registro n. 65. A partir do registro de número 66, na p. 4, estão registrados os livros em língua alemã, conforme Figura 14 abaixo:

Figura 14 – Registros de livros na língua alemã, no catálogo

Numero da Obra	Numero do Volume	Titulo do Livro	Nome do Autor	Casa Editora	Preço	Observações
61	61	6. <i>Exime Pequena Toile</i>	Paulo	Editora Nacional	7,00	
62	62	7. <i>Historia de um crime</i>	Polaco	Editora Nacional	8,00	Série Negra
63	63	8. <i>Banco dos anjos gemellos</i>	Dugalo	Editora Nacional	4,00	Polica Sumada
64	64	9. <i>o caso parson</i>	F. Mills	Livraria do globo	8,00	Polica Universal
65	65	10. <i>O caso de um novo dia</i>	Dr. Frank	Publicadora Brasileira		Coleção amarela
66	66	11. <i>Schlossers Weltgeschichte</i>	Joh. Loser	Verlag Henius Ber.		
66	67	12	3.			
66	68	13	5.			
66	69	14	7.			
66	70	15	13.			
66	71	16	15.			
66	72	17	17.			
66	73	18	19.			
67	74	19				
68	75	20. <i>Gesunden un. Kranken Menschen</i>	Co. E. Bock	Deutsche Verlagsgesellschaft		Universal
69	76	21. <i>Heures Geschichte</i>	Heures	Krahe		
69	77	22. <i>Schillers Werke</i>	Karl Bock	Dr. Herlet Berlin		
70	78	23. <i>Schakespeare's Werke</i>		Krahe & Cia		
71	79	24	25.			
72	80	25. <i>Vorgeschichte des Mensch</i>	Wilhelm Baur	Otto Spamer		
73	81	26. <i>Die Völker der Erde</i>	Justus Ritter	Möckner		
74	82	27. <i>Evangelium der Petrus</i>				
75	83	28. <i>Das Reich der Empfindungen</i>	Kunze	Dr. Herlet		
76	84	29. <i>Missionen der Gegenwart</i>	H. Postel	Bertelsmann		
77	85	30. <i>Die Völker der Erde</i>				
78	86	31. <i>Der Weltkrieg</i>	H. Wolf	Ulster & in B.		
79	87	32	2.			
80	88	33	3.			
81	89	34. <i>Gottes Forme</i>	W. Bloem	L. Sei. Krahe		
82	90	35	2.			
83	91					
84	92					
85	93					
86	94					
87	95					
88	96					
89	97					
90	98					
91	99					
92	100					

O registro número 66 das colunas do número de obras e volume no catálogo, Figura 14 acima, é o título *Schlossers Weltgeschichte*, que significa **História Mundial do Serralheiro**,²⁰ ou “Serralheiro Histórias do Mundo”. O título da capa do volume da Figura 15 abaixo possui a mesmo título e grafia do catálogo, com exceção do hífen entre *Welt* e *Geschichte*, que neste caso, não constitui separação prefixial, mas sim separação silábica. Na falsa folha de rosto e folha de rosto do livro, Figura 15, o título consta como *Fr. Crh. Schlossers Weltgeschichte*, com a mesma tradução “História Mundial do Serralheiro”, porém, as palavras *Fr. Crh.*, podem indicar o nome de uma pessoa, o autor. No catálogo, na coluna de autor está escrito *Crh. Loser*.

Figura 15 - Capa, falsa folha de rosto e folha de rosto do *Schlossers Weltgeschichte*



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Cogitou-se que a obra poderia se tratar de **História Universal dos Castelos do Mundo**,²¹ pois a palavra *Schlossers*, assim escrita, significa serralheiro, mas *Schlössers*, com trema em cima da letra “o”, significa “castelos”, o que seria corroborado pela ilustração no verso da falsa folha de rosto da Figura 15, um monumento do Egito, apesar de inexistir esta grafia no livro. Poderia ser também,

²⁰ Fez-se uso do grifo negrito nas traduções dos possíveis títulos desta obra, a fim de destacá-los, para facilitar a leitura e compreensão do texto. Por vezes aparecem aspas duplas remetendo ao título anterior.

²¹ Não foi possível realizar análise temática da obra, de forma mais satisfatória, devido a esta autora encontrar-se sozinha na biblioteca nos dias da coleta de dados e não conseguir ler os escritos góticos. Foram tirados fotos dos livros – capa, folha de rosto, prefácio e alguma página do miolo – para posteriormente se proceder a tradução com o auxílio das pessoas que colaboraram nesse quesito e também o auxílio do alfabeto gótico e dicionário.

somente **História Universal**, considerando somente a palavra *Weltgeschichte*, constante na folha de rosto, já que *Fr. Crh. Schlossers* pode significar o nome do autor.

Foi localizado no *world wide web (web)*²² o título *F. C. Schlosser's Weltgeschichte Für das Deutsche Volk*, cuja tradução “literal” seria “A História Mundial do F. C. Serralheiro para o Povo Alemão”. É um livro também em alemão gótico, publicado no ano de 1845, em Frankfurt, Alemanha. Nota-se que a disposição do título desde livro na folha de rosto, assemelha-se com o volume 66 aqui estudado. No catálogo disponível na *web*,²³ é possível então constatar que *F. C. Schlosser's* é o autor da obra, pois consta *author*: Schlosser, Friedrich Christoph, 1776-1861 (o autor Kriegk aparece como autor, mas no sentido de complementador, editor) e o título é “História do Mundo para o Povo Alemão”.

Portanto, o registro número 66 do catálogo, Figura 66 e ilustração folha de rosto, Figura 15, possuem o título *Weltgeschichte*, que corresponde a **História Universal**, de autoria de Friedrich Christoph Schlosser.

Por meio das Figuras 14 e 15, é possível constatar que esta obra trata-se de uma coleção. No catálogo, a indicação da coleção se dá devido os números de volumes subsequentes ao 66 - 67 a 73 - serem identificados por aspas duplas (“) na coluna do título, que significam idem ao anterior e também ao lado do título de cada registro, há a escrita *ban.* (seria o diminutivo de *band* – volume, tomo), com os números de volumes respectivos – 1, 3, 5, 7, 13, 15, 17 e 19. Percebe-se que a biblioteca não possui registrados os volumes 9 e 11.

Salienta-se também nos registros dos volumes 67 a 73 no catálogo, Figura 14, que a partir do registro número 66, há o preenchimento do que era a primeira coluna em branco, sem indicativo de título, com o número da obra. A sequência muda, os números de volumes 66 a 73, são identificados todos com o número 66, que corresponde então ao número da obra, a obra no todo, com 8 volumes. Estas mudanças indicam que o(s) “bibliotecário(s)” responsável pode ter se dado conta da necessidade desta diferenciação, fato que Prado (2000, p. 31) considera importante:

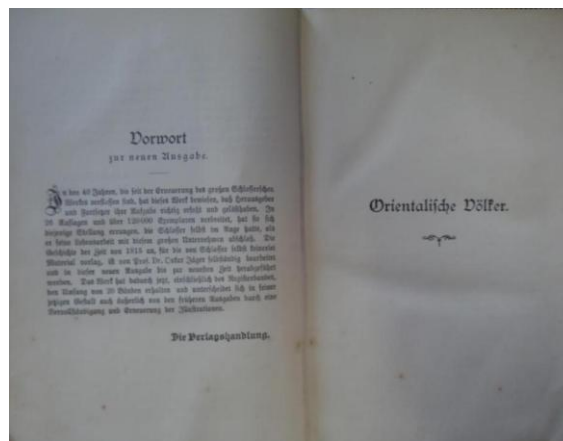
²² Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=Oo81AAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>.

²³ Disponível em: <<http://archive.org/details/fcschlosserswel02schlgoog>>.

[...] a única informação que pode exigir esclarecimentos é a questão de obra e volume. Ao tombarmos uma obra escrita em diversos volumes, daremos um número de tomo ao 1º volume e marcaremos a entrada de uma obra e de um volume. Ao tombarmos, porém, o 2º volume, marcaremos apenas a entrada de um volume, não assinalando mais a obra. Cada volume recebe um número de tomo e o seu registro ocupará uma linha do livro de tomo, ou uma ficha de tomo. A entrada da obra é registrada quando é tombado o 1 volume. (PRADO, 2000, p. 31)

O indício de coleção identificada por meio da análise da falsa folha de rosto e na folha de rosto do livro foi por meio da escrita *erster Band: Altertum I* (Volume primeiro: Antiguidade I). Os outros volumes físicos da obra seguem as mesmas características. O registro 67 é o *dritter Band: Altertum III* (Terceiro volume: Antiguidade III), com o título *Völker der griechisch=römischen zeit* (Provos do tempo greco-romano). Nota-se que os exemplares números 66 e 67 pertencem à Antiguidade seriam então os tomos I e III. Analisando os demais volumes, constatou-se que a obra *Weltgeschichte* aborda quatro assuntos principais, séries: *Altertum* (Antiguidade), *Mittelalter* (Idade Média), *neue Zeit* (Idade Moderna) e *neueste Zeiten* (últimas novidades) e cada volume possui um título específico, como por exemplo o Volume primeiro: Antiguidade I, título *Orientalische Vörlker* (Povos orientais), conforme Figura 16 abaixo.

Figura 16 – *Orientalische Vörlker*

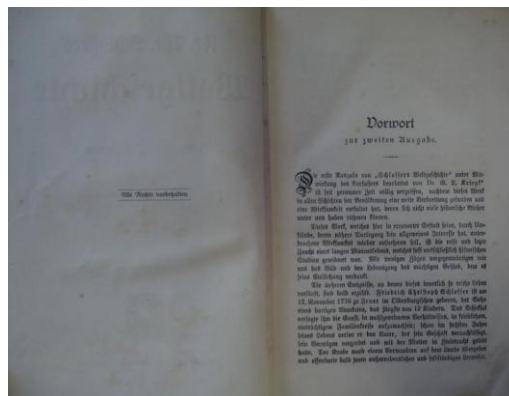


Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Pelo verificado, a obra não possui data de publicação. Na folha de rosto do volume 66 Figura 15, está escrito 27. *Auflage* seria 27ª edição, ou ainda a tiragem. Logo após, está escrito 126.-130. *Tausend* (indica milhagem), o que pode significar a tiragem de 126 a 130 mil exemplares. Acima destas indicações, lê-se *Neu*

durchgesehen und ergänzt Von (nova revisão e completo do) *Prof. Dr Oskar Jäger und Dr. Franz Wolff* e abaixo destas indicações, lê-se *Mit Abbildungen* (com ilustrações), o que realmente existe em todos os volumes no verso da falsa folha de rosto, indicando a temática do livro. A editora é *Neufeld & Lenius* (consta também no catálogo) e local de publicação, Berlim, Alemanha. No verso da folha de rosto Figura 17 abaixo, está escrito *alle Rechte vorbehalten* (todos os direitos reservados), mas também não consta data de publicação.

Figura 17 – *alle Rechte vorbehalten und Vorwort*



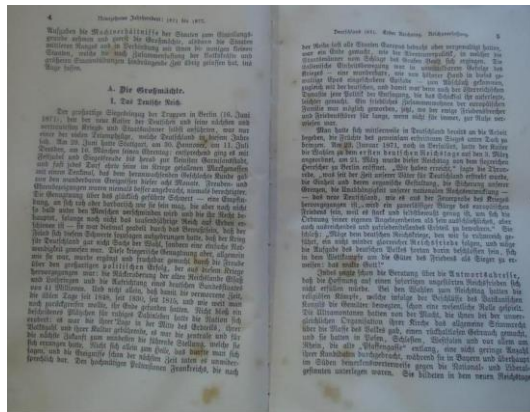
Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Na fotografia acima, a palavra *Vorwort* significa prefácio e, logo abaixo desta indicação, *zur zweiten Ausgabe* – segunda edição.

Em busca de vestígios da data de publicação da obra,²⁴ como a quarta série nomeia-se “Últimas Novidades”, supunha-se que seus volumes tenham sido os últimos publicados, com assuntos atuais para a época. No número de registro 73 e volume 19 desta série Figura 18, a página quatro encabeça o *Neunzehntes Jahrhundert: 1871 bis 1877* (Século 19: 1871 até 1877) e o subtítulo *Die Grossmächte: das Deutsche Reich*, que se traduz em “As grandes potências: o reino alemão” (ou o império). Aparecem ao longo do texto algumas datas – 1815, 1830, 1848, 1871 – o que pode indicar que obra tenha sido publicada após estas datas, ou seja, entre 1880 a 1900.

²⁴ Foi considerado importante estudar esta coleção *Weltgeschichte*, primeiramente porque a partir da mesma, começaram a serem registrados no catálogo, os livros na língua alemã. Também, constituiu-se a primeira coleção registrada no catálogo. Por conseguinte, descobrindo a data de publicação, pode-se ter uma ideia de relação com a data do catálogo.

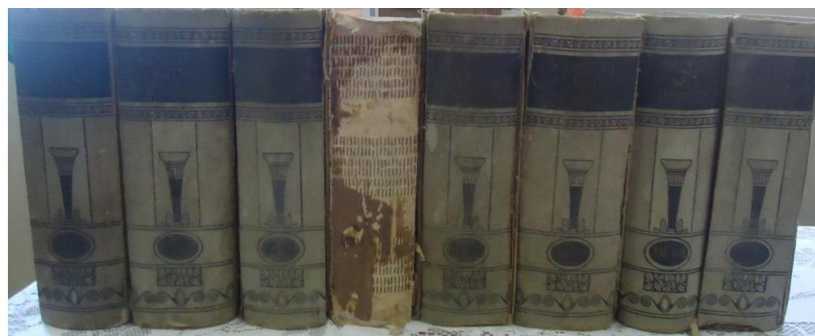
Figura 18 – Die Grossmächte: das Deutsche Reich



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Após toda essa análise, foi localizado um catálogo disponível na *web*²⁵ com a coleção *Weltgeschichte*. Este achado serve para comprovar algumas hipóteses acima levantas – editor *Neufeld & Lenius*, numeração dos volumes a mesma do catálogo da biblioteca (1/2, 3/4, 5/6, 7/8, 9/10, 11/12, 13/14, 15/16, 17/19, 19/20), assunto história mundial e ano de publicação, 1900. Por fim, abaixo se mostra a Figura 19, que ilustra o mesmo *layout* dos volumes constantes na fotografia do catálogo *on-line*.

Figura 19 – layout *Weltgeschichte*



Fonte: dados da autora

A coleção da Biblioteca Comunitária de A.L.C.J não está completa. No catálogo, não estão registrados os volume 9/10 e 11/12, provavelmente porque não possuíam, porque os números de registros de volumes no catálogo – 66 a 73 - estão sequenciais nesta obra, conforme Figura 14.

²⁵ Disponível em: < <http://www.booklooker.de/B%FCcher/Schlossers-Weltgeschichte/id/A01k4yCv01ZZn?zid=8376a1a7f508fe11bbf9b4e77a42bd5>>.

Seguindo a análise do catálogo, a partir desta obra de número 66, que começou a ser marcada na primeira coluna que estava em branco, Figura 14 que então constitui a nova coluna de número da obra, a sequência numérica segue ordenadamente, a partir do número 67. Ao folhear do catálogo foram identificadas várias outras coleções, como exemplificadas na própria página quatro do catálogo, Figura 14: número de obra 69 e volumes 76 e 77 (*Schillers Werke A e B*); obra 70 e volumes 78 e 79 (*Schakespeares Werke A e B*), entre outras. Quase na totalidade das coleções identificadas em todo o catálogo, apresenta-se a identificação dos volumes: 1 *band*, 2 *band*, ou 1 *ban.*, 2 *ban.* e ainda a identificação pelas letras “A”, “B”, ou números 1, 2, 3 etc. Foi identificada uma obra no catálogo com títulos diferentes e a respectiva indicação numérica de volume.

Quanto ao preenchimento das colunas, a partir do número de obra 65, Figura 14 na página 4 do catálogo, nota-se que as colunas de preço e observações não são mais preenchidas, o que segue em todo o catálogo. Desta forma, não foi possível constatar se os demais livros foram comprados, doados, ou trazidos pelos imigrantes alemães. A partir da folha número 16, as colunas de autor e editora não são mais preenchidas, procedendo aos registros seguintes somente com as colunas de número de obra duplicadas, volume, e título, salvo algumas exceções.

A partir da página 35 do catálogo, não foi mais registrado o número do volume dos livros na coluna correspondente, Figura 20. Porém, a coluna com o indicativo de título em branco continua representando o número da obra e a coluna de número da obra representa então a numeração do volume, dados constatados pelos números sequenciais.

Figura 20 – Catálogo: descartada coluna do número do volume

Number	Title	Volume	Author	Price	Observations
211	Die Geschichte				
212	Die Geschichte von...				
213	Die Geschichte...				
214	Die Geschichte...				
215	Die Geschichte...				
216	Die Geschichte...				
217	Die Geschichte...				
218	Die Geschichte...				
219	Die Geschichte...				
220	Die Geschichte...				
221	Die Geschichte...				
222	Die Geschichte...				
223	Die Geschichte...				
224	Die Geschichte...				
225	Die Geschichte...				
226	Die Geschichte...				
227	Die Geschichte...				
228	Die Geschichte...				
229	Die Geschichte...				
230	Die Geschichte...				
231	Die Geschichte...				
232	Die Geschichte...				
233	Die Geschichte...				
234	Die Geschichte...				
235	Die Geschichte...				
236	Die Geschichte...				
237	Die Geschichte...				
238	Die Geschichte...				
239	Die Geschichte...				
240	Die Geschichte...				
241	Die Geschichte...				
242	Die Geschichte...				
243	Die Geschichte...				
244	Die Geschichte...				
245	Die Geschichte...				
246	Die Geschichte...				
247	Die Geschichte...				
248	Die Geschichte...				
249	Die Geschichte...				
250	Die Geschichte...				
251	Die Geschichte...				
252	Die Geschichte...				
253	Die Geschichte...				
254	Die Geschichte...				
255	Die Geschichte...				
256	Die Geschichte...				
257	Die Geschichte...				
258	Die Geschichte...				
259	Die Geschichte...				
260	Die Geschichte...				

A partir da página número 37, as três colunas começaram a ser preenchidas novamente. Na página 38, os registros da coluna de número da obra que não é válida, foram riscados na forma horizontal e na página 39 e 40, esta mesma coluna foi descartada, conforme a Figura 21

Figura 21 – Catálogo: descartada coluna do número de obra

Num. da obra	Título da obra	Outros dados
1147	Diálogo de São Paulo	
1148	"	
1149	"	
1150	"	
1151	Das Glück	
1152	"	
1153	"	
1154	"	
1155	"	
1156	"	
1157	"	
1158	"	
1159	Meister Lampe	
1160	"	
1161	"	
1162	"	
1163	"	
1164	"	
1165	"	
1166	"	
1167	"	
1168	"	
1169	"	
1170	"	
1171	"	
1172	"	
1173	"	
1174	"	
1175	"	
1176	"	
1177	"	
1178	"	
1179	"	
1180	"	

Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Também na página 40, pelo ilustrado na Figura 21 acima, chamou atenção pela palavra biblioteca, a obra número 1068 – *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens*, (**Biblioteca do Entretenimento e do Saber**), volumes 1151 à 1158, ou seja, 8 volumes. Abaixo, na Figura 22, exemplifica-se o volume número 1.372, pertence à obra 1103 do catálogo, do ano de 1901:

Figura 22 – *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens*, de 1901



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

A **Biblioteca do Entretenimento e do Saber** trata-se de obras sobre contos, novelas, histórias e chamou atenção o grande número de registros no catálogo, configurando numerosa coleção. Foram contabilizados 305 volumes. A seguir, apresenta-se no Quadro 4, a relação dos anos das obras e as quantidades de volumes registrados:

Quadro 4: Relação ano x volumes

<i>Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens</i>	
Ano	Volumes
1881	7
1887	12
1888	2
1889	2
1890	4
1891	12
1893	6
1897	13
1898	4
1899	16
1901	12
1902	6
1906	13
1907	10
1908	6
1909	6
1910	22
1911	12
1912	9
1922	21
1923	11
1924	23
1925	13
1926	24

1927	12
1928	19
Sem ano	8
Total	
27	305

Fonte: dados da autora

Constata-se que a obra mais antiga é do ano de 1881, 5 anos após a colonização da região pelos imigrantes alemães. Há periodicidade quase que anual das obras, exceto o intervalo entre os anos de 1881 a 1887 (6 anos) e 1912 a 1922 (10 anos). A obra “sem ano” no quadro 4, com 8 volumes, é a única sem registro do ano de publicação no catálogo.

O grande número de obras da coleção *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens* indica o gosto dos usuários da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J por essa leitura de entretenimento. O fato de constituírem-se livros datados a partir de 1881, assim como a coleção *Weltgeschichte*, cuja publicação indica aproximadamente o ano de 1900, ambos escritos em alemão gótico, que era a escrita utilizada na Alemanha até o século XX, pode denotar que alguns livros podem ter sido trazidos pelos imigrantes alemães quando da colonização da região, que foi a partir de 1876. Volta a questão inicial da análise do catálogo, do porquê registrar esses livros que são datados na faixa entre 1881 à 1928, no catálogo de 1944.

O livro de fundação da Sociedade, *Chronik des Gesang und Lesevereins Frohsinn Ober-Sampaio*, de 1892, cujas primeiras páginas foram traduzidas, pode ter registrado a doação dos primeiros livros, com os respectivos nomes dos doadores. Devido à dificuldade da leitura do manuscrito alemão gótico e *currier*, escrito à pena, não foi possível decifrar as primeiras doações, mas consta que em 1909, a Sociedade contava com 475 exemplares de livros e em 1910, com 530 exemplares de livros (PROTOKOLL, 1909, 1910). As pessoas que poderiam, fornecer os nomes de pessoas e livros doados na origem da Sociedade, são falecidas e nas demais atas da Sociedade, não consta esta informação.

A localização dos livros *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens* no acervo da biblioteca, se deu de forma intuitiva. Como já havia sido constatado que o catálogo apresentava um grande número de volumes destas obras, foram

visualizados os livros de capa vermelha, encadernados, numerosos, no armário e imaginou-se que seriam estes os livros, conforme Figura 23 abaixo:

Figura 23 – Localização *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens*



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Percebe-se que os livros já passaram por um processo de encadernação. Em vários volumes, observou-se que estão escritas nas capas a lápis, as datas de publicação dos livros. Foi encontrada uma ilustração²⁶ da capa original dos livros dos anos de 1896 e 1900, conforme 24 abaixo:

Figura 24 – Capa original *Bibliothek der Unterhaltung...*



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

²⁶ Disponível em: <http://www.ebay.de/itm/2-Bucher-Bibliothek-der-Unterhaltung-und-des-Wissens-1896-1900/400507116827?rt=nc&_trksid=p2047675.m1851&_trkparms=aid%3D222002%26algo%3DSI C.FIT%26ao%3D1%26asc%3D287%26meid%3D8488417601325361830%26pid%3D100005%26 prg%3D1073%26rk%3D5%26sd%3D400506882643%26>.

No catálogo, os registros destes livros obedecem ao número de obra e volumes sequencialmente, como visto na Figura 25 abaixo:

Figura 25 – Registro *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens*

Num. Obra	Volume	Título de obra	Casa Editora	Obs.	Observações
1106	1410	Biblio. der Unt. u. d. W. 1911	Estrangeira		
1106	1411	"	"		
1106	1412	"	"		
1106	1413	"	"		
1106	1414	"	"		
1107	1415	Biblio. der Unt. u. d. Wissens 1916	"		
"	1416	"	"		
"	1417	"	"		
"	1418	"	"		
"	1419	"	"		
"	1420	"	"		
"	1421	"	"		
"	1422	"	"		
"	1423	"	"		
"	1424	"	"		
"	1425	"	"		
"	1426	"	"		
1107	1427	"	"		
1107	1428	Biblio. der Unt. u. d. Wissens 1912	"		
"	1429	"	"		
"	1430	"	"		
"	1431	"	"		
"	1432	"	"		
1108	1433	"	"		
1107	1434	Biblio. der Unterhaltung 1881	"		
"	1435	"	"		
"	1436	"	"		
"	1437	"	"		
"	1438	"	"		
"	1439	"	"		

Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Percebe-se no catálogo, Figura 25 que o registro por ano não obedece a ordem crescente. A obra mais antiga desta coleção, datada de 1881, é visualizada com o número de obra 1109 e volumes 1434 à 1439. Nestes registros é possível contatar o que Prado (2000) explicita sobre atribuir um número de tomo quando da entrada de uma obra no catálogo, atribuindo um número de tomo ao primeiro volume para marcar o número de obra e volume e posteriormente com os outros volumes, registrar apenas sua entrada, não mais assinalando o número de obra. A partir da coleção *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens*, começou a ser assinalada novamente a editora, porém somente com “Estrangeira”, seguida de aspas duplas. A editora do volume 1.372, do ano de 1901, Figura 22, é *Union*

*Deutsche Verlagsgesellschaft*²⁷ e o local de publicação – *Stuttgart, Berlin e Leipzig*. Todos os volumes da coleção *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens* constantes no catálogo, conforme os registros no mesmo são volumes, não se constituem exemplares de um mesmo livro.

Quanto ao registro de edições ou exemplares de um mesmo título, não foi possível afirmar a credibilidade dos registros. Na página 34 do catálogo, Figura 26 abaixo, há 3 registros com o mesmo título – *Fritz Reuters Heistimuke* – identificados com aspas duplas abaixo do primeiro registro do título (que significa idem ao anterior), ou seja, é o mesmo título. Este possui os números de obras 935, 936 e 937 e volumes 988, 989 e 990, ou seja, números diferentes, que podem indicar sucessivas edições deste título, mas, como não foram localizados os volumes, não há como afirmar, podendo desse modo, serem apenas exemplares do título.

Figura 26 – Registros do título *Fritz Reuters Heistimuke*

Aut.	Tit.	Vols.	Obs.
935	988	988	Fritz Reuters Heistimuke
936	989	989	Fritz Reuters Heistimuke
937	990	990	Fritz Reuters Heistimuke
935	988	988	Fritz Reuters Heistimuke
936	989	989	Fritz Reuters Heistimuke
937	990	990	Fritz Reuters Heistimuke
935	988	988	Fritz Reuters Heistimuke
936	989	989	Fritz Reuters Heistimuke
937	990	990	Fritz Reuters Heistimuke

Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

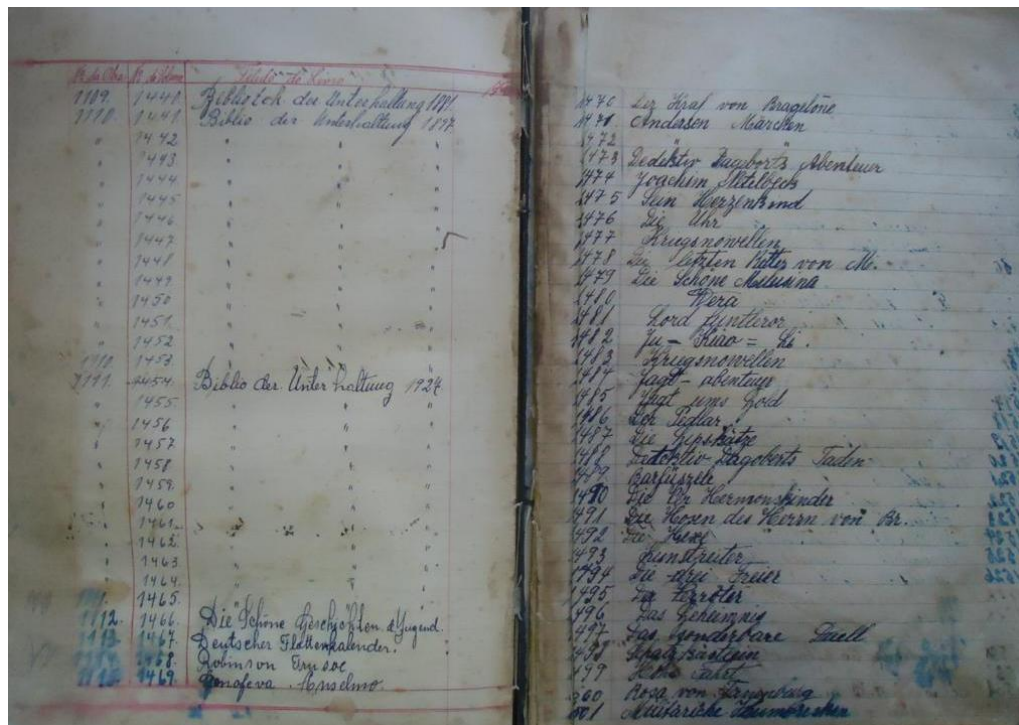
Por vezes, observou-se a existência de mesmos títulos em registros e números de páginas diferentes no catálogo, como o caso do livro do colonizador de Linha Cecília e fundador da Sociedade de Leitura, Josef Umman, que foi registrado

²⁷ Disponível em: <<http://www.abenteuerroman.info/verlag/union/union.htm>>. *Union Deutsche Verlagsgesellschaft* significa União Editora Alemã e foi fundada em primeiro de janeiro de 1890. Há menção da *Bibliothek der Unterhaltung und des Wissens* quanto a serie Schönleins, de sucesso da coleção, sendo que Furrier foi o mais editado. Em 1978 a editora foi dissolvida e incorporada a outras, acabou em 1998.

primeiramente nos números de volumes sequenciais 2.280 e 2.281 com aspas e depois nos volumes 2.401 e 2.402 com aspas. A Biblioteca Comunitária da A.L.C.J tem registrados então quatro exemplares da autobiografia de Josef Umann, mas devida à falta de classificação do acervo, não foi localizado algum exemplar.

Ao chegar à folha 49 do catálogo, notou-se uma parte avulsa com apenas uma numeração de registro de livros, conforme Figura 27:

Figura 27 – Parte avulsa do Catálogo

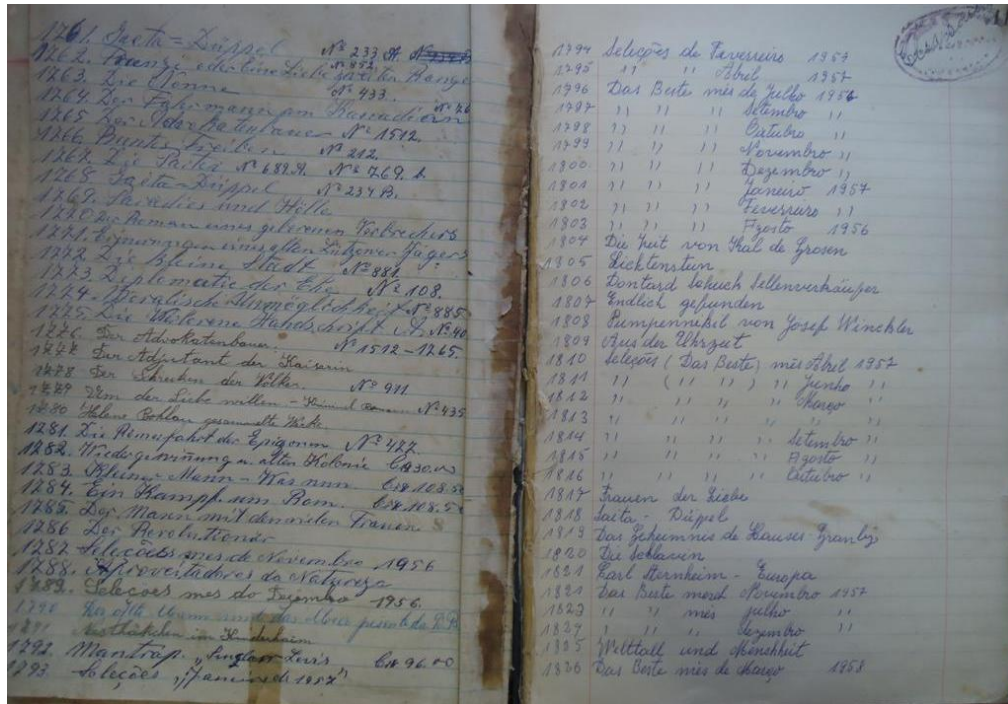


Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Na parte avulsa, permaneceu somente a sequência do volume e passou então a não existir mais o número de obra. A parte encadernada, livro que estava sendo analisado, encerrou no registro de volume número 1.469 e a parte avulsa, iniciou no volume 1.470, o que prova a sequência. A parte avulsa possui cinco folhas não numeradas e termina no volume 1.793. Em seguida foi encontrada mais uma parte avulsa, que se inicia com o volume 1.794, novamente seguindo a sequência numérica. Esta nova parte, Figura 28, inicia na página número 11, o que prova realmente que não é parte integrante do catálogo de 1944, ou seja, é um outro catálogo, respondendo a pergunta da autora sobre a existência de algum outro catálogo. Este outro catálogo possui 50 folhas, mas inicia na 11ª e é preenchido até

a folha 28 com os registros dos livros, até o número de volume 2.669, a quantidade total de livros registrados “nos catálogos.”

Figura 28 – Outra parte avulsa do Catálogo



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Voltando ao início do catálogo de 1944, nos livros em português, procurou-se algum dos livros registrados para averiguação e encontrou-se o livro com o número de obra e volume 2, O Caçador de Gorilas, Figura 29, página 2, do catálogo, um livro de 1940 e foi comprado na Livraria do Globo

Figura 29 – O Caçador de Gorilas



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Na folha de rosto do livro, Figura 29 acima, há o carimbo da Sociedade, o número de registro 2, que corresponde ao catálogo de 1944 e o número 1520 riscado. No catálogo, o número 1520 localiza-se na primeira parte avulsa e é um título em alemão, o que prova que o catálogo de 1944 não foi o primeiro a existir na biblioteca comunitária, como consta no termo de abertura Figura 11. Foram encontrados vários outros livros com números riscados e novos números registrados. Alguns possuem os dois carimbos da Sociedade, um em português e outro em alemão. Portanto, o catálogo de 1944 não foi o primeiro catálogo, nem e o último, o que responde às indagações iniciais.

Entre os motivos de existir “somente um catálogo” na biblioteca e constar no termo de abertura do catálogo de 1944, que este é o primeiro de sua série, acredita-se estar a Segunda Guerra envolvida. Com as privações de língua exigidas pelo governo durante a ditadura, tanto na língua falada, em que os alemães eram perseguidos, como na língua escrita, cujos livros foram confiscados e aprisionados em um órgão do poder judiciário de Venâncio Aires, muitos livros se perderam e foram aniquilados. Poderia estar entre estes livros o primeiro catálogo da biblioteca, Também, os primeiros 64 registros do catálogo de 1944 em língua portuguesa, são indícios dos reflexos da ditadura, época de final de Guerra, quando não se podia utilizar outra língua. Além do mais, se a Sociedade de Leitura se formou no ano de 1900 com livros em alemão, não faz sentido os primeiros registros constituírem-se em livros na língua portuguesa em 1944, exceto se naquela época, não se procediam aos registros. Mesmo assim, a comunidade reaveu os livros e manteve seus registros, parte de sua história, sua cultura e sua memória.

4.3.2.3 Livros e catálogo: evidências

A fim de expor de maneira mais clara os livros existentes na Biblioteca Comunitária da A.L.C.J, após o entendimento da composição do catálogo na subseção anterior, exemplificam-se a seguir alguns títulos, contextualizando-os brevemente com a data e local de publicação, a língua, assunto²⁸ e registro, acompanhados das devidas ilustrações, quando for o caso. Por meio destas

²⁸ Pela impossibilidade de leitura dos livros quando realizada a coleta de dados na biblioteca e nos momentos de tradução com os ajudantes para tal, procedeu-se à busca das obras na web, apresentado então uma breve sinopse do livro, quando encontrada.

exposições, foi possível também identificar de que forma a comunidade adquiriu e zelou pelo seu acervo.

A maioria dos livros existentes na Biblioteca Comunitária da A.L.C.J, trata-se de literatura de entretenimento, porém, encontrou-se o título *Aus meinem Leben* (Da minha vida),²⁹ a autobiografia famosa de August Bebel (1840-1914), social democrata alemão e um dos fundadores do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD). É uma obra dividida em três volumes, que no catálogo da biblioteca encontram-se registrados com os números de volume 237, 238 e 239, sob o número de obra 196. Está registrado também o nome do autor e editora no catálogo. O volume abaixo (Figura 30) é o número 239, publicado em 1914 em Stuttgart e escrito em alemão gótico.

Figura 30 – *Aus meinem Leben*, de 1914



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

O título *Die Dirne und Ihr Anhang* (A prostituta e seus dependentes) trata de uma contribuição para a história da vida sexual no passado alemão.³⁰ Publicado em 1912 em Berlim, na língua alemã (Figura 31). Número de obra 908 e volume 961, constante no catálogo, com o título. Apresenta o número 1.578 riscado na folha de rosto, que no catálogo, não confere, o que comprova a existência de outro catálogo na Biblioteca Comunitária da A.L.C.J, como estudado na subseção anterior 4.3.3.2 – o catálogo: análise de composição.

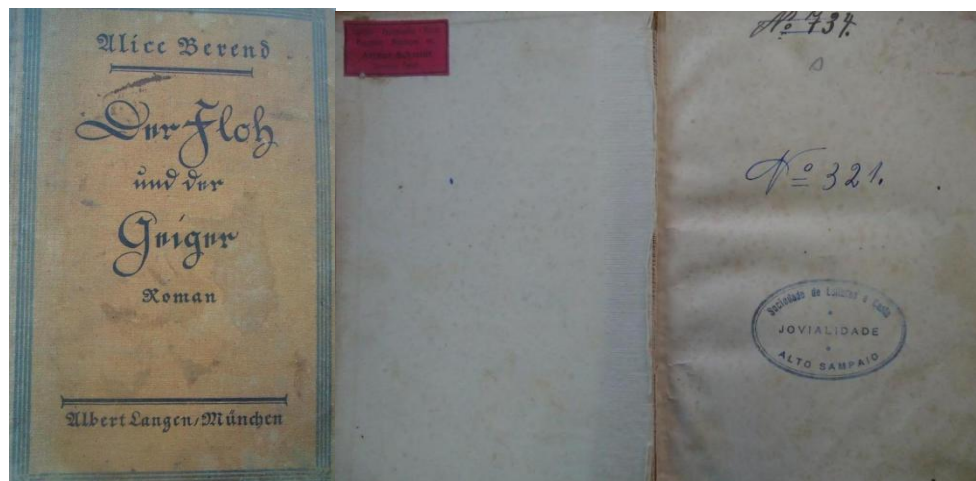
²⁹ Disponível em: <<http://dietz-verlag.de/isbn/9783801202453/Aus-meinem-Leben-August-Bebel>>.

³⁰ Disponível em: <<http://www.amazon.de/Geschlechtslebens-Vergangenheit-zahlreichen-Kopfarbschnitt-stockfleckig/dp/B0091T7040>>.

Figura 31 – *Die Dirne und Ihr Anhang*, de 1912

Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

O título *Der Floh und der Geiger* (A pulga e o violinista), publicado em Munique, em 1923 é um romance³¹ escrito em alemão gótico. Número de obra 321 e riscado, 734. Não foi localizado este título no catálogo, com estes números, tanto pelo número de obra, como de volume. Poderia estar em outro catálogo, inexistente na biblioteca. Na contracapa, há um selo da Livraria e Tipografia Bazar, de Arthur Schimidt, Venâncio Aires, o que pode denotar aquisição por meio de compra, Figura 32:

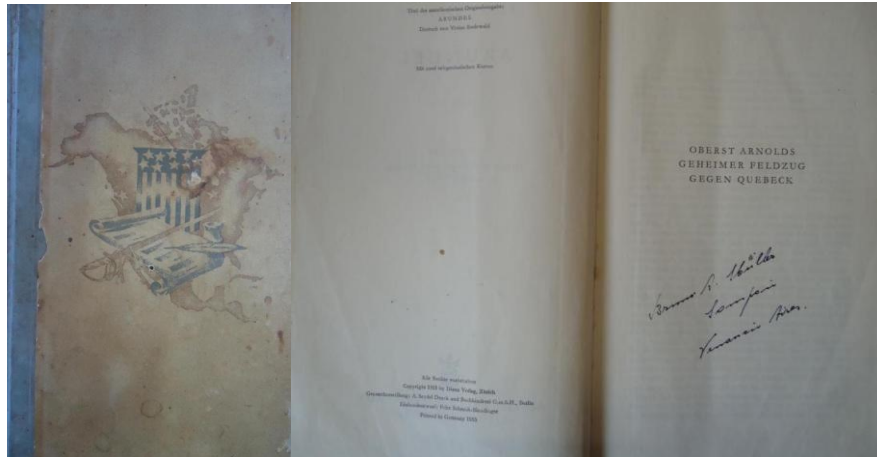
Figura 32 – *Der Floh und der Geiger*, de 1923

Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

³¹ Disponível em:
<http://www.booklooker.de/app/result.php?titel=Der+Floh+und+der+Geiger.+Roman&setMediaType=0>.

O livro *Arundel*, Berlim, 1955 (Figura 33) é um romance histórico escrito em alemão que apresenta os personagens da cidade de Arundel, Maine.³² Este livro não possui número de registro. Na folha de rosto, há uma dedicatória, que indica doação.

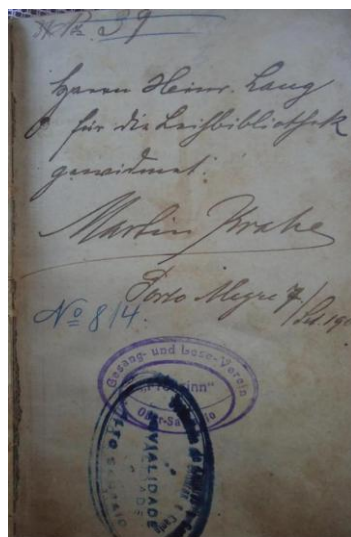
Figura 33 – *Arundel*, de 1955



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Também doação, o livro *Compagnie der königs* (Empresa de rei) foi publicado em 1890 (local indecifrável) e foi escrito em alemão gótico (Figura 34). Obra 760 e volume 814, registrado com o título no catálogo. Na folha de rosto, possui uma dedicatória, indecifrável, porém é possível identificar a palavra *Bibliothek* e a data de 5 de junho de 1905.

Figura 34 – *Compagnie der königs*, de 1890

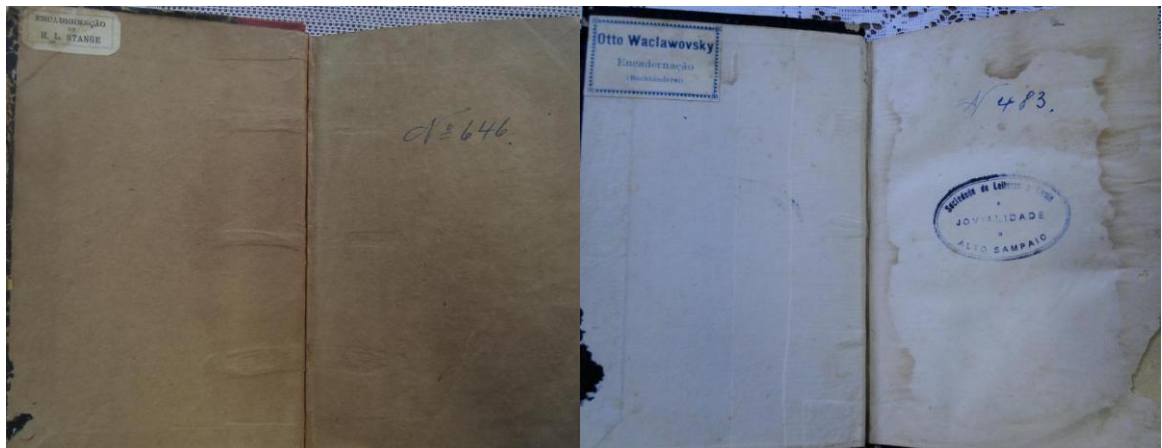


Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

³² Disponível em:
<http://books.google.com.br/books/about/Arundel.html?id=h81YDtLB0ywC&redir_esc=y>.

Mord in der Rue Bonjon (última palavra indecifrável devido ao carimbo): A morte na rua “Bonjou”. É um livro sem data de publicação, o título assemelha-se com a língua francesa, mas o texto é em alemão gótico. Romance. Número de obra 591 e volume 646, no catálogo. O livro possui também o número 150 riscado na folha de rosto. Mostra uma etiqueta de encadernação de H. L. Stange (Figura 35), o que indica que alguns livros foram submetidos a um processo de restauração. Foi encontrado outro livro no catálogo com outra etiqueta de encadernação, de Otto Waclawosky (Figura 35), livro número 483, *Die Leder Kappen* (as tampas de couro).

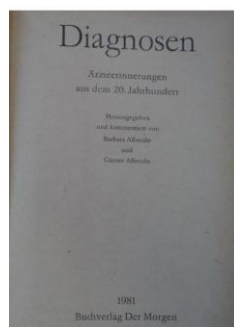
Figura 35 – Encadernação de H. L. Stange e Otto Waclawosky



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Diagnosen: Ärztteerrinnerrungen aus dem 20. Jahrhundert (Diagnóstico: memórias de médicos do século XX), um livro de 1981, em alemão. Número de obra 2.369. No catálogo consta somente este número como de obra e volume e o título. É este o livro com idade mais recente encontrado, Figura 36:

Figura 36 – *Diagnosen*, de 1981, livro mais recente encontrado



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

O título mais antigo encontrado no acervo da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J é escrito em alemão gótico e data de 1875, intitulado *Den Christlichen Staat* (O estado Cristão). Número de obra 793 e volume 847 (Figura 37). Consta no catálogo somente o título. Possui na folha de rosto o que parece uma dedicatória à Sociedade e escrito a lápis, a inscrição 97 anos, indicando que no ano de 1972 alguma pessoa fez esta inscrição.

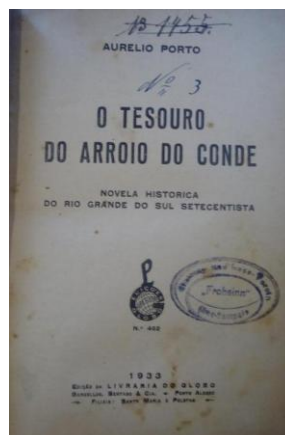
Figura 37 – *Den Christlichen Staat*, de 1875, livro mais antigo encontrado



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

Encerrando a exemplificação ilustrada, localizou-se um livro em português com o título *O Tesouro do Arroio do Conde*, um livro de 1933, Figura 38, que está registrado no catálogo com o número 3, mas que apresenta na página de rosto, o número 1.455 riscado, não encontrado neste registro, fato que reforça a existência de outro(s) catálogo(s). O livro foi publicado em Porto Alegre, pela Livraria do Globo e consiste em uma novela histórica do Rio Grande do Sul setecentista.

Figura 38 – *O Tesouro do Arroio do Conde*, de 1933



Fonte: Biblioteca Comunitária da A.L.C.J.

4.3.3 A importância para a comunidade

A importância da Biblioteca para os habitantes que a frequentavam está fortemente ligada ao acervo em língua alemã e ao hábito da leitura. Estes dois elementos evocam diferenciados tipos de lembranças, algumas remetendo aos antepassados e familiares.

[...] falei com pessoas que liam estes livros e parece que são muitos romances que [...] as pessoas liam, se envolviam com as histórias, é como a gente hoje em dia [...] a gente se envolve com esta história, até minha vó contava piadas, tinha livros com piada porcas até porque ela e ria ria...ela contava coisas assim que ela lia nos livros daqui. Eles levavam eles pra casa né, claro, naquela época havia um controle bem rígido de retirada e devolução de livros, coisa que depois acabou ficando e não existe mais. Havia o bibliotecário que todos os domingos abria a biblioteca para as pessoas vir aqui e retirar livros, pra levar pra casa, pra ler e as pessoas acabavam lendo em casa, à tardinha de noite, ou de repete em dias de chuva, quando eles não podiam trabalhar. Então, eles não tinham muita opção para se divertir, aí a leitura acabava sendo um divertimento para eles. (JONES RICHTER, 31 anos)

Meu pai lia bastante naquele tempo pegavam livro domingo de manhã, seu Otto [Albrecht] sempre tava aqui domingo de manhã e iam liam durante a semana. (ALCIDO POHL, 53 anos).

Aos antepassados e ao sentimento de perda:

Pois é, então, pessoas que, ultimamente as mais antigas não tem mais quase ninguém aí então eles disseram depois quando a leitura era uma coisa assim que tinha 150 200 pessoas que pegavam livros pra ler né e então depois cada vez diminuiu mais, cada vez menos menos menos menos né.. então as pessoas de mais de idade, então pessoas as vezes que tavam doentes não tinham mais condições de pegar livro né então assim ele ficaram assim sentido bahh olha que coisa, nós gostemo nós fundemo aquilo mesmo, comecemos com tudo isso ali né e agora a juventude não quer mais nada com nada né, ficara assim aborrecidos né, como pode né, nós nos interessemo pra isso e hoje a juventude não quer mais nada com nada, então isso ali cada vez tá menos, não sei, cada vez, aqui não tem um chofem que pega um livro. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Aqui e era o esporte deles por lazer e cultura que eles adquiriam através dos livros eles liam e eu ficava sabendo q tinham pessoas q liam muito né [...] foi uma referencia muito importante para eles essa biblioteca tanto é q já queriam levar para um museu outro lugar, e a própria comunidade não deixou porque é um patrimônio que iniciou aqui e as pessoas sempre deram o devido cuidado e tinha que permanecer aqui é uma pena que hoje poucas pessoas leem porque nós temos em livros em português mas não é mais uma literatura que interesse nosso jovem hoje por isso não está mais ativa como era estava uma vez. (IOLANDI SCHMIDT, 60 anos)

E também divertimento:

Ffff as novidades vem tudo da televisão e rádio naquele tempo não era vinham com os livros as estórias. Era um divertimento pra eles, meu avó materno e meu pai lia em alemão para mim. (EVALDO RICHTER, 83 anos)

Porque aquele tempo não tinha rádio, não tinha televisão, o único divertimento era cantar e ler como é Jovialidade Leitura e Canto, isto era um divertimento, [...] continuaram aqui igual na Alemanha. (EDMUNDO DATTEIN, 87 anos).

Entre as lembranças pessoais, lembranças das leituras e das pessoas:

Mmmmmm naquele tempo você aprende a ler em alemão e isso e tudo mas depois sumiu ler em alemão na escola depois só em brasileiro mas eu nem me alembro mais daonde que veio os livros. Eu não vinha na biblioteca desde os 14 anos eu era sócio. (EVALDO RICHTER, 83 anos)

Meu pai e meu vizinho [...] sempre conversavam sobre os livros, ó eu li sobre esse livro, contava essa história, daí ele pegava o livro, ele lia e dava para meu pai para ler para ele também [...] e só escutando falar essas histórias que ficavam nessas biblioteca aí [...] as coisas que eu me lembro assim m isso tudo funciona e isso não faz tanto tempo assim... faz o que, meu pai faleceu [...] uns vinte anos atrás que acontecia isso normal o o pessoal lia o pessoal sabia ler alemão hoje em ninguém mais consegue ler, ninguém sabe ler [...] talvez pelo estudo, que o pessoal não aprendia mais ler em alemão, os mais antigos sabiam, não sei porque eles aprenderam, se forma na aula[...] (ALCIDO POHL, 53 anos)

A minha vó contava que ela lia, eu tenho uma pequena recordação quando eu era pequeno que ela levava para casa, o meu vô também, só que o meu vô e a minha vó, eles nasceram em 1915, o vô em 1915 e a vó em 1917... eles não sabiam ler direito o gótico também. Tinha partes dos livros que eles não sabiam ler, eles liam e e algumas coisas eles tentavam adivinhar, então, eles liam palavras e eles acabavam pensando qual seria o contexto daquelas palavras. Então eu sempre fiquei pensando: será que realmente é isso? Porque eles não sabiam ler direito. As pessoas que realmente sabiam ler o gótico eram pessoas que nasceram antes de 1915. (JONES RICHTER, 31 anos)

eu sempre gostei do meu vô ..assim, eu sempre era curioso, quando o vô fazia uma leitura assim, então eu, de vez em quando eu: o vô, o que qui o senhor leu? Ele leu o alemão mesmo né, ele sabia ler, então eu não entendia aquilo ali, eu falo diferente né, então o vô explicou direitinho o que qui significava o que qui significava o que qui ele tinha lido ali né, bem direitinho..então a gente..ha, olha..foi assim então né..então cada, não sobrou uma noite da semana que eu não tava do lado do vô escutando, o que qui olhando, prestando atenção não fazia aquelas bobagens, eee aquilo né..prestava atenção o que qui o vô fez ali né e depois eu pedi pro vô que explicasse o que qui ele achou de bom assim, engraçado assim, naquele livro né, então ele explicava pra mim..bem assim é verdade eu tinha 14, 15 anos, 16 anos e depois ele ficou cego e depois, eu fui pro quartel 18 anos e depois aquilo ali hoje não sei mais nada realmente, o tem o latim ali né...isso dá para eu ler as letras são um pouco em português mas o alemão mesmo não tem mais jeito. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Relação com o “bibliotecário”, tanto da recomendação de obras, quanto ao cuidado que o mesmo tinha com os livros, para espantar as traças e o zelo ímpar com o lugar que abrigava a biblioteca:

[...] eu me lembro depois q me formei vim p essa escola e o bibliotecário morava de frente a escola o seu Albrecht era ferreiro, o Sr Otto. E ele de vez em quando .me trazia algum livro no portão da escola, ó, alguém trouxe... [...] quando começaram a vir estes livros em português, até a própria Hilda trouxe [Hilda Flores] e depois mais um senhor de Venâncio, seu Wazlawovsky trouxe muitos livros, ei li li a ferro e fogo, ele me trazia, eu tenho essa imagem bonita dele, ele me trazendo livros para ler e depois qu eu comecei a trazer meus meu alunos p cá..uma vez eu fiz um trabalho com eles, procurar livros e deixava eles olhar, mexer, explicava sobre a outra escrita e deixava eles olhar. (IOLANDI SCHMIDT, 60 anos).

[...] e uma coisa que me chamava muita atenção, [...] era aberto né, então o Sr. Albrecht me dizia que.. me chamou atenção.. tava cheio de massinho de cigarro vazio enfiado no meio dos livros e um dia fiquei olhando praquilo...daí pensei.. vou perguntar pra ele pra que que é isso...ele catava... as pessoas fumavam e jogavam maço de cigarro fora e ele ajuntava e por dentro tinha mais um forro assim ao redor do cigarro e ele enfiava isso tava tudo cheio...e eu perguntei para ele porque que era aquilo e ele disse que era para espantar as traças . O cheiro do tabaco, do tabaco...para espantar as traças...imagina as tecnologias q eles se lançavam mão para preservar as coisas, então são coisas assim que eu vivenciei e me chamavam muito atenção. (IOLANDI SCHMIDT, 60 anos).

[...] então ele assim [Otto Albrecht] eu até me tinha esquecido, achei assim muito bom, que ele disse assim: ‘mas a, este rapaz ali um dia vai ser uma pessoa que vai gostar da leitura, porque sempre tá com o vô junto ali, ela muito curioso’. E eu sempre tive muito respeito pelas pessoas de idade né, então quando eles conversava ali..eu não sentei do lado e parapapá daquela conversa fiada, no meio assim né..então quando eles fizeram pergunta para mim, eu respondi né e então eu sempre gostei do que o velho me gabou muito, diz ele assim: ‘tu vai ser um leitor um dia, tu vai gostar de ler, eu sei que tu tá interessado’, então a gente assim não recorda mais muita coisa, mas sempre gostei da leitura. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Às vezes o seu Albrecht, quando era aquela época, pessoas que vieram às vezes de longe, porque todo o associado tinha direito de pegar livro, mesmo que de outra localidade... então ele sempre tava ali e aquelas pessoas que não vieram domingo de manha e o Otto ali tava ali de tarde então ele vinha junto, porque sempre tava chaveado, ninguém podia entrar aqui é, então ele pegou a chave e entregou o livro Também domingo de tarde sim. Só que agora nem domingo de manhã nem de tarde não tema mais nada e é uma pena porque olha, porque pessoas que talvez não se interessa..mas tem outros divertimentos né...tem muita, como eu já falei, pessoas que vão para outros lugares, uma novidade lá, uma novidade cá.. e por aqui longe que eu me recordo assim eu vi [...] em Santa clara, eu vi uma biblioteca lá , claro é maior como essa aqui, mas eles não tem aqueles monte de livros em alemão, mais livros em português então. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos).

Também com relação à II Guerra:

Ora... tinha muita problema no tempo da guerra o governo brasileiro recolheu estes livros que eram escritos em alemão , levaram junto e até queimaram e ninguém não ler mais em alemão então não tinha mais procura o pessoal não sabia ler em brasileiro e não entraram mais, era proibido, então a biblioteca muito tempo era meio parada assim, mas nesse tempo que permitem de novo ler em alemão aí entra livros de novo, em alemão e em brasileiro hoje em dia o pessoal já lê em brasileiro, sabe ler, naquele tempo não lia [...] levaram p Venâncio e nem deram resposta o que qui aconteceu com os livros, mas desapareceram, foi em 1938 [...] Aquele dia eles recolheram, aqui na escola também [...] foi a policia de Venâncio, eles vieram e recolheram o que qui eles acharam...era contra eles recolherem tudo [...] não sei porque tanta raiva da língua alemã. (EDMUNDO DATTEIN, 87 anos)

Sentimento para com o abandono da biblioteca:

Pra nós, como se diz assim pouca adianta ter essa biblioteca ali, nós temo que mante, nós temos que limpa..eu e minha esposa, várias vezes já estivemos ai dias e dias, limpemo livro por livro, escovemo e coloquemo até um produto que eles trouxeram lá de Venâncio aquela vez por causa do bichinho cupim então é pra nós e uma coisa que pouca adianta isso ali, cada vez se diminuiu mais cada vez se perde mais.. eu sempre tava a favor [...] de doar isso para museu, mas os veio não aceitaram, de jeito nenhum! [...] os sócios, aqueles velhos todos bahh, falando com esse senhor aqui [Otto Albrecht, bibliotecário]. Meu Deus! Até ali 'isto nós conseguimos, com muito esforço, com muito sacrifício e agora (tinha pessoas mais jovens né) e vocês jovens, vocês querem agora abandonar tudo?' Mas estão hoje tão naquele ponto, hoje cheguemo naquele ponto [de abandono]. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Na narrativa acima, Carlos esclarece que, para ele e a esposa, os livros representam um trabalho dispendioso pelo estado deteriorado do acervo, como também pela perda gradativa dos livros, sendo preferível a remoção dos livros para um museu. Suas últimas palavras retomam o apego dos livros pelos velhos sócios, principalmente o ex-bibliotecário Otto Albrecht, que enfatiza o esforço e sacrifício do povo em conseguir aqueles livros àquela época, mostrando indignação com os jovens que já demonstravam indícios de abandono aos livros, que hoje está concretizado.

4.4 AS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA

Os entrevistados contribuíram de forma significativa nas respostas ao objetivo que fundamenta essa subseção – identificar as atividades realizadas por meio da biblioteca e seu papel junto à comunidade. As entrevistas constituíram depoimentos

únicos, pois não há, especificamente, registro documentado referente às atividades práticas realizadas na biblioteca comunitária. Nas atas da Sociedade constam em suma, as eleições para o cargo de “bibliotecário” e alguns registros de compra e doação de livros, até onde a leitura dos manuscritos possibilitou entendimento dos textos, tanto em alemão como em português. O papel da biblioteca comunitária àquela época pode ser constatado pelas narrativas dos entrevistados e atualmente, por algumas entrevistas e observações participantes, em paralelo com a vida na Sociedade.

Quanto às atividades realizadas pela Biblioteca Comunitária da A.L.C.J de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, todos os entrevistados expressaram que a única atividade realizada envolvia o empréstimo de livros realizados pelo atendimento ao público nos domingos pela manhã, até meio dia, único dia que a biblioteca ficava aberta. Durante a semana, enquanto as atividades sociais ocorriam normalmente na Sociedade, a biblioteca comunitária estava sempre chaveada, pois era zelada pelos seus sócios, tamanho apreço pelos livros, conforme Carlos Schubert Filho, 66 anos: “Sempre tava chaviado.” Iolandi Schmidt, 60 anos reforça esta questão, ao recordar da biblioteca sempre fechada e a proibição de criança adentrar na mesma:

[...] da minha infância escutava falar da biblioteca, mas eles tinham um cuidado que no tempo que eu estudava aí na escola agente não tinha acesso a biblioteca que aquilo parecia coisa dos adultos porque eles tinham um cuidado tão grande que acho que criança não podia entrar aqui, eles cuidavam muito, porque eu não tenho lembrança minha, porque ela tava sempre fechada aqui quando a gente vinha aqui, não podia entrar aqui porque ela era a biblioteca..a gente nota, não era por mal, mas o cuidado que eles tinham com isso,

Alguns depoimentos quanto ao atendimento aos domingos:

Só leitura praticamente [...] domingo de manhã o véio Otto tava aqui dentro e daí o pessoal vinha, pegava os livro, isso tinha que trazer livro também, tudo era anotado certo, o número do livro, tudo e devolvia e pegava outros. (ALCIDO POHL, 53 anos)

Óia... eu só posso dizer que um sempre cuidava daquilo né, depois ele faleceu , colocaram outro aqui e sempre tava organizado. (EVALDO RICHTER, 83 anos).

As atividades [...] o divertimento era só ler e cantar e por isso eles acharam importante ter a biblioteca [...] e o pessoa tinham que pedir lá, eu tô interessado naquele livro e o bibliotecário tomou nota do nome e tudo e também ele tinha que dar uma carência para ficar com o livro para devolver

de novo e quando ele devolveu o bibliotecário tinha que declarar que ele devolveu e passar para um outro..assim foi de mão para mão. (EDMUNDO DATTEIN, 87 anos)

[...] eu era muito criança e nova na época, mas pelo que eu sei das pessoas mais antigas que eles tinham bibliotecários responsáveis q vinham em domingo porque tinham serviço deles durante a semana e domingo eles vinham aqui...e tinham registro esses livros devem existir por aqui, porque era registrado da maneira deles, mas era feito o registro [...] (IOLANDI SCHMIDT, 60 anos)

Só tinham empréstimo, eles não faziam atividades relevantes, algum evento. (JONES RICHTER, 31 anos).

Retirava só domingo de manha. Às vezes, eu me recordo, eu não sei, pena que a gente..eu falo o que é verdade.. tinha 20, 30 pessoas, até mais pessoas em fila para pegar livro. Isto eu tenho certeza, certeza, quando este velho era o bibliotecário o Sr Albrecht então era impressionante aquilo, as pessoas, eles às vezes pessoas que vieram e olha 'eu vou pega ligeiro na sociedade pegar um livro, vai ter visita dispois', então não tinha, tinha que por ordem.. 'ó tu veio mais tarde, tem que espera lá' [Albrecht], então pessoas até pessoas deixaram assim, aquele domingo de manhã e não levaram o livro junto 'eu volto no outro domingo, eu tenho compromisso em casa, eu tenho visita' e foram embora sem o livro mas voltaram domingo seguinte né! (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Pelas falas acima, nota-se o zelo que as pessoas da comunidade tiveram para com a biblioteca, os livros, o seu interesse em obter aquelas leituras, já que formavam filas para empréstimo, o controle e rigorosidade que o “bibliotecário” Otto Albrecht exercia em sua função. Quanto às filas de vinte, trinta pessoas, Carlos Schubert Filho, 66 anos contextualiza:

E tinha naquela época, a gente tinha 20 anos, 25 anos [1972] eu me recordo aquele senhor, o do meio ali domingo de manhã era o dia então que as pessoas pegavam livros. O Ottó Albrecht era o bibliotecário ele tomava nota né de cada, como cada um, cada livro era numerado né, ele tirava a nota e botava no livro assim e tu tinha prazo de 30 dias 60 dias e se o livro não vinha de volta 30 dias 60 dias ele aviso, olha, passou 30 dias 60 dias, eu preciso do livro!

A numeração dos livros citada acima pelo senhor Carlos, é a numeração registrada na folha de rosto dos livros, conforme explicado na seção 4.3.3.2 – O catálogo: análise de composição (p. 60). Os demais entrevistados confirmam em suas narrativas, o prazo de 30 dias para empréstimo dos livros. Quanto às coleções, Carlos Schubert Filho, 66 anos, recorda que “[...] tem coleção com 498 páginas era 60 dias ou mais ainda [prazo de empréstimo], mas os livros comuns assim, de 100 folhas, 150, 30 dias.” As coleções, com prazo de 60 dias para empréstimo, demandavam até 2 anos para serem lidas na íntegra:

[...] então tinham as coleções que começavam com um livro 500 páginas, 498 páginas né então os velhos pegavam os livros assim e continuavam a ler né..então ficava tão curioso quando chegava o fim daquele livro né e que qui continua aquele outro livro né então eles passavam aquela coleção e lia todos os livros né, e todos os livros tinha 7 e 8 numa coleção e talvez anos, 2 anos eles liam para passar todos os livros né e então aquela vez não sei, as pessoas não tinham outra alternativa não tinha televisão não tinha nada e então o negocio era leitura. Mas hoje então olha, é uma pena. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos).

Quanto aos registros de empréstimo e devolução, Carlos Schubert Filho, 66 anos, aborda a existência de um livro de registro de empréstimo, organizado alfabeticamente, com os nomes dos usuários. Quando o leitor escolhia seu livro, o “bibliotecário” procurava o nome do leitor no “catálogo”, por ordem alfabética, e no campo respectivo, anotava o número do livro e o nome do leitor:

Pena que eu não posso te mostrar como funcionava, tinha assim o A B C tatatá na então, vamos supor Carlos [...] tava escrito ali né, então cada livro tem um número, tá numerado né [...] na frente assim do livro tinha o ABC, então para arrumar o Albino, só no A ali que tava [era pelo nome das pessoas]

Edmundo Dattein, 87 anos, também menciona a existência do livro de empréstimo: “Tinha um caderno que eles registravam isso que tal fulano pegou esse livro e esse livro pra devolver [...] procurava pelo nome, ele retirou, ele procurava tal livro e tinha que assinar o nome... isso era compromisso dele devolver depois.”

O livro de controle de empréstimos não foi localizado na biblioteca, segundo o Sr. Carlos Schubert Filho, 66 ano, o livro “[...] então aquilo desapareceu, eu não sei!” Flores (1983) indica que o livro de controle de empréstimos chegou a apontar mais de oitenta leitores assíduos até a década de 40. Multiplicando os oitenta leitores por cinco se leitura em família, denota importância e o gosto pela leitura.

O empréstimo de livros, inicialmente, se restringia somente aos sócios, o que depois foi aberto às pessoas de localidades vizinhas, conforme os depoimentos dos entrevistados. Para ilustrar esta situação, têm-se a fala de Carlos Schubert Filho, 66 anos:

O livro era só para aquele pessoal que era sócio [...] hoje não [...] então foi feita uma ata que estranhos também podem pegar livros ali, não sendo sócio pode pegar, só que tem uma coisa, por exemplo eu tenho um parente [...] que não é conhecido da diretoria, aí eu tinha que ser tipo assim um

fiador, tinha que falar por ele, olha, eu garanto ele pega os livros mas é questão de 30 dias, 60 dias tem que devolver.

Às vezes o seu Albrecht, quando era aquela época, pessoas que vieram as vezes de longe, porque todo o associado tinha direito de pegar livro, mesmo que de outra localidade..então ele sempre tava ali e aquelas pessoas que não vieram domingo de manha e o Otto ali tava ali de tarde então ele vinha junto, porque sempre tava chaveado, ninguém podia entrar aqui né, então ele pegou a chave e entregou o livro também domingo de tarde sim. Só que agora nem domingo de manhã nem de tarde não tema mais nada e é uma pena porque olha, porque pessoas que talvez não se interessa..mas tem outros divertimentos

Os depoimentos acima reforçam o zelo da comunidade para com seu acervo peculiar, a biblioteca sempre chaveada e o controle rigoroso de entrada e saída de matérias.

Os livros em atraso eram cobrados pelo “bibliotecário”, que por vezes se dirigia pessoalmente ao devedor, em sua residência, ou enviava bilhetes. Para exemplificar:

Então ele anotava tudo [...] pessoas meio relaxadas, então depois quando ele não trouxe o livro a primeira vez no prazo prometido, a próxima ‘ó tu sabe, aquela vez tu demorou demais, tem que trazer o livro na hora certa’ [...] e viu, antigamente aqueles livros que ultimamente se perderam aqui, antigamente não tinha isso, o velho é muito rigoroso [Otto Albrecht]. Antes desse aqui eu não sabia quem era o bibliotecário [...] mas era muito rigoroso. Isto tinha tanto valor pra esses velhos a biblioteca que vocês não imagina. Eles então adorava, eles domingo de manhã veio com a sacola deles e compravam um refri e ficavam ali até meio dia, e às vezes tinha gente até as 12 horas, sempre tinha gente. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Eu até me recordo quando Sr Otto era bibliotecário [...] tinha um parente meu [...] que queria um livro, só que esse livro não foi trazido de volta em 30 dias, aí ele morava do outro lado também, meu vizinho, aí ele passou lá em casa, quando ele foi para casa domingo antes de meio dia diz ele: ‘ô padrinho vem cá (diz ele assim) aquele teu parente não trouxe o livro de volta, faz um mês’ [...] eu avisei ele, ele ‘aí eu tinha esquecido’ né..aí domingo seguinte esse [...] trouxe esse livro, e assim foi várias vezes, que as pessoas se esqueceram e diziam que iam levar semana que vem ou quatorze dias, ele é muito impertinente. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

[...] ele falava verbalmente ou mandava um bilhete para as pessoas ‘senhor prometeu de trazer o livro que esse pessoal queria’, né! (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Quanto à localização dos livros nas estantes, os relatos se assemelham. Edmundo Dattein, 87 anos, diz que livros estariam organizados por assunto “[...] o bibliotecário tinha uma lista era igual a cartório, que tem os livros de guerra, os

imigrantes e aqui os outros, e tudo tinha um bilhete em cima que explicava né, isso o bibliotecário tinha [...]” e as coleções alojavam-se reunidas: “Todos eram sempre separados [...] uma estória que tinha 9, 10 livros até terminou aquela história e sempre ficava junto, guardado cada pacote tinha um bilhete para saber o que qui constava [...] e tinha até livros que tinha música, cantos né, era separado.” O leitor escolhia o livro título, presente na narrativa: “Eles levaram junto em casa e toda família poda ler [...] ele foram procurar e eles olhavam o titulo do livro e escolheram.”

Iolandi Schimtd, 60 anos relata que os livros “[...] não tinham muita separação o bibliotecário tinham conhecimento se os livros eram de história, romance, enciclopédia, coleções, mas não tinha catalogação, nunca teve alguém formado aqui para fazer esse estudo que tenha conhecimento.”

A assiduidade da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, foi diminuindo e o acervo, relegado a patrimônio cultural. As narrativas dos últimos “bibliotecários” vivos Carlos Schubert Filho, 66 anos e Jones Richter, 31 anos, indicam a queda de assiduidade dos sócios:

[...] porque então O seu Otto era o bibliotecário depois eu e meu primo e meu padrinho Rudiberto Pohl, ele assumiu, ficou doente, aí eu assumi, uns quantos anos né...então eu domingo de manhã não perdia um domingo..domingo de manhã, fazia meu serviço em casa, eu vinha pra cá e cuidei ai tinha algum movimento ainda eu vou dizer o que, cindo, dez pessoas que vieram né e trouxeram, pegara livro né..só que cada ano, diminui ..então até eu acho que hoje tem uns 3, 4 livros que tão fora ainda e alguns livros, depois quando o seu Pohl era o bibliotecário, alguns livros não vieram mais de volta e como eu já falei, o Luiz Bugre [livro que Sr. Carlos gostava] em alemão e em português não voltaram mais e assim acho que vários livros faltam ali. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

A partir de 2005, 2006, até 2011 mais ou menos, eu me envolvi com a biblioteca, mas já não havia mais movimento também. Ninguém mais retira mais livros para ler porque os livros que tem aqui, que estão escritos em alemão gótico, ninguém mais sabe ler. Aí tinha um senhor que doou uns livros de histórias, que estão escritos em português, mas ninguém tem interesse em ler estes livros também, porque são assim livros que quem precisa estudar ou ler, não são esses livros que eles precisam sabe, então a leitura hoje em dia é pouco praticada, então cada um lê o que realmente precisa ler, a gente vê aqui na nossa região que ninguém lê por esporte, por lazer... todo mundo só lê, os jovens que estudam inclusive, eles leem por necessidade, então eles leem só aquilo que eles precisam ler e muita dessa bibliografia que eles precisam ler quando eles estudam, não se encontram aqui, são livros digamos ultrapassados, ou que sei lá, não fazem parte. (JONES RICHTER, 31 anos)

Os motivos do progressivo abandono da Biblioteca da A.L.C.J de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS é explicado por Carlos Schubert Filho, 66 anos comparação:

[...] naquela época não tinha televisão, não tinha moto, não tinha nada então as pessoas se interessavam mais pela leitura então hoje tem a juventude hoje tem a maioria tem moto e carro né... eles passam ali sábado de tarde eles passam em quatro, cinco localidades, em tudo que é lugar.. eles passam num município, noutra município antigamente não tinha isso então eles era mais obrigado a ficar mais assim no lugar., mas hoje tem muitas outras coisas, outros divertimentos que eles não se preocupam mais com os livros.

Atualmente, a Biblioteca Comunitária da A.L.C.J de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, continua com suas portas fechadas, como quando era no ápice do seu funcionamento, das filas de leitores nos domingos pela manhã. O zelo pela biblioteca e pelo seu acervo peculiar, por algumas pessoas, continua, por outras, não. Enquanto isso, a vida na Sociedade segue seu rumo, tão ativo quanto antigamente, expresso no relato de Evaldo Richter, 83 anos:

Óia, sábado de tarde todos nós viemos aqui [...] jogar carta, canastra, bocha, um tempo antes joguemo bolão, agora o bolão parou, eu também tava junto no bolão, agora só canastra e bocha, bocha ainda funciona. Futebol e [...] lá em cima não tem mais nada, tudo parou, não tem mais comércio [...] então nos viemo aqui, as mulherada tem seu jogo de bolanzinho de mesa, clube de mães, a minha filha [...] eu fui 8 anos o presidente da nossa terceira idade, dispois entreguei.. e segundo presidente ainda sou. Hoje que nós tinha o almoço [dia 30 de maio de 2013, como todo o ano no feriado de Corpus Christi, ocorre almoço comemorativo da terceira idade, foi o primeiro dia de coleta de dados orais], mas o outro presidente, meu primo que fez isso né, dispois o coral ainda funciona se tu tem uma festa conforme tem a bisneta até tá junto cantando, tá com 14 anos [...] a mãe dela também tá junto né. (EVALDO RICHTER, 83 anos)

4.5 A IMPORTÂNCIA DO ACERVO E DA LEITURA

A importância do acervo em alemão, da Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, para os habitantes da comunidade, é expressa tanto em relação aos sócios atuais da Sociedade, como aos seus antepassados. Aos antepassados, é aferido:

Bem aquela época olha eu vejo assim, os nossos antepassados, assim, bom isto aqui não tem mais quase pessoa de idade ali, então isso praticamente todos liam o alemão e sabiam ler né então alguns aprenderam

dos pais, dos vós e como eu aquela vez também aprendo um pouco e depois ficou fora né..eles tava interessados porque desde de infância mal sabia e depois foram aprendendo e acharam que era um livro muito bom para ler o alemão mesmo, mas o alemão mesmo, escrito em alemão né, não o latim, então eles ficaram assim, ficaram assim. Não sei e era uma novidade para eles..saber ler o alemão, né! (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Na narrativa acima, é frisada a identidade dos antepassados com a língua alemã e o prazer que o aprendizado da língua, por vezes transmitida entre a família, significava, fortificando vínculos familiares e, conseqüentemente, a identidade. A leitura do acervo aparece como novidade, descoberta. Com relação à atualidade, Carlos Schubert Filho, 66 anos explana em relação ao acervo que: “Nós temos que manter e lutar, limpemos livro por livro, apliquemos produtos, mas cada vez diminui mais, eu queria doar ele mas os véio não deixaram porque eles que construíram.” Retomando a ideia dos antepassados ascendentes e o interesse pela leitura dos livros em alemão, a situação atual de manter e limpar o acervo, instiga o desejo de se desvencilhar do mesmo e como contraponto, o apego das atuais pessoas idosas com relação ao acervo, como apropriação do mesmo, fundamentada no labor investido na aquisição dos livros e/ou formação da biblioteca.

Evaldo Richter, 83 anos, atribui a importância do acervo em língua alemã “[...] como uma recordação hoje em dia para a juventude, os antepassados organizaram esses biblioteca aqui e funciona ainda hoje assim, assim... pra os juventude se lembrar e contar um pouquinho os antepassados.” Este relato, além da memória aos antepassados, colonizadores, indica a importância em se deixar um legado cultural aos jovens.

Alcido Pohl, 53 anos atribui o acervo a um “[...] patrimônio [...] é um orgulho pra nossa comunidade ter isso aqui, preservar isso aqui, mas é por isso né!” Alcido salienta que não lê os livros em alemão, para ele, não tem utilidade, mas considera o acervo como patrimônio da comunidade, um orgulho.

Iolandi Schmidt, 60 anos considera o acervo uma relíquia para os leitores:

Pra eles devem ter sido uma relíquia né, pra mim não porque na época eu não sabia ler né, mas hoje eu sei ler alemão também. Claro que tem muito linguajar que a gente tem que recorrer ao dicionário, mas para eles deve ter sido uma relíquia uma coisa assim muito fantástica eles terem isso pra lançar mão quando eles queriam ler né!

Edmundo Dattein, 87 anos, considera o acervo um importante passatempo, frisando seu possível término devido à publicação atual de livros na língua portuguesa: “Ora isto eu acho que é mais para os velhos que existem ainda, ter um passatempo né, porque eram acostumados, gostavam de ler e por isso com o tempo, vai terminar porque depois é mais só o livro escrito em língua brasileira [...]

Jones Richter, 31 anos, considera que os livros significavam para os imigrantes um refúgio aos seus problemas, um alento à distância de sua terra:

As pessoas liam esses livros e as pessoas se entrosavam, ficavam mais alegres, buscavam forças nesses livros para superar os seus problemas por que eles tinham muitos problemas para superar toda esta vinda, imagina só! Eles vieram para cá, eles se desligaram de seus familiares lá [...] as pessoas sofriam com isso, elas tinham que buscar alguma coisa pra se distrair, para esquecer, pois além de se desligar de seus familiares, os imigrantes encontraram muitos problemas aqui...quando eles chegaram aqui, eles viram que as condições de vida não era toda aquela propaganda feira pelo governo. Então eles tinham que trabalhar muito pesado [...] eu penso que principalmente estes livros contribuíram para dar um novo impulso, um novo ânimo para os imigrantes, para que eles superassem toda aquela problemática de vinda e de adaptação ao lugar. Eu acho assim, que com a leitura deles, eles acabavam lendo, eles acabavam se distraindo, acabavam tendo um novo animo para a vida deles.

Quanto à importância da leitura Carlos Schubert Filho, 66 anos coloca que: “Não tinha outros muitos divertimentos, eu sempre era uma pessoa muito curiosa, sempre gostei de novidades e que qui aconteceu há muitos anos atrás, como é que era tatata... [...] e hoje é difícil de falar, porque para nós manter isso ali [...]” Carlos prossegue explanando que sempre gostou de ler e atualmente gosta ainda mais, como também relaciona a importância da leitura com a atividade de “bibliotecário” quando exercida: “[...] se tivesse agora aquela vez [quando bibliotecário] uma pessoa que tivesse me ajudado, hoje talvez a gente tinha muito mais informações sobre isso né, mas com a gente não deu para continuar aquela vez então...pudesse ajudar a ler alemão seria bom.” Outra

Evaldo Richter, 83 anos retoma às lembrança aos antepassados, com relação à leitura, apesar de não ler livros em alemão: [...] Eu não leio os livros alemão mas se alguém ler eu tô achando os antepassados como é que foi que sacrifício eles tinha p construir uma sociedade.

Alcido Pohl, 53 anos, lembra-se de seu pai, que com assiduidade conversava com um vizinho sobre os livros lidos em alemão, histórias que o mesmo gostava de escutar: “[...] naquele tempo era importante que meu pai [...] eu me interessei sempre

das estórias que contavam nesses livros eu sempre fiquei bisbilhotando assim, a conversa deles [...] assim, se falavam o tempo todo, todos os domingos tomavam chimarrão [...]"

Edmundo Dattein, 87 anos denota a leitura como fonte de informação, conhecimento e entretenimento, constituindo também um meio eficaz de diálogo, de trocas sócias:

Olha, pois é, o que eu vou te dizer, é porque a TV a gente tá com nojo porque quando ligam a TV, tem só roubo, tem assalto, essas coisas... então e eu to mais interessado em ler um livro que escreva alguma outra coisa que mais me interessa. Eu gosto de ler, se vocês me encontram, se eu não to dormindo, não to trabalhando eu to lendo [...]

[...] sempre tá por dentro das coisas que acontecem né porque se aconteceu ontem alguma coisa hoje eu vou saber no jornal, aí eu fica sabendo de tudo né, alguém que não lê, aí eu posso contar, fazer uma conversa com ele, ó eu li na jornal e aconteceu isso e isso, vai acontecer e por isso tenho muitas coisas assim, a maioria também em alemão [...]

O mundo como um livro aberto é significado por Iolandi Schmidt, 60 anos:

Meu deus, o mundo é um livro aberto, é um mundo na frente, a gente viaja com o livro, eu adoro ler, [...] gosto muito de ler, eu leio muito e acho que todos deveriam ler mais porque hoje em dia a TV tira muito dos nossos jovens, por isto muitos não leem porque é muita informação mal informada né e um livro é tão gostoso ler um livro, então eu tô sempre lendo. Pena que aqui a gente não tem livros assim que a gente poderia... mas nós temos a nossa Biblioteca pública em Venâncio [...]

Em um sentido similar, Jones Richter, 31 anos, coloca que a leitura:

[...] é importante pra tudo, sem ler [...] a leitura leva a gente pra outros lugares o mundo imaginário da gente fica mais maior, mais amplo, o vocabulário da gente aumenta, a gente adquire muitos conhecimentos. A leitura é muito importante para qualquer pessoa, para assim...para aumenta o EU de cada pessoa.

Sobre a importância em manter o acervo em alemão, Carlos Schubert Filho, 66 anos, pontua que: "Pois é se tivesse pessoas ainda, mas eu acho que o alemão, hoje para nós aqui na realidade, não traz benefícios nenhum, não vale a pena segurar."

Já Alcido Pohl, 53 anos, considera que a comunidade deve manter o acervo, pois "[...] é uma coisa que os antecedentes trouxeram, enquanto nós puder preservar, eu acho que é importante nós preservar, acho que tem que ser assim."

Evaldo Richter, 83 anos, considera importante manter o acervo na língua alemã, em comparação às coisas antigas que devem ser guardadas devido ao legado histórico, familiar, social que remetem:

Óia, eu acho sim, eu lá em casa também sô assim os antepassados e as coisas velhas q meu pai tem, tinha , tão guardados ainda, não não deixo tirar entreguei para meu filho agora e ele tá guardando p mim... até trouxeram um retrato grande de meu avo que os outros não queria e tá pendurado lá na parede da onde que nós pertence nem conhecia , ele não chegou a ter netos, faleceu cedo mas tinha família e as coisas q meu pai tinha naquele tempo seja uma coisinha pequena ou uma outra coisinha como um pequeno material tá lá guardado, eu não deixo tirar [...] para ter... pensar um pouco a juventude o que qui os velhos, como eles trabalhavam [...]

Edmundo Dattein, 87 anos, atribui a importância em manter o acervo à existência da língua alemã no Brasil, ressaltando a importância da biblioteca:

Eu acho importante enquanto que ainda existe a língua alemã aqui no Brasil e eu acho que talvez vai melhorar de novo porque muitos jovens estão estudando [...] tem aulas alemão né, para não desaparecer a língua, então eu acho interessante a biblioteca.

Iolandi Schmidt, 60 anos, considera a peculiaridade do acervo como fator importante para sua manutenção.

Eu acho [...] que foi tantos anos... cento e poucos anos que tá aqui né, eu acho que nós, nossos que vem depois de nós que tem que manter esta cultura, que tem que manter isto, porque é uma coisa que poucas localidades, acho que raríssimas do nosso estado tem né, então eu acho que tem que preservar sim e tem que ter esse cuidado porque é uma coisa bem histórica e cultural né.

Jones Richter, 31 anos, pontua...

[...] de certa forma sim e também acho assim se é p ficar só aqui estocado como patrimônio é complicado né, havia até uma época que o museu de Venâncio, eles estavam interessados em levar este acervo para lá, isso já faz alguns anos [...] lá os livros seriam bem cuidados, armazenados e tudo. Se fosse perguntar para mim hoje, eu de certa forma seria favorável, mas ainda tem pessoas idosas, principalmente pessoas mais idosas, que são contrários a isso né, porque mexe com as raízes deles e as pessoas mais idosas ainda tem as raízes mais próximas aos seus antecessores, do que as gerações mais novas né, então é sinal meio contraditório. O que vou dizer? Eis a questão né? Porque da forma como eles estão aqui [livros], eles estão aqui como um patrimônio morto, é um patrimônio histórico, importante sim, mas é um patrimônio [...] estocado. Então por esta questão eu fico pensando, até que ponto será que isto é importante sabe, porque

tem pessoas que não dão valor, para eles, tem muitos jovens, que nem sabem muito da existência desta biblioteca aqui, dão não dão valor, não querem saber, tem outros interesses sabe , então fica assim esta questão.

Evaldo Richter, 83 anos, atribui o significado da leitura do acervo em alemão para os habitantes de Andréas, como fonte de informação sobre a vida na terra pátria, assim como no Brasil: “Óia tinha muitos alemão que veio da Alemanha isso aquilo, que eles tinham recordação da Alemanha e se lembrava [...] e tinha recordação pra eles como era lá e aqui.”

Edmundo Dattein, 87 anos, atribui o mesmo sentido que Evaldo Richter, mas com relação à importância do acervo:

Muitas vezes tinha comentário naquele tempo era assim e assim na Alemanha... mas só por papo né, então eles pegaram um livro [...] então isto era interessante para eles né, para saber porque que eles saíram da Alemanha, que a guerra era demais e por causa de guerra o meu bisavó veio para o Brasil por causa da guerra né era preso lá e como na Alemanha não podia sustentar, alimentar todos esses presidiários aí eles eram satisfeitos quando eles podiam abrir as cadeias e mandar todo mundo embora né e então eles gostariam de saber por escrito se foi mesmo assim, assim, e por isso eles eram interessados de ler né, naquele tempo, o passatempo era ler e cantar

Alcido Pohl, 53 anos considera a leitura do acervo como “[...] o divertimento deles [...] um divertimento que eles tinham, que nem hoje tão jogando carta, bocha e coisa, eles davam mais valor para os livros eles gostavam mais disso, aí eles liam, foi ali mais o divertimento deles [os livros era o divertimento].”

Já Jones Richter, 31 anos a leitura dos livros em alemão para os habitantes de Linha Andréas: “Foi um antidepressivo... para os imigrantes, o que é hoje uma antidepressivo né, deve ter sido naquela época.”

4.6 AS MOTIVAÇÕES EM MANTER A BIBLIOTECA

A fim de contemplar o sexto objetivo específico deste trabalho – quais as motivações da comunidade em manter a biblioteca aberta à população local – indagou-se aos entrevistados, questões referentes à importância em manter a biblioteca na comunidade, como esta poderia ser usada novamente e quais atividades que os entrevistados gostariam de ver sendo desenvolvidas na biblioteca.

A importância em manter a biblioteca aberta, está presente na relação das pessoas idosas com o espaço da Sociedade, que desde sempre se concretizou como palco das mais diversas atividades culturais e de entretenimento exercidas pelos sócios, como também o zelo por aquele ambiente e acervo que representam as lembranças aos antepassados:

[...] temos várias pessoas ainda hoje assim de 60 anos, 70 anos, um pouquinho mais, que hoje tem aquela intenção dos velho né...vamo mantê, vamo segurá, porque há muito anos que isto está funcionando.. há 120 anos sempre funcionou o coral, leitura, [...] e sempre teve diretoria, ecônomo na Sociedade aqui né. Então pessoas que acham assim que nuunca vai ser abandonado, a biblioteca...que nós temos que manter, nós temos que cuidar o que os antepassados trouxeram pra nós ali né. (CARLOS SCHUBERT FILHO, 66 anos)

Eu acho que sim..é pena desmanchar tudo assim, os antepassados tinha, fizeram a força pra ficar e guardar e acho que nós podemos ajudar pra ter e guardar um pouco. (EVALDO RICHTER, 83 anos).

Alcido Pohl, 53 anos, ex-presidente da Sociedade, relaciona a importância em manter a biblioteca aberta devido ao acervo antigo e à peculiaridade da biblioteca:

Eu creio que sim né ué, até pelo conhecimento de muitos lugares que quase não se acha isso aqui, é difícil achar uma biblioteca no interior assim, cuidar de livros tão antigos para preservar isso aí, quanto tempo a gente vai conseguir fazer isso aí não se sabe né, acho que enquanto der para manter assim, tem que manter

À luz da importância de manter a biblioteca aberta, Jones Richter, 31 anos, atenta para a relação de pertencimento dos sócios para com a biblioteca, expressa na primeira frase da sua fala, mas com temeridade de repreensão caso pontuasse o contrário. Em seguida, afirma que é importante manter a biblioteca na comunidade e por fim, alerta para os cuidados que esta mereceria para tal:

Ah, se eu vou dizer que não, alguns vão querer minha cabeça hahah [é a tua opinião para investigação] ...com certeza, com certeza é importante manter ela aqui! Porque é aqui que ela tem as suas raízes! Se a gente for pensar pelo lado correto, não tem nem cabimento tirar ela daqui e levar ela para Venâncio, para o museu, por mais que a gente saiba que lá ela esteja bem cuidada e tudo, só que não faria sentido, só que ao mesmo tempo também, a gente sabe que manter ela aqui é complicado... porque manter ela aqui como patrimônio histórico ela precisa ter cuidados, ela precisa ter uma armazenagem ideal, para que ela não se estrague ao longo do tempo.

Jones Richter, 31 anos, remetendo a biblioteca como patrimônio histórico em sua narrativa anterior, retoma esse “conceito” com relação à próxima indagação - como a biblioteca comunitária poderia vir a ser usada novamente – afirmando que a biblioteca dificilmente voltaria a ser utilizada, estabelecendo um comparativo entre as ocupações dos habitantes da comunidade quando da imigração e as atuais, em que as pessoas não teriam tempo disponível para se envolver com, novamente patrimônio histórico, que não saberiam ler:

Difícilmente, dificilmente eu acho que ela vai ser usada de novo. Todo mundo de repente teria esse interesse sim, mas ao mesmo tempo a gente vê que [...] todas as pessoas estão envolvidas com muitos compromissos hoje e cada vez mais... as pessoas tem compromissos com o seu trabalho, as pessoas tem todo o seu tempo quase comprometido então sobraria muito pouco tempo para as pessoas se envolver novamente com a biblioteca, que nem antigamente, naquela época, nos finais de semana, as pessoas não tinham muito parentesco para visitar, até porque os parentes ficaram lá na Boêmia [Alemanha] então o que eles iriam fazer no final de semana? Não tinha TV, não tinha rádio...então as pessoas tinham que se envolver com alguma coisa. Hoje em dia existem muitas coisas [...] que as pessoas tem que se envolver, seja por intermédio das suas profissões [...] e depois o tempo livre que as pessoas tem, as pessoas querem se envolver, mas com outras coisas... não é assim de interesse das pessoas se envolver com um patrimônio histórico que elas não vão saber como manusear ou enfim, como ler [...]

Jones prossegue sua fala cogitando a possibilidade de um acervo novo em português interessar às pessoas da comunidade, mas estabelece que ainda assim seria difícil, traçando um perfil da comunidade:

De repente com um acervo novo, em português , acessível..e ainda seria difícil [...] porque muitas poucas pessoas nem se interessam na leitura, mesmo a maioria das pessoas aqui, elas não continuaram seus estudos, [...] são pessoas mais humildes, as pessoas que continuaram seus estudos, elas saíram daqui, alguns que estudaram mais então, são professores, que permanecem aqui [...] as demais pessoas que estão aqui não tem interesse em praticar a leitura [...] as pessoas querem jogar, querem beber, querem fazer festa, querem dançar, menos ler.

Carlos Schubert Filho, 66 anos Em resposta à pergunta sobre como a biblioteca comunitária poderia vir a ser usada novamente, faz alusão à colocação de Jones, quanto ao que poderia ser o desinteresse pela leitura: “[...] uma pergunta difícil de responder, se a juventude não se interessar mais, acho que vai ser muito difícil.” Edmundo Dattein, 87 anos, expressa o mesmo ponto de vista de Carlos: “[...] eu acho que com o tempo, se a juventude não começa a se interessar de ler em

alemão, aí acho que vai... vai se terminando. Isso depende da juventude, se a juventude está interessada de continuar [...]"

Alcido Pohl, 53 anos atribui a solução ao ensino de língua alemã as escolas, com as crianças:

É difícil dizer, mas acho que a pessoa precisa aprender a ler realmente os livros, praticamente porque aqui hoje na comunidade tem pouca gente que consegue ler..uns livros que olha, não sei se tem alguém que consegue ler aqui em alemão gótico ninguém consegue ler, mais é por isso. E pra isso, pra mudar isso, teria que se começar com os guri, com as crianças que vão hoje na aula, mas isso demora até 20, 30 anos talvez para acontecer, pra mudar um pouco isso aí, pra ter o estudo em alemão mesmo né, porque assim é difícil de pegar o livro lá, não tem como, eu consigo ler umas palavras, mas é, pra ler e entender certo.

Evaldo Richter, 83 anos, gostaria de obter ensinamentos sobre os livros:

Óia, isso um ou outro que venha talvez.. ensinar um pouco né, explicar um pouco né dos livros isso aqui porque agora aqui, da nossa parte, ainda mais pra baixo, tem poucos que sabem ler as letras da língua alemã [...] nossa região todo mundo fala [...] muita diferença não tem [do alemão falado e escrito] mais nós fala principalmente a língua alemã [...] simples [*Hunsrückisch*].

Evaldo Richter, 83 anos, reafirma sua colocação anterior, agora relacionada às atividades que gostaria de ver sendo desenvolvidas na biblioteca: “[...] eu gostava de ficava cuidando e eu aproveitava um pouquinho melhor como to aproveitando agora, aproveitar um pouquinho melhor os livros agora né. Dar uma explicação sobre os livros.”

Carlos Schubert Filho, 66 anos, que foi “bibliotecário” do local afirma: “Que a biblioteca funcionasse de novo? Ahh, com certeza! Eu ia assumir de novo, enquanto eu pudesse, enquanto Deus me desse saúde.”

Alcido Pohl, 53 anos, fala que: “Seria interessante que voltasse esse de antigamente que o pessoal vinha, pegava os livros e lia, mas sei lá, é difícil que vai acontecer, mas não sei, talvez.. talvez aconteça” .

Edmundo Dattein, 87 anos atribuiu ação de conservação da biblioteca para fins de pesquisa: “[...] na biblioteca... ah pelo menos conservar para se mais tarde se tem alguém que gosta de saber das coisas antigas que ela está conservada aqui. Eu acho que eles renovaram as prateleiras, aquilo tudo, eu acho que está bem, ultimamente nem olhei mais.”

Jones Richter, 31 anos, narra indecisão quanto às atividades que poderiam ser desenvolvidas na biblioteca, mas converge para a questão da certeza de algo a ser feito, mas com dúvida a que atividade:

De repente, olha, eu não sei também, não sei te dizer, não sei de repente que tipo de atividades poderiam ser desenvolvidas, mas certamente seria interessante sim que fossem desenvolvidas algumas atividades, mas precisariam ser atrativas, precisariam atrair o público..e daí fica a grande questão, que tipo de atividades seriam atrativas para o público.

Iolandi Schmidt, 60 anos, professora aposentada e atual responsável pela biblioteca, sintetizou em seu discurso, as três perguntas que atendem este objetivo – quais as motivações em manter a biblioteca aberta à população local.

Com relação à primeira pergunta, quanto à importância em manter a biblioteca na comunidade, Iolandi Schmidt, 60 anos, induz à realização da atividade de hora do conto, que poderia ser realizada na Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, aludindo esta atividade a uma ação realizada na escola de seu ofício, ressaltando a resposta positiva dos alunos atendidos:

Eu acho importante, mesmo através de não sei de que recurso... da cultura, conseguir mais livros [...] eu estou disponível, estou aposentada agora, se eu pudesse faria a hora do conto com os alunos aqui quando as senhoras jogam cartas aqui temos duas vezes por mês bolãozinho, tem clube de mães [...] não me custa reunir crianças, estabelecer uma idade, tudo isso são projetos que agente já pensou... e conseguir através de convenio, um projeto, através da cultura, conseguir livros de historia que ainda nossos jovens poderiam retirar. [...] Quando eu era diretora aqui da escola, vinte e poucos anos, eu tirava meu mês de férias ou em janeiro, ou em fevereiro, [...] então eu me revezava com minha merendeira e a gente deixava dois ou três dias [...] onde à tarde era, nas férias, ou de manhã, unicamente para trocar livros na nossa biblioteca, que eu tinha muitos livros na biblioteca e olha que essas crianças vinham trocar livros e a gente exigia alguma resposta também dos livros que eles liam, alguma pergunta a gente fazia, não para dizer que eles vinham só para escola para trocar livros, porque eles liam mesmo né [...] e a gente tinha sempre sempre a biblioteca funcionando no mês de férias, porque no interior é assim, termina a aula, dezembro os alunos ficam assim...até março né. E aí eu abri essa brecha de tantos dias por semana a biblioteca estava funcionando e eu estava lá e era feito com registro tudo e eles assinava e era um prazer para eles. Uns chegavam a pegar até pegar dois livrinhos porque era longe o que eles caminhavam e eles vinham e contava isto para mim e isto seria um sonho meu levar isso adiante aqui! Porque na escola não posso mais, lá está fechado. Se eu conseguiria livros do interesse das crianças, porque esses aqui infelizmente não são.

Com um olhar mais concreto, Iolandi Schmidt, 60 anos, expressa a maneira como a biblioteca poderia vir a ser usada novamente, por meio da hora do conto:

Isso [a hora do conto] é uma coisa que eu gostaria de fazer, mas pra isso eu dependo de verba, de outros recursos pra conseguir, porque eu já me via com esta parede aqui, com livros que viessem ao encontro das crianças pequenas, de seis a dez, doze anos né, que daí eu faria até, eu agora iniciaria esse trabalho e ia fazer eles retirar livrinhos aqui com registro e tudo exigia alguma coisa em troca também, deles, que eles tinham que me devolver alguma coisa, faria hora do conto, porque a hora do conto é tão interessante pras crianças né...então seria uma maneira de voltar um pouco ao passado de fazer a biblioteca funcionar de novo, porque assim ela tá meramente como um patrimônio que tá aqui... é triste dizer mas morto né!

Com referência às atividades que se gostaria ver sendo desenvolvidas no espaço da biblioteca, Iolandi Schmidt, 60 anos, complementa suas narrativas anteriores:

[...] se isso fosse realmente se concretizar [a hora do conto], trazer uma bibliotecária de fora, uma pessoa de fora [...], ela viria apresentar uma palestra, hora do conto, teatro seria uma maneira de ativar mais essas coisas assim, culturais, porque eu sempre fui muito adepta a isso, muito fã das coisas que me chama assim, soube que nós temos aquele coral, que aqui é bem legal o nosso coral, [...] que não perde para os corais da cidade...é muito bom isso. Então aqui já teve assim bastante coisa cultural [...]

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteca Comunitária da Associação de Leitura e Canto Jovialidade, de Linha Andréas, RS, constitui um tipo singular de biblioteca caracterizada pelo seu acervo em língua alemã e alemã gótica, o que lhe confere tal peculiaridade. Foi formada pela e para a comunidade. Atualmente configura-se como um lugar de memória, que reforça os laços comunitários entre os membros do grupo e também um espaço que celebra a origem de um passado comum, fortalecendo os laços identitários da comunidade.

A importância da comunidade em manter a biblioteca e o seu acervo denota zelo pelo patrimônio material constituído, além de ser um meio de fruição e entretenimento. É uma das marcas do pertencimento do grupo. O sentimento de pertença se expressa através do querer manter as raízes culturais, ligadas ao passado e à terra já distante geograficamente, mas presente nos hábitos, costumes, na memória, presentificadas através das atividades de entretenimento, canto e o gosto pela leitura.

A organização dos “bibliotecários” em registrar e controlar os empréstimos de obras, em manter a biblioteca “chaveada”, mas sempre disponível quando necessário denota a preocupação das pessoas se em conservar o patrimônio cultural da Biblioteca Comunitária da A.L.C.J, e portanto, a sua memória.

A apropriação da Associação de Leitura e Canto Jovialidade, de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS, localizada geograficamente em Linha Santana, pela comunidade de Linha Andréas, como lugar próprio da localidade, denota o valor simbólico que a biblioteca possui no sentido de que se constitui um monumento e um documento que auxilia na manutenção e no enraizamento da cultura alemã pela comunidade que sempre a reverenciou. Por meio da biblioteca e de seu acervo é possível manter vivo na memória dos moradores os sentimentos de pertencimento e sua identidade cultural.

Hoje, a Sociedade permanece viva, sendo usada quase diariamente por seus sócios como um espaço de sociabilidade onde se realizam os encontros, as confraternizações, as trocas de ideias e os compartilhamentos de valores entre os membros da comunidade. O espaço social reúne os membros para cantar mensalmente nos ensaios do coral, os sócios para jogar cartas, bolão, tomar cerveja e chimarrão. Este ambiente de convívio e entretenimento constitui um espaço

híbrido onde convivem os traços e as marcas da cultura alemã e a cultura gaúcha. Nele é comum conversar em alemão e não em “brasileiro”, pois a *Deutsche* é a única língua ouvida na sede.

O coral da comunidade, fruto da antiga e solitária Sociedade de Canto *Frohsinn*, continua a ecoar suas vozes na língua alemã *Hunsrückisch* com outros dialetos e “brasileira”, pelos cantos e recantos de sua sede, pelos velórios por meio dos hinos fúnebres, nas festas da comunidade e nas comemorações, nos encontros de amigos. A biblioteca comunitária, possuidora dos laços da identidade cultural do povo alemão da antiga pátria, formada nesta colônia, que há aproximadamente trinta anos “chaveou-se” em sua própria língua, fica relegada a seu espaço nesta sede que por último a acolheu, esquecida pelo hábito da leitura, mas presente como patrimônio cultural. Representa dessa forma a volta a um passado de outras terras, da língua, da cultura e da leitura, reforçando laços identitários por meio do seu acervo em língua alemã, mantendo viva para alguns as lembranças de seus ascendentes, seus antepassados, a vida antes da Guerra e assim, continuamente prossegue, fortalecendo a identidade cultural da comunidade local, sua memória social.

Observou-se uma tensão na comunidade em relação à permanência do acervo na Sociedade. Alguns sócios manifestaram o desejo de que os livros, principalmente aqueles eternizados pela angulosa escrita gótica fossem retirados daquele local, pois consideram que ali estão “mortos”. Outros sócios, de idade mais avançada, pensam que eles devem permanecer ali, pois o acervo é parte de sua história, é um patrimônio que pertence a eles e a comunidade, sua biblioteca secular.

Portanto, a manutenção e permanência da memória social é o resultado de lutas de interesses e processos complexos que envolvem as relações de poder entre os grupos sociais que disputam no espaço social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997.

ATA, 21, 1948, Venâncio Aires. **Livro de Atas**. Sociedade Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas. 1919-1952. No prelo

ATA, 35, 1989, Venâncio Aires. **Livro de Atas**. Sociedade Leitura e Canto Jovialidade de Linha Andréas. 1986-1992. No prelo

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Angela Maria. Leitura: suas categorias de produção de sentidos nas novas e antigas formas de acesso à informação. In: CARVALHO, Kátia de; SCHWARZELMÜLLER, Anna Friedericka (Orgs.). **O ideal de disseminar**: novas perspectivas, outras percepções. Salvador: EDUFBA, 2006.

BASTOS, Gustavo Brandini. **Bibliotecas comunitárias em discurso**. 2010. 158 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/sites/default/files/BIBLIOTECAS%20COMUNIT%C3%81RIAS%20EM%20DISCURSO%20GUSTAVO%20GRANDINI%20BASTOS.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2013.

BERND, Zila. O papel da memória. In: RIOCELL. **A Magia do Papel=The Magic Paper**. Porto Alegre: Marprom, 1994. p.12-27.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia; FEITOSA, Luiz Tadeu. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Lilinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 121-130, mar. 2011.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; DA VIA, Sarah Chucid. **Pesquisa empírica em Ciências Humanas**: com ênfase em comunicação. São Paulo: Futura, 2002.

DENZIN, Norman k.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman k. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carminda Nogueira de Castro. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Canção dos imigrantes**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, UCS, 1983.

GESANG VEREIN FROHSIN SAMPAIO WURDE AM 3 JANEIRO 1892, 1892, [Venâncio Aires]. **Chronik des Gesang und Lesevereins "Frohsinn" Ober-Sampaio**. 1892-1942. No prelo.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Estudo de caso**: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil**: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

HENRY, Paul; MOSCOVICI, Serge. **Problèmes de l'analyse de contenu**, *Langages*, Paris, FR, v. 3, n. 11, p. 36-60, set. 1968. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1968_num_3_11_2900>. Acesso em: 5 jun. 2013.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAIPÉLT, Rita do Carmo Ferreira et al. Biblioteca comunitária e telecentro: unidos na busca da inclusão social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** Porto Alegre: FEBAB, 2005.

LOYON, Henry R. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MACHADO, Elisa Campos. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)-Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>>. Acesso em: 3 jan. 2013.

_____. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-84, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/420/283>>. Acesso em: 4 jan. 2013.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso**: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1995.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2013.

POMIAN, Krystof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2000.

PRADO, Heloísa de Almeida. **Organização e administração de bibliotecas**. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VENÂNCIO AIRES. **História de Venâncio Aires**. 2012. Disponível em: <http://www.pmva.com.br/site/home/pagina/id/62/?Historia_do_Municipio.html>. Acesso em: 21 jun. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VENÂNCIO AIRES. Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão. **Mapa dos Distritos**: 3 Distrito – Deodoro. Venâncio Aires, 4 out. 2011.

PROTOKOLL , 9, 1898, [Venâncio Aires]. **Chronik des Gesang und Lesevereins “Frohsinn” Ober-Sampaio**. 1892-1942. No prelo.

PROTOKOLL , 21, 1909, [Venâncio Aires]. **Chronik des Gesang und Lesevereins “Frohsinn” Ober-Sampaio**. 1892-1942. No prelo.

PROTOKOLL , 22, 1910, [Venâncio Aires]. **Chronik des Gesang und Lesevereins “Frohsinn” Ober-Sampaio**. 1892-1942. No prelo.

PROTOKOLL , 38, 1917, [Venâncio Aires]. **Chronik des Gesang und Lesevereins “Frohsinn” Ober-Sampaio**. 1892-1942. No prelo.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 2010.

RICHTER, Jones. **Conhecendo Linha Andréas**: Venâncio Aires. Venâncio Aires: [s.n.], 1998. No prelo.

RICHTER, Jones et al. Um pedacinho da Alemanha em Linha Andréas. **Folha do Mate**, Venâncio Aires, 27 dez. 2007. Folha distritos. p. 7

SARTI, Rosa Maria; GUIRALDELI, Imalda; VICENTINI, Luiz Atilio. **Pimple**: projetos de implantação de pontos de leitura – bibliotecas públicas e comunitárias. Revista

Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 17, n. 3/4 p. 7-23, jul./dez. 1984.

SCHMIDT, Hermann. Gesang und Leseverein 'Frohsinn' in Ober Sampaio. In: **SAMPAIO, zum 50 Jährigen Jubiläum, 1873-1923**. Tradução: Hilda Agnes Hübner Flores. [S.l.:s.n.], 1923. No prelo.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: papyrus, 1986.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, p. 17-24, jan./dez. 1988.

THIESEN, Icléia. Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção do conhecimento. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS. **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. Rio de Janeiro: MCT, 2009.

TREVISAN, Armindo. Uma viagem ao princípio. In: RIOCELL. **A Magia do Papel=The Magic Paper**. Porto Alegre: Marprom, 1994. p. 30-54.

UMANN, Josef. **Memórias de um Imigrante Boêmio**. Tradução e notas: Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: EST, Nova Dimensão, 1997.

VENÂNCIO AIRES. Gabinete do Prefeito Municipal de Venâncio Aires. Lei n^o 3.809, de 26 de outubro de 2006. Dá nova redação e consolida a legislação que dispõe sobre a delimitação dos Distritos de Venâncio Aires e dá outras providências. **Câmara Municipal**, Venâncio Aires, 26 out. 2006. Disponível em: <http://www.camaravenancioaires.com.br/img/leis/lei_090714-100325.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2013.

VERRI, Gilda Maria Whitaker. **Templários da ausência em bibliotecas populares**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

VOGT, Olgário Paulo; GELLER, Cristine. Paisagem natural. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.). **Abrindo o baú de memórias: o Museu de Venâncio Aires conta a história do município**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

WESSFLL, Cyntia Silva. **Bibliotecas comunitárias e cidadania: uma aproximação teórica**. 2011. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37502>>. Acesso em: 18 set. 2012.

YIN, Robert k. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA****Termo de consentimento livre e esclarecido**

Eu, _____, declaro estar devidamente informado e de acordo em participar da entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “A Memória Social e a Identidade Cultural: um estudo de caso sobre a Biblioteca Comunitária de Linha Andréas, em Venâncio Aires, RS”, realizada pela Aluna Ana Paula Sehn, do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de colaborar para a pesquisa em questão, autorizando a utilização das informações por mim prestadas.

As entrevistas serão transcritas e os nomes dos sujeitos da pesquisa serão expostos, devido às características socioculturais do estudo.

Assinatura: _____

Nome: _____

Local e data

Pesquisadora: Ana Paula Sehn

E-mail: anapsehn@gmail.com

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista por pautas

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Data da entrevista: _____

- 1) O que você sabe sobre a imigração alemã em Venâncio Aires e na localidade de Linha Andréas.
- 2) O que você sabe sobre a história da formação da Sociedade de Leitura, Canto e Jovialidade de Linha Andréas?
- 3) Conte o que você sabe sobre a origem da biblioteca.
- 4) Fale sobre a importância da biblioteca para os habitantes que a frequentavam
- 5) Quais recordações pessoais que você tem da biblioteca?
- 6) Quais atividades eram realizadas por meio da biblioteca?
- 7) Para você, qual era e qual é a importância desse acervo em língua alemã para os habitantes da comunidade?
- 8) Qual a importância da leitura?
- 9) O que significava, para os habitantes de Linha Andréas, a leitura desse acervo em alemão?
- 10) Você acha importante manter esse acervo em alemão? Porquê?
- 11) Você acha importante manter a biblioteca na comunidade?
- 12) Como você acha que a biblioteca poderia vir a ser usada novamente?
- 13) Quais atividades que você gostaria de ver sendo desenvolvidas no espaço da biblioteca?